



Cartas
do
Fabricio

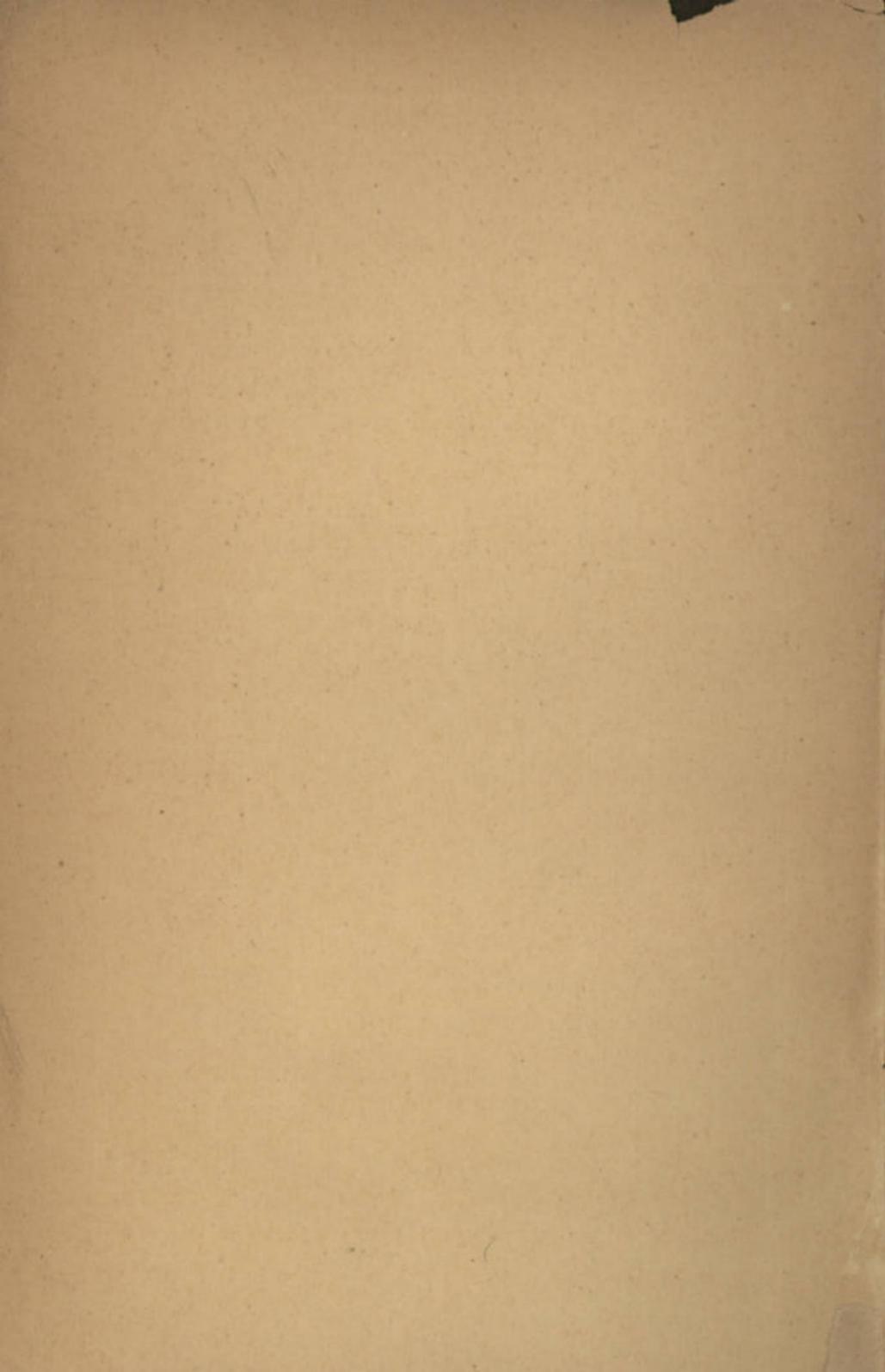
POR

VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA



AILLAUD, ALVES & C.
PARIS — LISBOA





L.

13706

Cartas
do Fabricio

DA MESMA AUTORA:

A FADA TENTADORA — Livro para creanças. Pref. de D. Maria Amália Vaz de Carvalho — 1 vol. illustr.

COMO DEVO GOVERNAR A MINHA CASA — Adaptação e modificação do livro italiano de G. Ferraris Tamburini — 1 vol.

COMO DEVEMOS CREAR E EDUCAR OS Nossos FILHOS — 1 vol. illustr.

TERRA BEMDITA — 1 vol.

TRABALHO BEMDITO — Romance. 1 vol.

CAPITAL BEMDITO — Romance. 1 vol.

FÉ — Romance. 1 vol.

COISAS QUE EU PENSO — 1 vol.

A MULHER — 1 vol.

PARA A BIBLIOTHECA DOS MEUS FILHOS:

CEU ABERTO — 1 vol.

EM PLENO AZUL — 1 vol. illustr.

PELA TERRA E PELO AR (Noções de entomologia) — 1 vol. illustr.

AS LIÇÕES DO ANDRÉ (Noções de sciencias) 1 vol. illustr.



Cartas
do
Fabricio



56883

POR

VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA



AILLAUD, ALVES & C.^a

PARIS — LISBOA



L.
13706

Todos os exemplares são rubricados pela autora

Virgínia de Castro Alencar.

R
1870 b L.

PREFACIO

De vez em quando apparece entre a minha correspondencia um sobrescripto grande, quadrado, branco, onde o meu nome se desenha em caracteres firmes.

É uma carta do meu velho amigo Fabricio.

O Fabricio nasceu e foi creado n'um meio aristocratico, monarchico e catholico, no qual o advento da Republica exacerbou até ao fanatismo as ideas tradicionaes que dormitavam, vagas e indolentes, no fundo das consciencias; as viagens, o estudo e a razão do meu amigo não lhe permittiram porém acceitar como normas de vida preconceitos e preceitos que lhe pareceram absurdos.

Respeita e admira as tradições da sua raça em tudo o que ellas teem de bello e de nobre, mas não lhes sacrifica a consciencia. Collocou-as religiosamente no fundo da sua alma como se collocam n'uma estante de museu objectos antigos e preciosos, que tiveram a sua grande utilidade, mas hoje deixaram de servir porque as condições de existencia mudaram.

Os amigos aconselhavam-n'o:

«Que diabo, homem! Sé como toda a gente!»

Mas o Fabricio abanava a cabeça. Tinha a idea arreigada de que a consideração ostensiva dos outros o não compensaria de perder a estima de si proprio. Não quiz ser como toda a gente.

Foi o que o deitou a perder.

Uma vez, disse-me:

«Hoje em dia, bem vé, ninguem tem como ideal que, depois de morto, o esvasiem, o recheiem de ervas aromaticas, o embrulhem em tirinhas de panno e o mettam n'uma sala cheia de objectos preciosos, sob uma pyramide de enormes blocos de pedra; seria ridiculo e absurdo. O que não impede toda a gente culta de admirar a civilização egypcia.»

Os seus comprehenderam o caso da pyramide, mas indignaram-se ao saber que elle fôra ferido na Rotunda.

Que elle não desejasse no throno de Portugal D. Manoel II, quando os seus antepassados tinham arriscado a vida por D. Manoel I, que fosse partidario da expulsão das congregações quando alguns dos seus maiores tinham sido familiares do Santo Officio, eram coisas que não cabiam na mente dos da sua raça.

O seu primo coirmão, representante do nome e da casa, declarou-lhe dogmaticamente:

«Para a gente da nossa raça, a moral é só uma».

O Fabricio ficou perplexo. Pensaria o seu primo que elle tinha muitas? E essa «uma» seria a

que ordenou a fuga precipitada do rei e dos seus amigos perante um punhado de revoltosos? Seria a que presidia aos destinos do paiz antes da Revolução? Seria a dos familiares do Santo Officio, seus ascendentes?

O meu pobre amigo perdia-se em conjecturas. Aconselharam-n'o então a que fosse passar um anno n'um sanatorio da Suissa: dado por doido passava a ser inoffensivo.

Levantou-se porém uma difficuldade: o meu amigo sentia-se calmo, sereno, de uma perfeita lucidez. Teimou em não partir; e, como a insistencia dos outros se tornasse perigosa, recorreu a varios psychiatras que declararam perfeito o seu estado mental.

Não podendo dal-o por doido, lançaram-lhe então a calunnia que avançou a rastejar muito suja e torpe, como é sempre o seu costume. Um homem com a reputação perdida é quasi tão inoffensivo como um mentecapto.

E o pobre Fabricio, que sempre fôra respeitado pela sua vida exemplar e pelos seus costumes austeros, passou a ser considerado reprobado por todos os parentes e amigos dos parentes.

Magnanimamente o seu primo aconselhou-o a que fosse para o Brazil; facilitava-lhe tudo.

Era preciso que se ausentasse para «deixar esquecer.»

Mas o Fabricio que não tinha remorsos na consciencia e cujo crime era apenas conceber a vida de um modo que o seu meio ultra-conservador

não comprehendia nem queria comprehender, nada encontrava nos seus actos que precisasse de ser esquecido... e ficou.

Se eu não contasse tudo isto, as cartas do Fabrício não teriam grande interesse.

Assim tornam-se menos vulgares. São escriptas por um homem que viveu n'um meio especial, anachronico mas interessante. Observa com imparcialidade, as pessoas e as coisas que o rodeiam.

Olha para o passado com uma vaga nostalgia, e sem azedume. Conta as suas reminiscencias e as suas impressões, simplesmente, como um viajante que, tendo subido ao alto de uma montanha, de lá avistasse as cidades por onde passou, onde deixou pedaços do coração, mas onde já ninguém o conhece...

Virginia de Castro e Almeida.

Abril de 1914.

A nossa terra

Escrevo-lhe de Lisbôa, minha querida amiga ; de Lisbôa onde cheguei ha um mez e que não visitava ha muitos annos. Encontrei-a mudada.

A Lisbôa de hoje, apezar dos seus atrazos, dos seus passinhos curtos e hesitantes de velhota burguezia um pouco estonteada com a vertigem do progresso, apezar das surpresas da democracia que a embriagaram ao de leve como um vinho generoso e forte, ainda que vagamente nostalgica do capote e lenço e dos aparatos devotos da procição do Corpo de Deus, tem lampejos de *coquetterie* e diligencia por um esforço prodigioso enfeitar-se, burnir-se, cuidar-se, movida por um instinctivo pavor de não estar á altura da situação nova que lhe crearam.

Certas mulheres conseguem á força de cosmeticos, de unguentos, de carmim, de pó de arroz, de agua oxigenada e de tinturas de toda a especie, dar frescura á pelle e côr ao cabello, chegando a illudir-nos. Ora a nossa bonacheirona Lisbôa tem agora o capricho de as imitar e na

verdade, com algum exito, ella que no fundo é a pessoa menos mundana e mais pacata da terra.

«*Noblesse oblige!*» diz ella desde que sabe falar francez.

E empertiga-se toda, crava os olhos na grande divindade *a Moda* e... lá vae!

Nada escapa então ao seu olhar agudo de lynce, ao seu appetite insaciavel de imitação: os grandes armazens com os saldos espantosos, as continuas liquidações, as *occasiões* e os reclamos; as lojas de modas requintadas e caras com modelos authenticos de Paris; as casas de fructas, de *primores*, de flores; os *five o' clock* nas casas de chá apinhadas de gente bem vestida... Abre novas e largas avenidas, illumina as suas ruas e praças, ergue novos monumentos, precipita e multiplica o movimento das arterias principaes, espalha as mulheres elegantes que passam no fundo dos automoveis de luxo ou atravessam a pé o Chiado embrulhadas em pelles carissimas, em amplos casacos de velludo, ostentando prodigiosos chapéus com penachos mirabolantes, deixando ver a cada passo, pela abertura alta da saia, uma perna onde se estica a meia de seda transparente, um pé pequenino e torturado pela altura do salto á Luiz XV...

Nos theatros ha de tudo; desde a tragedia e a alta comedia até á revista de gosto duvidoso e de espirito equivoco. E ha concertos symphonicos, e muito Wagner, e muita litteratura, e animatographos sem conta, e conferencias, e saraus artistici-

cos, e exposições, e inaugurações de escolas, e bodos a pobres, e reformas de ensino, e immensas leis novas, e festas patrioticas, e greves, e tumultos, e bombas, e roubos, e crimes passionaes, e pornographia, e vicio... tudo!

Lisbôa não quer ser em ponto algum inferior ás outras cidades civilizadas. Apesar de não ter grande queda para a choreographia, reage com uma heroica força de vontade contra as dores rheumaticas que de ha muito lhe tolhem as articulações, e aprende com entusiasmo o tango argentino.

N'outros tempos, quando tinha a cabeça ainda recheada de teias de aranha, talvez hesitasse, receando a excommunhão do Papa; mas agora, que é livre pensadora, deixa lá de dançar o tango!

Lisbôa está cheia de coragem e de ardor. Falta-lhe um pouco de criterio, um pouco de bom senso. Mistura o bem e o mal, o bello e o horrendo; no seu entusiasmo copia seja o que fôr...

Mas não vale esmorecer. Esmorecer porquê? Roma não se fez n'um dia; e a nossa capital tem sobre as outras, vantagens que ninguem lhe póde disputar: emquanto ellas, no inverno, revestidas de espessos mantos de neve desolados e frios como sudarios, vão andando, pallidas, com os olhos sem brilho afundados nas orbitas negras, os labios roxos, os membros tolhidos e gelados, segurando com esforço a pesada cornucopia dos prazeres e do luxo, e vão deixando atraz de si um rasto largo e profundo de misería e de morte,

a nossa gorducha e rosada Lisbôa, apesar dos seus achaques, lá vae seguindo, envolta no oiro dos seus poentes, no azul do seu ceu luminoso, na transparencia da sua atmosphaera tepida, nos reflexos do seu Tejo de crystal, coroada de rosas, levando nos braços a sua cornucopia de prazeres e de luxo... muito mais leve do que a das outras, mas deixando apenas atraz de si uma miseria atenuada pela eterna primavera do seu clima.

As cidades como os homens, minha querida amiga, teem as suas feições muito suas e o seu character muito particular.

Cada uma possui o seu cunho proprio, qualquer coisa indefinivel que lhe confere uma physionomia e uma alma inconfundiveis.

Cada uma tem a sua atmosphaera, a sua côr, o seu perfume, o seu ruido.

Ha cidades parecidas; não ha cidades iguaes.

Encontramos por vezes aspectos, tonalidades, costumes, que não nos são desconhecidos. Quando nos occorre a idéa de uma grande cidade moderna e civilizada, lembramo-nos de Paris, de Londres, de Berlim; um ceu azul e profundo, uma bahia transparente e luminosa, evocam-nos reminiscencias de Napoles, de Genova, de Lisbôa. Estas cidades, teem certos caracteres communs, são como algumas pessôas, que á primeira vista nos lembram outras physionomias já nossas conhecidas, mas que não se confundem com ellas.

Ha cidades tristes ou alegres, intelligentes ou insignificantes; ha cidades vulgares e ha cidades

originaes, características, unicas, como Florença, Heidelberg, Veneza, Grenada.

Lisbôa, vista do rio, póde fazer-nos pensar em Genova ou Napoles; mas conhecendo-a um pouco, não é possível comparal-a a nenhuma d'ellas.

A côr de Lisboa não se encontra em nenhuma outra cidade, nem o seu ceu tão azul e tão puro, nem o rio que muda de aspectos e ora é calmo e limpido na sua tranquillidade, ora turvo, raivoso ou taciturno, como se trouxesse na alma atormentada, os remorsos das atrocidades commettidas pelas suas inundações.

Em nenhuma outra cidade do mundo se entornam sobre o casario os cambiantes côr de rosa e alaranjados, que escorrem ao longo dos edificios, que sobem na atmospheria como um halo, ou que descem a misturar-se com os tons glaucos do rio, quando sobre Lisboa incidem os ultimos raios do sol accendendo reflexos nas vidraças, nas cupulas, nas grimpas das egrejas, em tudo que é susceptivel de brilhar, de resplandecer, de contribuir com uma scintilla para a apothese da cidade n'aquella hora maravilhosa.

Do cimo da vasta escadaria, que desce até ao rio impregnada de melancolica imponencia, evocamos antigas e passadas grandezas, gigantescas figuras extinctas; tudo o que nos rodeia emana uma vaga, ineffavel nostalgia. Os pesados edificios pombalinos, repousando sobre as arcadas que guarnecem a praça, accordam-nos saudades de tempos idos, da magnificencia da côrte de D. Maria I, aquelle

mixto pittoresco de riquezas imperiaes, de costumes bizarros, de estreitas devoções, de ignorancia e de superstição, de cogulas fradescas, de procissões e de toiradas, de aparatos heterogeneos, que nos fazem pensar em côrtes barbaricas, em realezas exoticas. . . Coisas que provocam um sorriso leve, emquanto as ondas do Tejo, de mansinho, veem morrer aos nossos pés, marulhando de encontro aos degraus escorregadios e gastos.

Em tardes de Novembro, á hora fugaz do pôr do sol, desfilam perante nós miragens prodigiosas. Nos primeiros planos profusas pinceladas de Velasquez destacam-se metalicas, estridentes; alaranjados, purpuras, azues violentos, bruscas sombras, irradiações intensas de luz; e no afastamento, ao poente, para os lados do mar, onde o rio acaba, onde principia o infinito, onde o sol se afunda, as côres e as reverberações confundem-se, abraçam-se, misturam-se com o brazido do ceu, com o incendio das nuvens, e, n'essa grande confusão harmonica, julgamos ver uma colossal marinha de Turner.

Defronte do caes passa uma fragata, grave como se levesse no seio um mysterio, com a vela triangular, de um vermelho sombrio, immovel, enfundada, toda a embarcação envolta n'uma imponencia prestigiosa de lenda. Amarradas ao caes outras fragatas em repouso, bordadas de verde, de azul, de vermelho, erguem as prôas curvas; o arraes, enfaxado na cinta escarlata, descalço, com o barrete de lã verde enterrado na cabeça, typo de moi-

ro, rijo, esbelto, tisonado, baldeia o barco, enrola a vela. . . No fundo de uma fragata onde se prepara a ceia, a fogueira rubra tem bruscos estertores; eleva-se, na tranquillidade absoluta do ar, uma delgada columna de fumo, vertical, transparente, azulada.

Sobre as collinas da Outra Banda vem descendo um veu diaphano de nevoa cinzenta, que avança a pouco e pouco, esfuma vagamente a margem fronteira e torna mais accentuada a nota dominante de melancholia.

No Tejo afundam-se gradualmente os oiros e os escarlates do poente e a superficie do rio golpeia-se de laivos prateados.

Por cima da agua lustrosa, como uma lamina de aço fino, passa ao largo uma muleta de pesca deslizando com uma gracilidade infinita, desfraldando as innumeras velas n'um abandono de cysne cansado que se deixa levar á mercê da corrente e da brisa.

O rio, perto da barra, está ainda vermelho e estriado de oiro; o poente continúa afogueado, apesar do sol ter já desaparecido. N'este fundo de apotheose, os mastros perfilados tecem uma renda preta; e á nossa volta, longe e perto, n'uma agitação fremente e ininterrupta, as gaiotas passam, revoluteiam, elevam-se, tocam na agua, descrevem grandes circulos ás centenas, aos milhares; são frageis silhuetas inquietas, de um desenho subtil e meticoloso de pincel japonéz.

E por sobre o vastissimo rio de sonho, em-

quanto o crepusculo principia a crescer lá do nascente e vae turvando as collinas da Outra Banda onde se demoram ainda, moribundos, os côr-de-rosas pallidos e os roxos doloridos do poente... passam devagar, solemnes, com a sua doce immaterialidade de phantasmas, as grandes sombras do passado.

São primeiro as duzentas naus dos cruzados flamengos, allemães, inglezes, frankos, italianos que, de passagem para a Syria, parando no Tejo, aqui ensaiam as suas machinas de guerra contra o moiro...

E' a frota de D. João I partindo para Ceuta, levando os predestinados infantes, os admiraveis iniciadores da nossa gloriosa epopeia...

E' a linda Flôr do Mar do grande Bartholomeu Dias que lá vae deslizando rio em fóra, as velas enfunadas, ligeira como uma visão, n'uma sede immensa de desconhecido...

As quatro naus pequenas e rijas de Vasco da Gama baloçam sobre as aguas o seu carregamento de esperanças... E apenas ellas desapparecem, lá vae a armada poderosa do primeiro vice-rei da India; lá vae depois a de Tristão da Cunha onde embarca Affonso de Albuquerque, levando já a alma dilatada com a grandeza do seu sonho...

A epopeia desenrola-se, abre as grandes azas immortaes, phantasmagorica e rutilante de prestigio.

Agora é a figura colossal de D. João de Castro que parte, caminho do Oriente...

E entre a bruma começam a chegar, pançudas e abarrotadas de especiarias e pedras preciosas, as naus da Índia; e chegam também as naus do Brazil carregadas do oiro que se vae queimar nos altares de Odivellas...

O crepusculo augmenta. Os phantasmas gigantes diminuem de tamanho, perdem o esplendor, turvam-se a mais e mais.

Lá estão, lá estão, sobre as ondas escuras e tristes, as sombras envergonhadas da esquadra que leva um rei imbecil e medroso, uma rainha a estrebuxar em ataques de loucura, uma realza apodrecida e gasta, a tremer de pavor, a fugir do francez...

E é noite; apagaram-se as visões. Só lá no meio do rio se vêem os fanaes e o vulto rachitico do pequeno «Lidador»...

Uma das impressões mais caracteristicas de Lisboa é-nos fornecida pela graça esbelta, airosa e forte das varinas.

Activas, incançaveis, são as abelhas doiradas pelo sol radioso que as colora e as avelluda como aos fructos são que chegam a amadurecer sem que nada venha impedir a plenitude da sua perfeição.

Como é lindo vel-as no mercado do Aterro, de manhã, apinhadas como um enxame, confundindo as côres variadas dos lenços soltos sob os chapeus pequeninos e redondos, dos corpetes enfeitados, das saias de chita de grande roda apertadas nas ancas pela cinta negra, requebrando-se como bam-

bús, gritando, gesticulando em attitudes de uma graça livre e selvagem... e dispersando-se depois, a correr, com as canastras de peixe onde o sol fere reflexos de prata.

E lá vão... Pés descalços, artelhos finos, saracoteando os quadris, o busto de curvas firmes e dôces, esbeltas, direitas, as physionomias expressivas, desenvoltas, atrevidas, corajosas, espalhando-se pela cidade inteira, com os cordões de oiro e os corações de filigrana brilhando-lhes sobre o peito... Lindas boccas em flôr que lançam o pregão estridente como um grito de guerra e que vociferam improperios ao desgraçado que ouse atirar-lhes ao passar, um dito, um gracejo; olhos brilhantes, um pouco enigmaticos onde pairam vagos reflexos da alma carthagineza avida de lucros e que a colera incendeia e anima com bruscos clarões guerreiros... Amazonas de Lisboa, sereias das nossas costas, graciosas e cheias de harmonia como estatuetas de Tanagra, cheirando a maresia como as algas suas irmãs...

Á tardinha, quando termina o trafego do negocio, encontramol-as no caminho da fonte, nos bairros afastados onde habitam; vemol-as passar, nas tardes de inverno, cançadas e friorentas, com as saias de lã vermelhas, azues, côr de rosa, de tons estridentes de faiança polychroma, enroladas nos chales, embiucadas nos lenços, com o cantaro deitado de lado á cabeça, um ar grave de carpideiras egypcias, uma belleza pura e deliciosa de samaritanas...

Quem não conhece os pregões de Lisbôa, não conhece Lisbôa.

Ah! os lindos, melodiosos pregões, que são phrases musicaes originalissimas, variadas e persistentes, vibrando no ar luminoso com a encantadora obstinação de um *leit-motiv*, destacando-se do rumor e do borborinho da cidade. Uns são ainda remotas melopeias arabes, simples e barbas como cantos do deserto, outros elevam-se com a unção grave de musica sacra; por vezes são recitativos e tambem plangentes cantares repassados da morbida melancholia dos fados, ou gritos alegres de bailaricos cortando o ar em vibrações agudas.

E de manhã, de entre o ruido das ruas de onde sobe a alvorada dos pregões, como é delicioso ouvir os sinos, os sinos patuscos das egrejas, que saltam com uma voluvel e profana inconsciencia, dos trechos religiosos do Mez de Maria para uma aria do Trovador, do canto Gregoriano para um *pot-pourri* do Barba Azul, do fado para a Maria Cachucha, e d'ahi, para o «Olhae, olhae, examinae...» dos Sinos de Corneville!

Entre todas estas notas de belleza e de pittoresco haverá prazer maior do que ver passar o classico *burrinho* lisboeta, o *burrinho* gloriosamente refractario á civilização, que vae pelas ruas, philosopho, desprendido de todas as vaedades da terra, soberbo de indifferença pelas manifestações do progresso, por mais assombrosas que ellas se apresentem ao seu olhar sereno?

Nada o altera, nada o assombra.

Com o seu passinho curto e rythmico, resignado ou fanfarrão, silencioso ou atroando os ares com a sua voz desgraçosa, lá segue o seu itinerario, carregado com os fardos de roupa encimados pela anafada saloia, ou levando as cangalhas trasbordantes de hortaliças turgidas e multicolores, os ceirões de pão de milho, as caixas das *fressuras*, ou as vasilhas lustrosas do *azeite doce*...

E, ora pelas ruas solitarias, inundadas de sol e bordadas de erva dos bairros afastados, ora nas vielas mal calçadas, estreitas e escorregadias, dos bairros miseraveis, ora pelo Chiado e pela rua do Oiro, esgueirando-se entre electricos e automoveis, desabridos e provocadores... lá vae o burrinho desprezando a miseria e o luxo, as multidões e a solidão, immortal, o mesmo que existia ha cem annos e que d'aqui a cem annos existirá ainda para regosijo das gerações futuras que souberem guardar no coração devastado pelo furacão do progresso, uma migalha do bom e terno romantismo dos artistas, para quem a mais modesta nota pittoresca será sempre uma doçura no meio da banalidade da vida.

Esta carta vae longa, minha querida amiga, mas, falando-lhe tanto de Lisbôa, não resisto a contar-lhe uma impressão curiosa que tive um d'estes dias e que veio pôr em fóco deante dos meus olhos distrahidos, um dos mais caracteristicos typos da nossa terra.

Eram seis horas da tarde e encontrava-me sósi-

nho n'um gabinete de espera do ministerio das finanças.

Fui para a janella olhar para a enorme praça, para o rio, para a encosta onde as casas da cidade se escalonam como n'um presepio, dominadas pelo castello de S. Jorge.

Era já noite; em Novembro as noites começam muito cedo. No ceu todo negro, brilhavam umas scintillantes estrellas de inverno.

Os candieiros da iluminação publica espalhavam clarões esbranquiçados.

No meio da praça ergue-se a enorme estatua de D. José. Sobre o pedestal que á claridade fria da luz electrica, tinha uma brancura de mausoleu, o grande cavalleiro de bronze revestido pelo tempo de verde pompeiano, olhava, hirto e hieratico, a vastidão do rio.

Sob as arcadas, que correm em volta da praça até aos pavilhões quadrados terminando os edificios á beira do rio, vagamente illuminadas, circulavam os transeuntes, entravam e saíam nas repartições publicas.

Ao fundo da praça erguia-se o arco triumphal da rua Augusta, possante e massiço, elevando muito alto a sua curva terminal e sumindo no escuro do ceu o grupo de estatuas colossaes.

No rio constellado de luzes, a agua era negra e as ondas, muito de mansinho, vinham morrer na rampa do caes, com suspiros leves, n'um sussurro que, em intervallos regulares, subia como o ruido profundo de uma respiração.

Afastava-se do caes o vulto silencioso e rapido de um rebocador; approximava-se e atracava um dos vaporsitos da carreira soltando um silvo rouco. E os passageiros que vinham da Outra Banda, espalhavam-se na praça, apressados ou vagarosos, seguindo cada qual o seu destino, irradiando da escadaria e afastando-se em todas as direcções como as varetas de um leque.

Um ruido ligeiro no interior do aposento distrahiu-me d'estas minhas observações.

Voltei-me.

Um empregado do ministerio, fazendo telintar um molho de chaves, entrara com precipitação e procurava qualquer coisa nos armarios envidraçados, nas gavetas da pesada secretaria de castanho. E aquelle homensinho divertiu-me ainda mais do que os espectaculos da rua.

Era de meia estatura, de meia idade, de meia nutrição, de meia elegancia; havia porém uma qualidade que possuía largamente, superiormente, e que suppria com enorme vantagem a mediocridade do resto.

Ver os seus passos rapidos e circunspectos, o gesto redondo dos braços e o puxar dos punhos, antes de escolher a chave, o vinco da testa, os cantos da bocca repuxados n'uma careta de gravidade, o passar da mão pela fronte á Victor Hugo, os olhos que nunca me fitaram fingindo não me ver... mas que me espiavam na esperança de surprehenderem a minha admiração, todas essas coisas indefniveis e divertidas fi-

zeram durante alguns minutos a minha felicidade.

Mirava-o e remirava-o devotamente. Achava-o encantador de convicção e de candura. Revia-lhe anno por anno o passado inteiro, e a minha melancholia em frente de uma tal evocação, era vencida pelo espectáculo do intenso prazer, do goso profundo que lhe dava n'aquelle instante a sua *superioridade*.

Era um exemplar perfeito do *homem importante* por excellencia, que pullula na nossa burocracia; uma creatura prodigiosa que, desde a mais tenra infancia, olhara com deslumbramento para as fachadas do Terreiro do Paço e vira na sombra das Arcadas o Eden sonhado, a realização dos seus mais altos ideaes.

Era o ser perseverante que subira degrau por degrau as escadarias das repartições publicas, deixando cahir pelo caminho, aos bocados, como as pedras do *Petit Poucet*, a sua individualidade. E crescera á sombra das personagens illustres, ministros, directores geraes, chefes de repartição, contentando-se de os ver passar, de curvar a espinha, de abdicar opiniões, de lisongear as suas magestades caprichosas e supremas, feliz de lhes obedecer, de os satisfazer, copiando-lhes as attitudes, o timbre da voz, os olhares olympicos, os gestos nobres ou familiares, elevando-se assim no seu proprio conceito, a uma grandeza incalculavel.

Por fim sahiu do gabinete, sem olhar para mim,

dizendo-me porém com toda a eloquente mimica da sua *importancia*:

«Repara bem como piso este tapete, repara como sei manejar este molho de chaves, abrir estes moveis, fechar esta porta; repara como ando, como olho, como sei guardar o meu prestigio; admira como me agito á vontade e com imponencia n'esta atmospherá sagrada... e reconhece, tu que não és ministro nem sequer empregado publico, tu que vives fóra d'este ambiente augusto, reconhece que ao meu lado, és pó, terra, cinza e nada!»

Para estes homensinhos, o mundo divide-se em duas classes; elles, os beaguins d'el-rei (sempre os beaguins d'el-rei!) que partilham ou imaginam partilhar da magestade do poder, e nós outros que lhes pagamos os ordenados para que dormitem sobre as carteiras das repartições; elles são creaturas privilegiadas, nós somos a turba.

Todas as convulsões politicas, desde o absolutismo até á republica democratica passaram sobre a burocracia portugueza sem lhe alterarem em nada o character.

Aqui está uma coisa, querida amiga, que se encontra em singular contradicção com a theoria do Povo Soberano.

Como Portugal teria a ganhar se as suas revoluções se não fizessem apenas nas ruas, mas tambem, e sobretudo, no espirito da sua administração!

O ex-Antoninho

Querida amiga

Escrevo-lhe esta carta que servirá de complemento ás notas que lhe enviei de Lisbôa.

Encontrei hontem á porta da Havaneza um conselheiro que não via ha cinco annos. Da ultima vez que estivemos juntos, lembro-me d'elle me dizer dogmaticamente e com um grande ar de protectora indulgencia para a minha deploravel mediocridade:

«E' preciso ler Stendhal. *Le rouge et le noir* é o romance mais bem feito do seculo XIX.»

O tal conselheiro que me falava assim é um juiz chocado na provincia, e que, transportado para a capital, ainda não conseguiu vencer o assombro causado no seu espirito pelos aspectos da civilização.

Como não é tolo, tratou de marchar galhardamente com os *outros*, tentando romper atravez das linhas dos simples soldados afim de se collocar entre o estado maior.

O estado maior foi sempre o objecto dos seus sonhos. Nada o seduzia mais na vida; era uma

especie de deslumbramento, de extasis, a sua admiração pelos que se encontravam nas primeiras filas. Não discutia o modo pelo qual as insignias dos marechaes tinham sido conquistadas; para elle os factos consumados eram tudo.

Alcançar um logar em evidencia, ter a consideração ostensiva do publico, possuir uma situação superior e o poder (ou a apparencia do poder) sobre um certo numero de homens, parecia-lhe o suprêmo grau da felicidade humana.

Com o espirito fortemente orientado por este ideal, comprehendeu que, no seu tempo, o caminho mais facil para o realisar, era a politica.

O nosso conselheiro admirava Stendhal por tres motivos: o *primeiro* e o mais forte emanava do facto do livro lhe ter sido recommendado por um trunfo politico muito em voga, cuja familiaridade o enchia de secreto e immenso orgulho e de cujo cynismo recebia proveitosissimas licções; o *segundo* consistia na conveniencia de affectar uma recatada e aristocratica admiração por Napoleão Bonaparte, admiração que devia apenas deixar adivinhar e cujas bases assentavam não no terreno do enthusiasmo pela sua superior estrategia, pelo seu valor militar, ou pelo seu genio dominador, mas sim nas subtilezas da sua politica traiçoeira cuja perfeição só aos iniciados era dado comprehender; o *terceiro* motivo de admiração por Stendhal fundava-se n'um phenomeno curioso e de natureza, por assim dizer, psychologica.

Era o seguinte:

Havia um certo parentesco entre o nosso heroe e Julien Sorel do romance *Le rouge et le noir*; entre os dois existia uma afinidade de sangue; eram ribeiros brotados da mesma nascente. O nosso deputado sentia-se instinctivamente ligado ao seminarista de Besançon pelos laços que unem entre si os individuos da mesma raça. Comprehendia o aneio do heroe do romance por se elevar fosse como fosse e o seu desejo ardente de supremacia, tão ardente, que n'esse desejo eram absorvidas todas as energias do cerebro, toda a sensibilidade do coração.

Porém o conselheiro não era como Julien o producto de uma sociedade nova e robusta surgida das classes baixas, estonteada ainda e vacillante n'um equilibrio instavel; mas apenas o producto de uma sociedade que se extingue, completamente exhausta e atacada pelos vibrões da decomposição.

Debatia-se contra as tradições do meio em que fôra criado, contra os escrupulos hereditarios enraizados no fundo do coração; tinha atraz de si uma serie de gerações firmadas em principios de honra e de dever. As suas acções não eram os movimentos expontaneos de uma alma virgem que escolhe livremente o seu caminho; eram o rastejar miseravel de uma consciencia medrosa, que não tem a coragem da renuncia em frente do mal e que acompanha *os outros*, abrazada de torpes cubiças e de planos traiçoeiros obscuramente concebidos.

la hesitante pela vida fóra, desejoso de se libertar do que lhe restava de dignidade; esfaimado de consideração, envenenado de inveja, embriagado de vaedades mesquinhas.

Vi-o por mais de uma vez lisongeadado, quando governava um districto, ao observar como os cocheiros de praça disputavam entre si a primasia de o servirem, ou ao sentir-se o alvo das adulações, elle que tanto adulara para chegar áquelle degrau que lhe parecia um throno.

Nenhum heroe de Stendhal teria taes fraquezas.

Irmão de Julien Sorel? Sem duvida: porém um irmão rachitico no qual as características do semi-narista, appareciam em caricatura.

Este conselheiro é o typo de uma variedade de insectos destruidores que foi o principal agente da ruina da sociedade portugueza nos ultimos periodos da monarchia. Representa uma das formas de decadencia originadas na nossa terra pela influencia profunda e devastadora dos jesuitas.

Sua mãe era uma excellente creatura viuva de um morgado da provincia, honesta e estreitamente devota, usando de inverno lenço na cabeça, lendo com difficuldade as orações no seu livro de missa e, quando era preciso escrever o seu nome, fazendo-o mal com os dedos grossos e encardidos de ajudar muitas vezes (para se distrahir) no trabalho da cosinha e na preparação da comida do porco.

Ao anoitecer voltavam os tios para casa, com os lenços entalados á roda do collarinho se fazia

calor, e, se fazia frio, de tamancos ou *chancas* e com dois ou tres coletes uns por cima dos outros.

Falava-se do tempo, da jumenta que tinha tido uma cria, do *mal* das batatas, conjecturava-se quantos moios de milho daria a propriedade n'aquelle anno. . . E depois a moça trazia a ceia para a meza; saboreavam-se os piteus de bacalhau ou de tripas de porco, dava-se um estalo com a lingua ao engulir o ultimo trago do copazio trasbordante de vinho, e todos iam deitar-se ás nove horas sem grandes abluções preliminares, bem impregnados do cheiro da terra recentemente estrumada e do suor accumulado na pelle por uns poucos de dias de caminhadas, de labutas de *diletanti* nas hortas e nos pomares, ou de caçadas aos coelhos, de varapau em punho, ao som da vozearia e das apostrophes pittorescas aos cães.

O Antoninho, que frequentava a escola primaria e ia aos domingos a casa dos padrinhos (abastados titulares de fresca data), que passavam os invernos em Lisbôa, envergonhava-se já aos dez annos das meias brancas de linho feitas pela mãe e que appareciam, como a cornea de um olho de negro, entre a borda das calças e o sapato engraxado.

Eram já os primeiros symptomas dos altos destinos que esperavam o Antoninho.

Aos doze annos o Antoninho foi enviado para Braga estudar; os tios alojaram-no em casa de um padre que vivia na companhia de uma irmã e que era muito conhecedor de grammatica latina.

A irmã, que governava a casa, distribuía á meza as porções e mexia o café do hospede com a propria colher já servida, para derreter bem o as-sucar. Mudava-se de camisa e de meias de oito em oito dias, todos comiam indifferentemente com o garfo ou com a faca, e depois de jantar o padre palitava-se ruidosamente e desabotoava a batina para facilitar a digestão.

Tendo passado alguns annos em Braga, o Antoninho, já grande, mudou-se para o Porto afim de continuar os estudos, vivendo na casa de hospedes das senhoras Souzas, na casa de hospedes das senhoras Silvas, na casa de hospedes das senhoras Cunhas, acabando por se apaixonar por uma actriz de zarzuella, cuja graça e ademanes o seduziram ao cantar:

«*Beijús... beijús... beijús... em carinha dôce...
Quem os não dará?...*»

emquanto arregalava os olhos pintados e batia no sobrado do palco muito sujo com os tacões tortos dos sapatos de setim em segunda mão.

Mas a noticia chegou aos ouvidos dos tios e da mãe, que o despacharam immediatamente para o seminario de Coimbra.

Ahi o Antoninho perdeu illusões e adquiriu gorduras.

Com alguns empenhos para os examinadores, acabou os preparatorios e entrou para a Universidade.

A hydra da ambição crescia-lhe dentro do peito, á medida que por fóra se lhe avolumava o laço da gravata.

Tornou-se grave, recatado, á imitação de alguns rapazes de bôas familias que não fraternizavam com a Academia e que affectavam pela bohemia um desprezo superior.

Manhoso, escondia a sua admiração de provinciano e de saloio sob a capa de um desdem que, pela continuação, o fez passar por igual dos entes que imitava como suprêmos modelos; e o seu esforço foi sobretudo coroado de successo pelo poderoso auxilio da herança paterna que aos vinte e um annos lhe permittiu uma vida mais desaffogada, tornando a sua convivencia agradável... e util aos outros rapazes.

Muito prudente, administrava a sua pequena fortuna com a cautela de um velho. Affectava uma discreta e interessante melancholia falando das economias, que se impuzera como um dever, para conseguir um dia resgatar as ruinas do seu antigo solar, passado agora ás mãos de estranhos.

Acabou por descobrir na Chorographia de Carvalho, que D. João V lhe distinguira um antepassado dando-lhe de presente não sei que preciosas madeiras do Brazil, e que um certo bispo, confessor particular do rei n'um seculo ido, era seu avô.

Durante umas ferias, rebuscando nos sotãos da casa dos tios, desencantou uns paineis empastados de poeira, que mandou limpar, corrigir, arranjar a capricho, levando-os para Coimbra onde, no seu

quarto de estudante, os *antepassados* faziam um vistão.

Reparando com cuidado nos habitos dos seus amigos, regulava-se por elles nas modas, tomava um *tub* todos os dias e tratava muito bem das unhas.

A educação vinha-lhe de fóra para dentro, como as bonitas côres ao rosto de uma mulher pintada.

Tornara-se a pouco e pouco um manequim apresentavel, bem vestido, conhecendo os preceitos fundamentaes da civilidade e do asseio, apto a mudar de opiniões segundo as conveniencias, cuidadoso em não se comprometter, coiraçado por um egoismo de rija tempera, vasio e inchado como um odre. Adulava, bajulava, fazia-se ingenuo ou credulo quando era preciso, perspicaz quando as circumstancias o exigiam, simulava enthusiasmo e convicções em publico e scepticismo em particular, vestia-se nos melhores alfaiates, copiava os modos e gestos dos homens superiores; e besuntado de verniz social e de litteratura, julgou-se preparado para tentar carreira.

Não tinha convicções, nem moral, nem sentimentos; mas adquirira laboriosamente a apparencia de todas essas coisas.

O Antoninho formara-se em direito e, como delegado habitou umas duas ou tres cidades de provincia onde a sua distincção e a sua elegancia fizeram estragos nos corações das meninas; mas a sua idea fixa era Lisbôa.

Passava mezes e annos sem pôr os pés na terra

natal. Horripilavam-n'ò aquelles costumes grosseiros. Pretextava afazeres importantissimos, prometia uma visita para breve. . . Era tão facil enganar aquella pobre gente !

Cada uma das suas cartas tomava as proporções de um acontecimento quando chegava ás mãos dos tios e da mãe. Os pobres velhos veneravam-no. Não se habituavam á idea de ter produzido uma tal maravilha; e quando o viam, de tempos a tempos, envolto no prestigio da mala cheia de camisas de gomme, de sabonetes cheirosos e de frascos de agua de *toilette*, e tão superior, tão bem falante, sabendo tudo quanto havia, assestavam sobre elle os olhos extaticos, redondos de admiração, como boccas de arcabuzes. Contemplavam-n'ò atonitos com o sentimento da gallinha que chocou ovos de pata.

Vinte annos depois o ex-Antoninho vivia em Lisboa; era deputado, juiz, conselheiro, desempenhara duas ou tres vezes o cargo de governador civil, tinha condecorações e falara-se no seu nome para ministro; a sua antiga e suprêma ambição do pariato entrava na cathegoria das possibilidades; fazia mais de seis contos de réis por anno.

Os seus amigos de Coimbra tinham-lhe servido. E depois, logo ao chegar á capital, a sua correcção, a sua belleza amaneirada, a auctoridade dos que o apresentavam como *pessoa de muito boa familia e rapaz de futuro*, valera-lhe a sorte inesperada de cahir nas boas graças de uma burguezia, quarentona, mas elegante e riquissima, que manifes-

tara o desejo de o conhecer... de perto. E n'essa intimidade, pela primeira vez em contacto com o luxo discreto, artistico, requintado, verdadeiro, o ex-Antoninho completara a sua educação. A sua situação na casa d'aquella senhora valeu-lhe excellentes e utilissimas relações e a sua cotação na sociedade subiu consideravelmente.

A este incidente feliz da sua vida, deveu o ex-Antoninho os seus principaes successos: ganhou a confiança de um chefe de partido que soube aproveitar a maleabilidade do seu character para cem misteres e applicações de ordem secreta e melindrosa, conseguiu assim a vantagem de ir vencendo postos sem nunca sahir de Lisboa e teve entrada em algumas casas de titulares authenticos, onde jogava o bridge com um bispo mundano, diplomatas, um reposteiro do paço e algumas figuras da alta finança.

Era emfim um d'estes entes privilegiados de quem se diz:

«E' feliz como um rei.»

Ou:

«Nasceu dentro de um folle.»

Ou ainda:

«Teve sorte como um animal.»

Phrases perfeitamente despidas de sentido e sem o minimo vislumbre de logica.

Como se dera bem até alli com o processo de imitação, o nosso conselheiro aperfeiçoava-se cada vez mais n'essa arte.

Imitava o scepticismo de bom tom dos politicos

em evidencia entre os seus correligionarios; imitava a pronuncia de francez d'um romancista em voga que ia todos os annos a Paris; imitava o andar de grou do secretario de embaixada da Russia; imitava o desbragamento de linguagem do joven marquez de M. que era fidalgo dos quatro costados e que as senhoras adoravam.

Nunca pronunciara um discurso nem escrevera um artigo; no emtanto, sobre a sua meza de trabalho estavam sempre abertos um Cicero e um Plinio, como vira em casa do seu amigo o tribuno.

Lia muito Historia, não porque o estudo o interessasse mas para metter na conversa os conhecimentos adquiridos, o que difficilmente conseguia pois era acanhado por hereditariedade e atavismo em frente das grandezas que o cercavam, e não conseguira apagar por completo o rasto deploravel que as meias brancas de linho e os jantares de Braga, presididos pela irmã do padre, tinham deixado na sua alma.

Tentara a leitura de Spencer porque ouvira dizer ao seu amigo o tribuno que a educação do homem *superior* moderno não era completa sem o conhecimento dos quatro volumes da «Sociologia.» Mas não entendera nada d'aquillo e fechara o livro no fim da quinta pagina, com desdem, profundamente convencido de que perdia o seu tempo. Com effeito, nos altos circulos mundanos e politicos que frequentava, que diabo de partido poderia elle tirar das theorias de Spencer?

Devorou Machiavel que não digeriu. Em compensação aprendeu laboriosamente de cór phrases cynicas de Talleyrand, affectou uma paixão crescente pelo genio politico de Napoleão I. e pelo estylo admiravel de frei Luiz de Souza, o que lhe valeu a fama de erudito e de pensador.

Fazia o seu caminho pelo bilhete de visita, pela cortezia, pelo snobismo, pela adulação... pela adulação sobretudo, que é uma arma segura no genero de combate que elle pelejava, mesmo quando a lamina é grosseira e de má qualidade.

Naturalmente hypocrita, era no emtanto verdadeira a sua admiração infinita por todos os que se elevavam; e quanto mais tortuosos tivessem sido os caminhos para essa elevação, mais sincera e profundamente elle se extasiava:

«E' um homem de recursos, meu caro! De primeira ordem! A vida é assim...»

E cravava n'aquelles vencedores, uns olhos ardentes e assimiladores de discipulo.

Tinha theorias sobre o amor: era bom para os livros, bom para os estudantes pobres, para os imbecis e para os botecúdos.

Desprezava as mulheres; dividia-as nas seguintes classes: as bonitas e as feias, as novas e as velhas, as ricas e as pobres, as que tinham influencia e as que pediam favores. Quanto ao resto eram todas iguaes.

Depois de um jantar copioso, remirava uma senhora seria com os mesmos olhos insultantes com que olharia para uma creatura de costumes facéis.

Explicava, com superioridade, tirando fumaças de um charuto enorme e todo elle resplandecente de conselheirismo:

«São todas o mesmo.»

Quando o rotativismo parlamentar dava a primazia ao seu partido, quando governava um districto, era outro homem. Tornava-se sentencioso, dogmatico, não admittia a contradicção; tinha gostos de *Monsieur Prudhomme* e theorias do conselheiro Accacio, considerava-se profundamente feliz; comparava-se a Talleyrand e a Machiavel que eram os seus deuses.

A epocha era-lhe propicia.

Estava-se nos ultimos dez annos da monarchia; a realza declinava como um sol no occaso, mas em S. Bento ninguem tomava a peito a defeza da moribunda: os appetites vorazes precipitavam-se soffregamente sobre a pitança do orçamento; nem um só homem olhava para além da gamella onde se concentravam todas as attentões e onde fume-gava o cosinhado para as ambições varias...

A politica portugueza assemelhava-se a um d'esses subterraneos onde se amontoam materias em decomposição favoraveis á cultura dos cogumelos. O nosso heroe era um cogumelo desenchabido, ôco e indigesto, mas grande, vistoso e com uma cotação no mercado digna de lisongear a vaidade do amphitrião que o apresentasse n'um banquete.

Com o andar do tempo o publico deu a entender que não apreciava a cultura de taes crypto-

gamicas e julgou dar cabo d'ellas com a revolução de 5 de Outubro. Porém a sua vitalidade é espantosa... e só o futuro poderá dizer quantos d'esses cogumelos damnhinhos escaparam á destruição.

O nosso ex-Antoninho escapou com certeza; como não tem convicções, nem moral, nem sentimentos, mas apenas adquiriu laboriosamente a apparencia de todas estas cousas, depois da borrasca, passou-se com armas e bagagens para os vencedores, fez-se republicano e está hoje filiado no partido democratico, que mal sabe quem acolheu.

Foi o ex-Antoninho que deitou abaixo a monarchia em Portugal.

O ex-Antoninho era uma parcella apenas do grande conjunto formado por centenas de ex-Antoninhos que se espalhavam pelo Paço, pelas finanças, pela politica, pela imprensa, pela diplomacia, pelas profissões liberaes, pela industria e commercio, por toda a parte... Gusanos incançaveis e inconscientes, destruindo sem o saberem, o edificio que os sustentava.

Oxalá que no novo regimen elles não medrem e não se propaguem tão bem como no antigo, porque... ái de nós, querida amiga, emquanto houver ex-Antoninhos sobre a pobre terra de Portugal!

Joe Gardener

Minha bôa amiga.

Vou falar-lhe de dois amigos meus que ainda lhe não apresentei e cujas relações me são preciosas.

É o esguiço e solemne Symphronio, pharmaceutico de primeira classe, inventor do celebre «Elixir Symphronio» (sem rival na cura rapida e completa da neurasthenia, tuberculose, rheumatismo, arthritismo, dôres de dentes, nevralgias, escoriações e echymoses, ulceras recalcitrantes, enxaquecas e dyspepsias, entorses, lumbagos, torcicollos, e tesorelhos), premiado não sei com quantas medalhas e mensões honrosas em todas as exposições do novo e do velho mundo, a caminho de uma commenda quando rebentou a Revolução, e elevado por mais de uma vez ao cargo de presidente da Camara d'este delicioso Tarrascon portuguez que tenho a honra de habitar agora provisoriamente.

E é o gordo e bonacheirão Joe Gardener, subdito inglez, empregado superior do enorme estabelecimento Robinson Bros & C.^o, de Londres, cujas

succursaes se espalham pelas cinco partes do mundo, florescendo uma d'ellas n'esta cidade de provincia onde vim passar uns dias.

Devo dizer-lhe que é em casa de Joe Gardener que me encontro hospedado e por isso é d'elle que vou falar-lhe primeiro.

No momento em que lhe escrevo (são sete horas da manhã) oiço no jardim, defronte da minha janella, o ruido de uma serra alternando com as pancadas de um martello; e, debruçando-me, vejo lá em baixo o bom Joe, o excellente Joe, em camisola de algodão que lhe molda a possante musculatura do peito e lhe deixa nús os braços onde avolumam os biceps de athleta, com as calçotas velhas mettidas nos canos de umas botas molles, a careca protegida por um chapéu de palha da Dolly (a Dolly é a filha do meu amigo e tem sete annos), occupando-se nos ultimos embellezamentos de uma gaiola gigantesca onde já habita um corvo que eu lhe trouxe de presente e que faz a felicidade da familia inteira.

O corvo, o classico *Vicente* das carvoarias lisboetas, toma n'este ambiente simples que o rodeia, um ar alternadamente chocarreiro e grave de selvagem que a civilização impressiona e que deseja mostrar as suas capacidades superiores de adaptação. Escuta attento o que se passa, observa com um olhar subtil de philosopho o novo dono, exhibindo os seus conhecimentos e habilidades como se estivesse empenhado em provar a injustiça dos que o consideram cruel e agoirento ou o condem-

nam á situação subalterna de escravo ou de bóbo. Ladra como um cão, cacareja como uma gallinha, finge-se occupado nas arrumações da sua nova habitação, e a espaços pronuncia com uma voz sorna as duas palavras: «*Old boy!*», coisa que de certo considera difficil e preciosa, pois fica depois recolhido e pensativo, com as pennas eriçadas e o olhar attento, como se tivesse dito uma phrase fatidica, repleta de transcendentales poderes, e esperasse em seguida a catastrophe inevitavel.

De tempos a tempos, a mulher do Joe, a loira e encantadora May, a activa, risonha, fresca e luminosa May, apparece á porta da cosinha com as mangas arregaçadas, branca de neve no seu avental immaculado e solta uma das suas crystalinas e musicaes gargalhadas. O corvo diverte-a immenso.

Entre o Joe e a mulher estabelece-se o seguinte dialogo:

«*Allo, Joe!*»

«*Well, my dear soul?*»

«*Isn't he clever?!*»

«*Tremendous!*»

N'este ponto o *Vicente* intervem, ladrando e uivando, o que desencadeia um dueto de risadas.

A Dolly anda brincando no jardim com um Terra Nova, e os seus gritos de alegria, a sua figurinha airosa e ligeira, os seus grandes cabellos soltos ao vento, alegram-me como a passagem de uma revoada de pardaes.

O criadito que volta da praça, atravessa o jardim. As torneiras abertas no quarto de banho, deixam escapar aos borbotões a agua que vae enchendo a tina para o Joe.

Vem da cosinha um cheiro a ovos fritos e a *bacon*. Penso com prazer na meza do almoço, no *porridge*, na toalha de neve, na loiça e nos vidros scintillantes de asseio, nas jarras cheias de flores frescas, nas plantas lustrosas e exuberantes que ornamentam a escada e o vestibulo, na alvura das paredes, no brilho dos pavimentos encerados, nos metaes areados que parecem oiro e prata, no ar luminoso e perfumado que entra a jorros pelas janellas abertas e atravessa os cortinados de renda...

N'este ambiente respira-se bem. Sobem-me ao peito ondas de prazer, não sei ao certo porquê. Acho a vida linda e facil.

Os passaros cantam no jardim; o cão, o gato, o côrvo, os coelhos, as gallinhas, agitam-se, correm, brincam, esvoaçam, falam cada qual a sua lingua, teem um ar feliz e saudavel. A brisa passa nas ramarias das arvores; o sol resplandece nas côres variadas das rosas, das madresilvas, das glycinias, das malvas, dos cravos... A casa cheia de animação e de actividade, faz-me pensar n'uma colmeia. Tudo em volta de mim glorifica o intenso prazer de existir.

Tenho de interromper a minha carta. Tocou a campainha para o almoço; e o Joe tem de estar sem falta no seu escriptorio às oito e meia. Ha dezeseite

annos que (exceptuando os domingos, dias em que lhe é permittido esquecer as horas e as passa em casa divertindo-se do fundo do coração com a mulher, a filha e alguns amigos) o Joe entra todas as manhãs, ás oito e meia em ponto, no escriptorio onde é considerado pelos seus chefes como um empregado exemplar.

Já o vi passar lá em baixo, lavado, vestido, muito correcto, *quite a gentleman*, prompto para almoçar e partir.

.....
Venho continuar a minha carta ás dez da noite. Já tudo em casa dorme.

Tomei chá de tarde com a May e com algumas amigas suas.

Raro é o dia em que, á hora do chá, não apparecem algumas amigas da May. São todas loiras, esbeltas, frescas e alegres como ella.

Falam do tempo, do passeio que deram, da partida de *tennis* que jogaram, da *party* onde dançaram na vespera, ensinam receitas de *cakes* e de *puddings*, commentam a ultima novella de sensação do seu *magazine*, mostram umas ás outras os trabalhos de costura e os bordados que trazem comsigo, contam as graças dos *babies* gordos, rijos e côr de rosa que andam no jardim a brincar com a Dolly, vão extasiar-se um momento em frente do côrvo que, cheio de dignidade se fecha n'um mutismo obstinado, tocam piano, cantam, riem muito, e absorvem religiosamente o chá com leite, as fatias delgadas com manteiga, as ta-

lhadas do *cake* que parecem mosaicos de passas, de doces e de especiarias.

A May resplandece. Foi de manhã cedo ao mercado e todo o dia trabalhou em casa. Tem só uma criada e um rapazito para recados. Até á hora do *lunch* não pára; varre, areia metaes, cose, engomma, preside aos trabalhos da cosinha, lava roupa, trata da Dolly. Depois, toma o seu banho, veste-se (e muito bem), arranja o farnel do marido que manda ao escriptorio pelo garoto e vem sentar-se á meza para o *lunch* com a Dolly e comigo.

E o *lunch* é delicioso; e a alegria da Dolly e o bom humor da May brilham mais do que o sol entrando pelas janellas com o ar perfumado da primavera.

Depois, as duas vão dormir um quarto de hora ou meia hora; em seguida dão um passeio e, no regresso, a May principia logo os seus preparativos para o *tea*.

Já este vae no fim quando se ouve ranger a porta e o Joe entra, de volta do escriptorio. A May corre ao seu encontro e trocam dois grandes beijos.

«*Well...*» diz o Joe (e a sua bôa cara resplandecente como um ceu de verão, illumina a casa toda) «*And so you are enjoying yourselves, are n't you?*»

Prepara um *whisky and soda*, installa-se, pede licença para accender o cachimbo, conta aneddotas que fazem rir até ás lagrimas o seu auditorio,

vae para o piano, toca e canta, diz graças á May que o segue com um olhar de adoração, senta-se no tapete a brincar com a Dolly.

Nunca fala do escriptorio, nem dos seus cuidados se os tem, nem do seu trabalho, nem das suas canceiras. Negocios são negocios, e o *home* é o *home* que o homem não deve macular com lamurias, desanimos, ou mau humor. O *home* é o repouso, é o esquecimento das horas más, é o canto de paraizo onde o trabalhador cansado encontra a paz e a alegria de que precisa para viver e para ser forte.

E agora estão todos a dormir o somno incomparavel que dá a consciencia profundamente tranquilla.

Queria escrever-lhe mais; porém o ambiente sugestiona-me... Vou-me deitar.

E aqui está, querida amiga, uma carta que lhe leva pensamentos consoladores, mostrando-lhe uma simples e robusta felicidade baseada na energia, na ordem, na boa repartição do tempo, no contentamento facil e no amor de familia.

Na minha proxima carta, falar-lhe-hei do meu outro amigo, o genial Symphonio da botica...

O grande Symphronio

Querida amiga.

Como vê, compreendo a sua impaciencia e aqui me tem, trazendo-lhe pela mão o meu amigo Symphronio, pharmaceutico de primeira classe, inventor do celebre «Elixir Symphronio» que vence a tuberculose, a neurasthenia, as ulceras recalcitrantes, as dores de dentes, as enxaquecas, etc.

Chego n'este momento da sua casa onde fui passar a tarde.

O meu amigo Symphronio acabava de jantar quando bati á sua porta. Assim me declarou uma criada preta de avental de riscado muito sujo, que me falou da janella, precipitando-se depois pela escada abaixo com um chinelar ruidoso, correndo o ferrolho e admittindo-me no *santuário*.

A escada não é escura, mas os degraus estão negros e nas paredes sebentas podem ler-se as sommas do padeiro, assignadas, e varias outras coisas egualmente edificantes.

Na sala está uma meza de mogno com albuns de retratos e jarras de *biscuit* figurando troncos de ar-

vores onde se encostam ingenuos pastores ; assim como um sofá e cadeiras com almofadas bordadas a matiz e froco por Madame Symphronio que foi educada n'um convento e sempre conhecida pelas suas habilidades manuaes e fino gosto artistico.

O meu amigo Symphronio appareceu-me com a face incendiada pelo trabalho da digestão e com um palito ao canto da bocca. A melena frisada erguia-se, dominadora, sobre a fronte vasta de pensador, e os dedos da mão esquerda sumiam-se na abertura do colete onde faltavam alguns botões.

«Meu caro amigo!» exclamou elle. «Que satisfação!» E deu-me um abraço com pancadinhas nas costas, como se não me visse ha muito tempo, embora na vespera tivéssemos estado juntos na botica.

Falou-se do tempo, das ultimas noticias dos jornaes...

Eu perguntei pela saude de Madame Symphronio, ao que o meu amigo respondeu com uma careta importante e desanimada, passando a descrever-me com nomes technicos e arrevezados (tal qual um medico, e dos melhores!) a doença de intestinos, chronica, de que soffre a esposa.

Depois veiu a politica.

O Symphronio fala como um livro aberto e sabe tudo quanto ha : o que pensa o presidente da Republica, o movel de cada acção dos ministros, os *prós* e os *contras* de todas as leis novas e antigas, os pensamentos escondidos que presidem a todas as propostas apresentadas nas camaras; sabe todos

os planos do Paiva Couceiro e todos os projectos do Affonso Costa. Conta casos passados ha muitos annos, em que disse a successivos deputados, seus amigos intimos: «Ó menino, anda cá...» e mais isto e mais aquillo... tudo coisas que depois succederam tal qual elle as prognosticara. Se o tivessem ouvido! Mas este paiz é assim: os homens de bem e de valor não são apreciados nem comprehendidos; por isso vae tudo por agua abaixo.

O Couceiro?... Qual historia!...

E foi buscar o mappa, demonstrou-me com um raro conhecimento de estrategia, que as tropas monarchicas por taes caminhos nada poderiam ter feito.

Se fossem por alli... e mais por além...

E o dedo apontava, muito firme, correndo a unha suja sobre os relevos montanhosos de Trazos-Montes.

Depois, mudando de assumpto, falou sobre a grave situação financeira do paiz.

«Meu caro amigo...» e batia-me paternalmente no hombro. «Tudo isto vem de longe. Quer saber a verdadeira, a unica origem de todo o mal?... E' a questão dos tabacos!»

E como eu ficasse um pouco surprehendido, o grande Symphronio foi lá dentro e voltou com uma papelada enorme.

«Uns simples apontamentos;» explicou elle com modestia, escarranchando a luneta na ponta do nariz. «Um ponto de vista meu sobre as coisas da nossa terra. Notas de um observador obscuro que

não conta fazer uso d'ellas em vida e que as deixará... a simples titulo de curiosidade... aos vindouros.»

E o sublime Symphronio agitava a dextra n'um gesto de renuncia ás glorias vãs d'este mundo.

Principiou a leitura.

Era demasiado transcendente para a minha capacidade de comprehensão. Quanto mais fazia para entender, mais se me baralhavam as idéas; e sem querer, distrahi-me.

Comecei a traçar com o dedo o meu nome sobre a poeira que cobria o polimento da meza.

Reparei que havia no ar enxames de moscas apesar de não terem conta as que estavam poisadas na bola de papel recortado e multicolor pendente do meio do tecto. Via-se tudo sarapintado: as jarras de *biscuit*, os retratos, os vidros das janellas, o espelho grande com a sua moldura doirada, as oleographias representando a entrada de Napoleão em Moscou, uma scena da Inquisição, o almoço idyllico de um abbade e de uma marquezia do tempo de Luiz XV na margem de um lago, e dois frades jogando o xadrez.

Descobri algumas teias de aranha; conjecturei ha quantos annos se não lavariam as cortinas e principiou a incommodar-me o cheiro da agua de couves que enchia a casa.

O Symphronio lia sempre, accentuando com intenção certos periodos, interrompendo-se a miudo para explicar melhor algumas passagens do texto que não lhe pareciam bem claras.

Chegaram dois visitantes: um professor de instrucção primaria e um amanuense da Camara.

D'ahi por deante descancei um pouco porque os recém-chegados, apoiavam as passagens que deviam apoiar e, conhecendo já sem duvida de cór o manuscripto, preveniam-me com um olhar ou uma phrase admirativa, do trecho culminante que estava prestes a ser lido.

O grande Symphronio gosta de se rodear assim de creaturas que o apreciam.

O seu largo espirito precisa do estimulo d'aquellas ingenuas e simples admirações.

A verdade é que nunca elle brilha mais do que em frente de um tal auditorio. Sente-se feliz; parece crescer.

As suas conversas com homens eminentes nunca ninguem as ouviu; só as conhece um publico resumido a quem elle as conta n'algum rasgo de generosa confidencia. Mas estou intimamente convencido que a sua natural modestia o priva em taes occasiões de grande parte dos seus recursos; se elle falasse aos nossos grandes politicos com a eloquencia e elevação de que deu provas deante de mim, do professor primario e do amanuense, os destinos de Portugal já de ha muito teriam sido singularmente modificados.

Fomos interrompidos pelo filho do Symphronio, um rapazote de quinze annos, magro, macilento, rachitico e com um olhar vicioso.

Estendeu-me a mão suada e fria sem levantar os olhos para mim e disse que a *mamã* mandava

perguntar ao *papa*, se podia receber umas visitas na sala, ao que o Symphronio respondeu affirmativamente com a sua habitual magnanimidade.

Entraram então duas senhoras que, tinham feito as mais manifestas e heroicas diligencias para accommodar o seu fato de ha dois ou tres annos, ás modas dos ultimos figurinos. E, depois dos cumprimentos do estylo, do rojar das cadeiras, dos risinhos e dos chilreios que o bello sexo tem sempre ao seu dispôr, appareceu a dona da casa.

É uma senhora de quarenta e tantos annos muito preocupada com os soffrimentos que a affligem, e que em geral constituem o fundo da sua conversa. Roliça e anafada, as modas actuaes não lhe são favoraveis; mas como não é uma mulher vulgar e nasceu para ser rainha (segundo me confiou um dia o Symphronio) as nobres aspirações de arte e de grandeza travam na sua alma um rude combate contra as tendencias burguezas e borralheiras que herdou dos seus maiores; e esta epica batalha manifesta-se nos effeitos inesperados e perturbantes das suas *toilettes*.

A conversa, um momento generalizada, em breve se dividiu em dois campos: de um lado, perto da janella, as tres senhoras falando a meia voz; do outro, o professor primario, o amanuense e eu, attentos ao verbo do grande Symphronio, que tendo fechado o manuscripto se expandia agora em inspiradas e profundas considerações sobre o futuro do exercito portuguez e da marinha, futuro brilhante, se os dirigentes lhe ouvissem os conselhos.

Em breve porém o meu poder de concentração atraçou-me outra vez e perdi o fio das graves revelações do meu douto amigo; sem querer, prendeu-se-me a atenção ao que diziam Madame Symphronio e as suas visitas.

Quando o assumpto dos padecimentos da bôa senhora se exgotou, não sem que as duas amigas lhe aconselhassem varios remedios caseiros e outros tantos annunciados nos jornaes, passaram a falar de costureiras e de criadas, cahindo insensivelmente na critica acerba de algumas *toilettes* da mulher do coronel, da mulher do medico e outras, o que lhes provocava uma hilaridade que, de tempos a tempos, subia ao ponto de abafar as palavras solemnes do dono da casa.

Depois o diapasão desceu e entraram no capitulo das confidencias, mostrando-se as tres profundamente informadas das vidas alheias e de casos escabrosos de varias familias, cujos pormenores segredados me escapavam, sendo acompanhados por exclamações surdas de indignação, por vagos signaes da cruz e por uma aceleração simultanea dos movimentos dos tres leques.

A filha mais nova do meu amigo Symphronio entrara de mansinho, installara-se junto das senhoras e escutava a conversa com visivel agrado. Tem doze annos e a sua precoce intelligencia assusta os paes. É magra e enfezada, come pouco, tem um namoro, entrou já em duas recitas de amadores e acompanha a *mamã* a todos os bailes.

Na casa de jantar, pegada com a sala, ouvia-se

o chinelar da preta, que levantava a meza com uma ensurdecadora traquinada de pratos, trau-teando distinctamente o *choradinho*.

O cheiro da agua de couves augmentava, agravado pelas emanações da pia entrando pela porta do corredor, que a menina deixara aberta.

E eu pensava com desconsolo em muitas coisas tristes.

Pensava nas queixas que por vezes tenho ouvido ao sublime Symphronio nos seus momentos de abandono: a carestia da vida, a sustentação da familia que é um tonel das Danaides. . .

Despedi-me com um sentimento de angustiosa perplexidade.

No meu cerebro formulava-se um problema que tentei em vão resolver: o grande Symphronio, além dos seus ganhos da botica e da venda do «Elixir», accumula alguns empregos rendosos; toda a gente sabe que os seus rendimentos são superiores aos do Joe Gardener de quem falei na minha ultima carta e que vive tão feliz e tão equilibrado. Como poderá explicar-se que o Symphronio, com todo o seu talento e toda a transcendencia do seu espirito, se encontre em embaraçosas condições?

Veja se descobre a solução d'este enyigma profundo e, apenas a descobrir, transmitta-m'a immediatamente para me poupar vigílias.

A Carochinha

Minha querida amiga.

Conhece a minha prima Barbara? Parece-me que não, e parece-me tambem que nunca lhe falei n'ella.

A prima Barbara veiu hoje ver-me.

Havia muito que não me apparecia; e fiquei surprehendido quando ouvi a sua voz no corredor.

Apezar de ter estado muitas semanas sem me visitar, quando entrou no meu quarto estava já ao corrente de tudo que se passara durante a sua ausencia. Percorrera, segundo o seu costume, a casa toda, informando-se em longas e minuciosas conversas com as criadas, dos minimos acontecimentos domesticos.

Demorara-se sobretudo na cosinha onde a cosinheira lhe servira uma chicara de caldo fumegante *para a fraqueza*, uma celebre fraqueza chronica da prima Barbara, que no entanto come a todas as horas admiravelmente.

Quando a prima Barbara chega, é da praxe perguntar-lhe:

«Então já tomou alguma coisinha?...»

A prima Barbara é uma velhota encarquilhada, de nariz agudo e de olhos vivos, que passa o seu tempo a girar pela cidade, entrando aqui e allí, subindo com igual facilidade as escadas tortuosas e escuras de um quinto andar e os lanços mages-tosos de um andar nobre, fazendo cinco e seis visitas por dia, frequentando os lausperennes e as novenas, atravessando as ruas e as praças, esgueirando-se entre carruagens, electricos e auto-moveis, acotovelando gente, mettendo-se nos aper-tões, querendo ver tudo, saber tudo, devorada por uma insaciavel curiosidade e por uma inextingui-vel necessidade de movimento.

Conhece meio mundo, tem relações e intimida-des em todas as classes sociaes, está ao corrente de todos os escandalos, de todas as intrigas de sala, de cosinha e de sacristia, de todas as lendas, de todas as calumnias.

Entra nas lojas onde conhece os caixeiros, onde conversa, bisbilhoteia e acaba por pedir caixas vazias, amostras de fazendas, de rendas, de chá, de assucar, de fitas, de queijo, de café, de cabe-dal, seja do que fôr, para nada, por vicio, para as levar no saquitel de velludo muito coçado e para as exhibir aos seus conhecimentos, contando de onde as trouxe, elogiando-as como um caixeiro viajante, entrecortando os seus discursos com ex-clamações admirativas dirigidas com igual enthu-siasmo ao brilho de um setim, ao aroma de uma manteiga, á transparencia de uma gaze ou á bran-cura de um assucar.

A prima Barbara não tem familia e vive completamente só com um papagaio, que, em dias de bom tempo, colloca á janella antes de ir para a sua faina diaria e que atordôa toda a vizinhança com gritos e assobios desesperados, de mistura com trechos curtos do «Rei chegou» e da «Joven Lilia.»

Filha natural de um capitão que servira D. Miguel durante a guerra dos Dois Irmãos, a prima Barbara foi perfilhada por seu pae que a trouxe para casa e a entregou á sua mulher legitima.

Mas esta senhora pouco sobreviveu á entrada em casa da «filha das ervas,» e muito cedo a prima Barbara ficou exclusivamente ao cuidado do seu pae que, passando os dias no botequim a fumar cachimbo e a dizer mal dos liberaes, só á hora do jantar ia com ella para casa da innumera parentela fidalga, que lhes dava de comer e se co-tisava para lhes pagar a renda da casa.

A prima Barbara era então uma rapariga bonita e fresca, tagarella como uma pega, viva como um azogue.

Andara na escola dois annos em pequena; aprendera a ler, a escrever, a contar, a fazer *crochet* e a bordar a missanga.

Entendia um pouco de francez por ouvir falar esta lingua a uma prima do pae, franceza, que residia, havia já muito em Portugal. Esta senhora, dotada de uma certa instrucção, tentou por varias vezes facultar á pobre pequena alguns conhecimentos que mais tarde pudessem ajudal-a a ga-

nhar a vida. Mas as suas diligencias foram baldadas.

Aquelle cerebro, habituado a uma grande preguiça, rebelde a qualquer esforço, influenciado por um meio futil e ignorante, nada assimilou além das fracas noções recebidas na infancia.

A prima Barbara foi a flôr de inutilidade, producto de uma cultura descuidada e imbecil; foi uma das innumeradas *Caróchinhas* que deram no espirito popular (sempre tão profundo e sagaz na criação dos seus symbolos) origem á grotesca lenda que embalou a nossa meninice: as aventuras da desditosa esposa de João Ratão.

Passava os dias á janella, dando fé de tudo que acontecia na rua, travando conhecimento e conversando com a visinhança, namorando a torto e a direito os janotas de *frac* cintado e flôr ao peito, ou mesmo os caixeiros das mercearias mais proximas, debruçando-se, lançando olhadelas languidas...

«*Quem quer casar com a Caróchinha que é bonita e enfeitadinha?*»

E assim adquiriu todas as mexeriquices, todas as curiosidades deploraveis, todo o talento da intriga e da maledicencia das *senhoras visinhas* com quem entabolava conversas, ora futeis ora venenosas, não olhando por coisa alguma em casa, deixando todos os arranjos domesticos ao abandono, cahindo a mais e mais no desleixo e na

ociosidade, sem pegar n'um livro nem n'uma agulha, sem passajar as meias que usava geralmente esburacadas.

Levantava-se de manhã com a preocupação exclusiva de vestir um corpo enfeitado, de fazer um penteado vistoso e de ir para a janella com a cabeça tão ôca e leve como a do papagaio verde que a ajudava a chamar a atenção dos namorados com os seus gritos estridentes.

«E passavam os perús...»

— Queremos nós! Queremos nós!

— Como é a vossa fala?

— Gli, gli, gli...»

Toda a gente se extasiava perante a esperteza da prima Barbara. Ninguem tinha ditos como ella, ninguem era capaz de dar uma resposta mais a tempo, ninguem ria como ella, ninguem punha alcunhas com mais graça, nem havia anedotas como as suas.

«E foram passando as varas de porcos, os rebanhos de carneiros, as hordas de lobos, as manadas de cavallo...»

À medida que os annos decorriam, a esperteza da prima Barbara apimentava-se de uma malicia mais accentuada, de um azedume crescente, de uma acrimonia cuja agrura os restos da mocidade escondiam, disfarçavam ainda.

O seu geito e perspicacia para descobrir o escândalo, engrandecel-o, proclamal-o, ridicularizal-o, tornaram-se um precioso talento que deliciava aos domingos o nobre familiario paterno; esse talento constituiu um attributo valioso, um titulo de gloria para a prima Barbara, devendo-lhe ella o bom acolhimento dos fidalgos que gostavam de rir á sobremeza, emquanto saboreavam os licores e tiravam grandes fumaças dos charutos baratos.

E os annos passavam, inclementes, aridos, crueis. O capitão miguelista morreu, deixando algumas dividas e uma carta pathetica aos parentes nobres pedindo que mandassem ao *rei legitimo* a sua espada ferrugenta. A prima Bárbara achou-se de repente a braços com os credores, com umas fracas e vagas mezadas dos parentes a quem era preciso lembrar sempre o dia do pagamento, e completamente só com o seu papagaio.

«Ai! pobre João Ratão, que morreu cosido e assado no caldeirão!...»

Entre a chusma de admiradores da sua belleza, do seu espirito, da sua malicia, desde os primos fidalgos que lhe roubavam beijos de fugida n'um corredor escuro, até aos mercieiros que outr'ora tinham sido tão assiduos frequentadores dos *gargarejos*, nenhum d'elles tomou a serio a prima Barbara, nenhum se resolveu ao arriscado passo de fazer d'ella a sua companheira.

Na cabeça da pobre mulher começaram a apparecer os cabellos brancos, as rugas foram-lhe vincando as faces, a bocca murchou, os olhos perderam o brilho, tornaram-se mais pequenos e mais escuros, carregados de uma acre malícia que se condensava e se transformava em maldade.

Passava como d'antes horas esquecidas á janella, não prescindindo da palestra com as visinhas, espreitando o vai-vém da rua, farejando os casos escabrosos, as intrigas, os boatos absurdos e maus, a queda das reputações, com a avidez do lobo que fareja a presa. Mas não vestia os corpos tafulos de outro tempo nem fazia gala nos penteados; enfiava um casaco descosido e sujo, cobria a cabeça com uma mantilha de lã...

Só se vestia melhor para sahir; e sahia muito. A ociosidade d'esta quadra da velhice dava-lhe uma irrequietação que não a deixava parar muito tempo no mesmo sitio; e percorria então a *via sacra* das visitas, das lojas, das egrejas, com uma febre invencível de ver coisas, de encontrar gente, de falar, de saber noticias sensacionaes...

«E a Caróchinha chorava, chorava...»

E a fonte seccou...

E os passarinhos arrancaram os seus olhinhos...

E a porta principiou a abrir-se e a fechar-se...»

A prima Barbara voltava á noite para casa moida de tanto girar; e deparava com o desconforto das

paredes nuas e frias, com o triste espectáculo do desleixo e do desarranjo que lá deixára ao sahir...

O papagaio immovel no poleiro como se estivesse empalhado, dormia com o pescoço retorcido e a cabeça debaixo da aza.

Como é tragica a *História da Caróchinha*, minha bôa amiga... a historia das lamentaveis e innumeradas Caróchinhas que vegetam em Portugal!

Papelada

Minha querida amiga.

Desde que cheguei a esta cidade de provincia que habitei durante uma tão grande parte da minha juventude, tenho passeado pelas ruas, que me parecem mais estreitas, mais solitarias e sombrias; tenho percorrido os arredores onde já não encontro a frescura e os encantos de outro tempo; tenho frequentado o club que se me affigurava soberbo, mas que afinal se tornou um botequim de segunda ordem; tenho visitado parentes e amigos tão differentes da lembrança que d'elles conservava.

Ái, querida amiga, o Tempo... que poderoso feiticeiro! Como elle transforma tudo, sem tocar em coisa alguma, como elle vae creando em nós almas successivas!

Os annos passam... Um, dois, quatro, dez, vinte... A vida arrasta-nos, leva-nos no seu turbilhão e transforma-nos continuamente. Os nossos olhos encandeados seguem as alternativas de sombra e de luz dos acontecimentos; e a nossa memoria é

como certas malas de incançaveis viajantes mosqueadas de innumerados rotulos de hoteis, desaparecendo os mais antigos sob os modernos que se lhes sobrepõem...

Hontem fechei-me no meu antigo quarto de estudante dispondo-me a separar, escolher, rasgar ou arrumar cartas e papeis velhos.

Pela janella aberta entrava a luz calma da tarde, os perfumes de um sycomoro florido, o canto de um pintasilgo,

Sentia-me feliz. O dia estava lindo e o meu espirito descuidado.

Principiei a folhear com indifferença toda aquella papelada...

A pouco e pouco, preendi-me á sua leitura; surgiram formas, imagens esquecidas.

As pobres paginas que o tempo amarellecera, tornando-as engelhadas e estaladiças como folhas de tabaco, espalhavam-se sobre a meza, sobre os meus joelhos, pelo chão...

Eram as minhas producções litterarias dos quinze aos vinte annos: contos, versos, artigos politicos, polemicas de lyceu; detestaveis ensaios de realismo, estudos criticos sobre livros que eu nunca lera, ingenuos plagiatos, monstruosas flores de rhetorica orvalhadas com erros de orthographia... Como tudo aquillo fôra lindo, como tudo aquillo me enchera a existencia, me inundara a imaginação de sonhos radiosos, me dera visões de gloria, prazeres divinos de creador!

Revi-me copiando o traje e as attitudes dos es-

criptores e artistas cujos retratos os jornaes d'aquelle tempo reproduziam: o laço da gravata farta e molle, o chapéu de feltro e as melenas á Daudet, os olhares distrahidos ou fataes.

Tristemente, com a vaga sensação de enterrar o despojo de qualquer coisa que fôra linda e fremente de vida, juntei as miseraveis paginas espalhadas e deitei-as no cesto dos papeis inuteis.

Depois, as cartas... massos de cartas que desartei e me puz a reler.

«... E's um verdujo (com j); todos os homens são verdujos. A minha *desgracia* é gostar de ti, mas toma centido (com c)...»

O' minha dôce Theodolinda, minha flôr de primavera, tão pura e tão radiosa de belleza, que eu conservava na memoria aureolada pela ternura de Julieta, pela graça de Rosina, pela formosura de Laura, pela sabedoria de Beatriz... é o teu espirito que me apparece agora n'estas cartas pre-tenciosas, traçadas por mão hesitante, ditadas por um cerebro vasio? E é bem a tua esta photographia? Era n'estes olhos piscos e inexpressivos e n'este sorriso amaneirado, que eu via os deslumbramentos de um ceu infinito, as promessas do paraizo?...

E tu, Guilherme, o meu melhor amigo, o meu modelo, o meu oraculo, que é das cartas que me escrevias e que eu lia fremente de admiração? Que é do teu espirito fino e da tua graça irresistivel? Que é das tuas nobres revoltas, da tua sede ardente de independencia, do teu culto pela liberdade sagrada e pela nudez divina da

Verdade?... Vejo aqui apenas as epistolas de um estudantinho pedante, cheio de comicas vaedades, uma graça pesada e vulgar, e a revolta contra os superiores que exigiam applicação ao trabalho e respeito pela disciplina... E da nossa amizade, que devia ser eterna, o que ficou?... Onde estás?

E agora, outras cartas ainda, outras cartas que occupam a meza toda, e entre as quaes os meus dedos hesitantes e tremulos procuram as recordações, as saudades... e que nem ousou abrir, contentando-me de reconhecer a escripta, á luz já turva do entardecer que é quasi o crepusculo.

Pelos cantos do quarto, os contornos dos moveis principiam a esbater-se; da sombra invasora surgem phantasmas doces do passado... São as reminiscencias dos nossos verões no campo, raiadas de luz, e engrinaldadas de flores, ligeiras e graves, como as divinas figuras da *Primavera* de Boticelli. São os passeios a cavallo com minhas irmãs, as correrias desenfreadas pelas varzeas e a volta para casa, devagar, no silencio e no recolhimento dos pinhaes, que o luar traspassava e onde havia as vozes plangentes dos noitibós, perfumes acres, ruidos mysteriosos e leves. São os poentes calmos que espalhavam, sobre a familia reunida no terraço, a suavidade dos seus cambiantes onde se diluiam as queixas da nora lá em baixo na ribeira, e o telintar grave dos chocalhos das vaccas bravas entre as sombras crescentes do montado... São os serões em volta da meza sobre a qual se

curvavam as cabeças grisalhas ou brancas (tão queridas, santo Deus! tão veneradas!) attentas a alguma leitura ou á monotonia das *paciencias* recommçadas sem fim, enquanto a minha irmã mais nova e eu conversavamos baixinho, entregues a mutuas confidencias e a projectos encantadores que nunca se realizaram. . .

E agora, os phantasmas que se esboçam, turvos, nos recantos do meu quarto silencioso como um sepulchro, são as figuras da fatalidade e do destino guiando-me por caminhos novos onde a razão apagou as crenças da minha infancia, onde outros deveres surgiram em frente da minha consciencia, onde a minha concepção da vida tão simples e tão clara, tomou um aspecto assustador para os entes queridos que, presos ás tradições e ao passado, não podiam comprehender a minha *alma nova*.

E aquellas cartas. . . não tive coragem de as deitar no cesto dos papeis inuteis, nem tive coragem de as reler. Não quiz afugentar com uma luz o escuro da noite que apagava todos os detalhes em volta de mim; havia só uma leve claridade, uma especie de reverberação, de vaga alvura de sudario, que emanava das cartas espalhadas sobre a meza.

E eu, que sou forte, que tenho resistido a tantos embates e sahido victorioso de tantas luctas. . . fiquei alli vencido, incapaz de uma reacção, a olhar para os pobres papeis inertes, como a gente olha para um leito funebre onde jáz o cadaver do ente que mais amou. . .

Josepha Perez

Pergunta-me, minha querida amiga, na sua ultima carta, como foi que eu conheci a Josepha Perez.

Antes de eu nascer meus tios travaram relações com ella. Encontraram-n'a n'uma praia em casa dos condes de Z. a quem viera altamente recommendada quando emprehendera a sua primeira viagem a Portugal.

Os meus tios sympathisaram logo tanto com essa creatura extraordinaria, e ella gostou tanto d'elles, que de umas relações banaes de praia, nasceu uma solida e mutua affeição, cada vez mais profunda á medida que os annos foram correndo.

Todo o aspecto de Josepha Perez era modesto; e quando os meus tios foram a Madrid, acceitando o seu insistente convite, ficaram admirados da recepção principesca que ella lhes preparara: aposentos sumptuosos, carruagem sempre á porta, de criados fardados, jantares e bailes em casa de altas personagens, festas e aparatos de um gosto requintado.

Todos os annos, invariavelmente, Josepha Perez vinha passar connosco tres mezes de verão á nossa casa de campo.

Lembro-me d'ella já velha, sem dentes, com o cabello pintado de loiro e uma touquinha de renda preta na cabeça. Usava uns vestidos sempre iguaes de chita roxa, de casaco e saia, guarnecidos com *ruches* da mesma fazenda e rendinhas ordinarias nas mangas e no pescoço, sapatos de duraque sem saltos e, na mão, um lenço de algodão muito grande e de alvura duvidosa.

Em dias de festa, punha espartilho, um vestido de seda preta e dentes postiços que, ao sentar-se á meza, tirava da bocca e mettia na algibeira.

Todos os annos quando chegava, trazia presentes para nós e para os creados: leques, pandeiros, castanholas, capotes á hespanhola, caixinhas de alfinetes em cuja tampa se incrustava uma photographia do Escurial, lenços de seda, *mantones*, mantilhas, ganchos floreados de tartaruga...

Era um prazer enorme para mim o assistir ao desmanchar das suas malas. Sabiam de lá coisas extraordinarias, imprevistas, que me transportavam de admiração.

Trazia o dinheiro todo em libras cosido na roda de um saiote muito velho, para não despertar a attenção dos ladrões; e pintava o cabello, explicava ella, para que, no caminho de ferro, não calculassem a sua idade e os malfeitores, abusando da sua fraqueza de velha, a não atacassem.

Depois do jantar, apanhava as migalhas da meza, juntava-as no lenço e ia installar-se defronte da casa, á sombra, a dar de comer ás formigas. Adorava todos os animaes e passava as tardes a distribuir aos cães e ás gallinhas, pedacitos de pão que esmigalhava entre os dedos torcidos e aleijados pela gotta.

Não tinha a paixão do jogo, mas gostava immenso do *bezigue* e não passava sem a sua partida todas as noites. Apenas se accendiam os candieiros, preparava as cartas, os marcadores, collocava os castiçaes, e installava-se, tamborilando com os dedos sobre a meza para chamar os parceiros. Depois de um dia esbrazeante, abandonavamos com melancholia o canto do terraço onde tomavamos o fresco e acudiamos, cheios de resignação, á sua chamada.

Sendo de uma grande rectidão em todos os actos da sua vida, ao *bezigue* fazia batota.

Desgostava-se profundamente se perdia (apezar do jogo ser a *padre-nossos*) e era inclemente para o parceiro que tinha a desgraça de commetter um erro.

Aquelle *bezigue* era considerado por nós todos como uma provação; e quando um de nós se offerencia para revezar um parceiro, esse acto revestia o character de uma grande abnegação.

Joseph Perez falava immenso. Nunca foi capaz de apprender uma palavra de portuguez; contava-nos historias sem fim n'um andaluz cerrado que acabámos por entender perfeitamente.

Recebia todos os dias jornaes de Madrid; interessava-se sobretudo pelos crimes e pela politica.

Os crimes apaiçonavam-n'a extraordinariamente; seguia com ardor os assassinos desde o momento em que praticavam o delicto até que subiam os degraus do patibulo. Esta mania augmentava com a idade; queria que todos os malfeitores fossem castigados e, emquanto a policia não descobria e flava os autores de qualquer assassinato ou roubo celebres, não tinha um momento de descanso, repetindo-nos indefinidamente todos os detalhes do caso, que acabavamos por saber de cór.

Imagino que havia n'esta paixão uma grande parte de medo. Vivia só, era muito rica e sentia-se velha. Tinha decerto momentos de pavor, que não confessava, durante os quaes as sombras sinistras dos Troppmann e dos Pranzini, a obceavam.

Todos os domingos mandava buscar á villa uma carruagem para lá ir ouvir missas. Demorava-se no templo desde muito cedo até que o ultimo padre descia os degraus do ultimo altar. Fazia assim um grande fornecimento de missas para o inverno; porque no inverno não ia ás egrejas onde tinha frio. Mas as missas ouvidas no verão eram muitas, chegavam-lhe para o inverno todo; e assim, com a consciencia tranquilla, deixava-se ficar em casa durante os domingos gelados de Madrid.

Tinha um dominante horror aos medicos e ás medecinas. Quando não se sentia bem, fechava-se no quarto, mettia os dedos na garganta, vomitava

conscienciosamente tudo quanto comera e tomava um suadouro.

Eram estes os seus unicos remedios; applicava-os sem distincção para combater todos os males. Depois, restabelecida, explicava-nos as suas theorias: todas as doenças vinham dos *humores*; a grande coisa era a gente ver-se livre d'elles; quando os *humores* sahiam, acabava-se a doença.

Era isto que os *burricos* dos medicos não queriam entender e por isso faziam tantas victimas.

Josepha Perez era muito intelligente e muito instruida em historia e litteratura. Escrevera peças de theatro que tinham subido com successo ás scenas de Madrid e collaborara em varios jornaes e revistas. Viajara immenso. A sua conversa (exceptuando crimes, *bezigue* e medecina) interessava novos e velhos, encantava toda a gente. Possuia em si o dom subtil e indefinivel de uma grande seducção.

Devia ter sido linda, de uma distincção de rainha. A bocca murcha e o oval do rosto, conservavam ainda linhas puras de uma perfeita belleza; o nariz aquilino e a fronte luminosa trahiam-lhe o genio dominador e a vasta intelligencia. A mobilidade da physionomia era espantosa, e os olhos brilhantes, cheios de pensamento e de expressão, tinham a viveza da mocidade.

A politica hespanhola constituía uma das mais graves preoccupações da sua vida. Á hora do correio, absorvia-se na leitura do que se passara nas côrtes de Madrid; interrompia-se a miudo com ex-

clamações vehementes de aprovação ou de censura, e chamava o meu tio afim de lhe ler em voz alta, com uma velocidade vertiginosa, trechos de discursos. Em certas ocasiões a sua indignação e a sua revolta assumiam proporções enormes; então escrevia cartas fulminantes ao pobre Canovas del Castillo. O Canovas respondia-lhe sempre. Estou a ver os sobrescriptos com o carimbo da presidencia do conselho, o papel grande dobrado em quatro, as expressões de respeito e de carinho, as longas e pacientes explicações e, no fim, a phrase de cortezia castelhana, que soava como o tinir de esporas de oiro, como o arrastar de um manto de aparato e o rojar pelo chão de um feltro emplumado n'um gesto fidalgo de cumprimento.

Às vezes vinham tambem cartas da rainha Iza-bel com uma rodella de lacre brazonado do diametro de cinco tostões, e cheias de phrases affectuosas como de uma irmã para outra irmã.

Á hora do calor, quando nos reuniamos na sala, Josepha Perez sentava-se a um canto com o nosso velho tio Anselmo, que fôra ajudante de campo d'el-rei D. Luiz e depois de D. Carlos, e que acompanhara varias vezes a familia real nas suas viagens.

E então que interminavel desenrolar de recordações! Elle contava lhe as festas das Tulherias no tempo de Napoleão III, as recepções da Princeza Mathilde no *Palais Royal*; e ella interrompia-o para lhe lembrar a *toilette* da duqueza de B. durante um certo baile de mascaras, e uma celebre phrase do

Duque de Morny á imperatriz, e a proposito lembrava-lhe anedoctas dos membros da familia imperial, que os divertiam. Depois, baixando a voz, recordavam certos escandalos... e os olhos brilhavam-lhes de malicia atravez de uma lagrima que apontava com a saudade dos radiosos tempos assim evocados. Riam baixinho com ares entendidos, olhavam para nós como se fossemos todos creanças. E na sala escurecida pelas venezianas fechadas, que apenas coavam uma dôce claridade verde, a conversa dos dois velhos que tinham visto tantas grandezas e que tinham vivido tão intensamente, espalhava no ambiente phantasmas de um passado morto: eram cavalladas, torneios, toiradas reaes, o ceremonial impressionante da côrte de Madrid, as festas inolvidaveis de Veneza á passagem da senhora D. Maria Pia, as noites de gala nos theatros ornamentados e imponentes como cathedraes, os camarotes cheios de principes, de reis, de imperadores, rutilantes de joias, de gran-cruzes, de insignias, de alamares; eram os bailes onde dançavam os representantes das maiores potencias da terra, os concertos onde tocavam e cantavam as maiores celebridades.

Nos intervallos de silencio parecia-me ouvir o arrastar de brocados, o entrechocar de espadins de oiro cinzelado, durante uma figura de dansa, o sussurro d'aquellas multidões deslumbrantes, emquanto no ar se espalhavam perfumes subtis, como ao abrimos um cofre antigo.

Todo o seu brilhante passado (de que ella não

fazia alarde, tendo sido creada nas grandezas e achando-as simples e naturaes) aureolavam aos meus olhos Josepha Perez de um prestigio enorme.

De que resplendor eu revestia a pobre figura que era quasi uma sombra e que encerrava tal thesouro de recordações!

Teve uma triste morte como aquella cuja visão, obscuramente e por uma especie de obcecante presentimento, a torturou tantos annos.

Durante uma viagem de recreio ao norte da Italia, adoeceu de repente n'uma casa de hospedes muito recommendada pelo seu confessor, onde a a obrigaram a fazer testamento em favor dos hospedeiros que não conhecia.

Uma sobrinha chamada á pressa, apenas recolheu estas ultimas palavras entre os soluços da agonia:

«Que horror! Que horror!...»

E assim desapareceu da minha vida aquelle vulto original que me habituara a respeitar, a admirar, a estimar tanto, e que me ficou na memoria como a visão de um sonho, pequena fada Carabosse sem maldade, que me surge de tempos a tempos no pensamento e que por vezes confundo já com as ficções das historias inverosímeis que me contavam na infancia.

O Romão

Minha querida amiga.

A ultima carta que lhe escrevi com o pensamento posto em coisas longinquas da minha infancia teve a fortuna de a interessar; e pede-me que lhe conte mais recordações d'esses tempos que já lá vão.

Não é difficil satisfazel-a.

Quando começo a evocar factos passados, a minha memoria torna-se um valle de Josaphat onde acodem, resuscitados, os mortos que jazem no sepulchro do meu coração.

Veem de todos os lados as dôces reminiscencias, ethereas visões envoltas n'uma ligeira bruma de saudade, cuja presença me faz sorrir e me faz chorar, apagando no meu espirito durante um fugitivo e delicioso momento, a noção do presente, a lembrança da rude estrada percorrida desde que as perdi de vista no afastamento do tempo. As grandes como as pequenas, as importantes como as mais modestas, todas essas recordações se tornam iguaes perante o meu olhar embaciado de lagrimas

e todas despertam os echos das mesmas nostalgias, das mesmas ternuras e das mesmas tristezas.

Era gallego, o Romão. Quando eu nasci já elle estava lá em casa havia immensos annos; servira ainda a minha avó e levara meus tios á escola.

Era um velho alto e direito, enxuto, de suissas brancas tosquiadas e com um lobinho do tamanho de uma castanha a um lado da calva luzidia sobre a qual passavam, como riscas em papel de musica, alguns fios de cabello fixados com pomada.

Casara muito novo lá na terra e a mulher de-ra-lhe dois filhos. Depois abalara para Portugal. Fôra vendedor ambulante, engraxador, encontrara-se envolvido nas guerras civis durante as quaes passara cartas perigosas escondidas entre as solas das botas e aprendera a não ter medo da morte; fôra creado de hoteis, de casas fidalgas e ricas; e finalmente entrara ao serviço da minha familia e nunca mais nos deixara.

Servia á meza com nma perfeição inexcedivel; conhecia os cambiantes subtis que distinguem um grande jantar de familia de um jantar de cerimonia, uma reunião de uma recepção; era mestre em introduzir uma visita na sala, em dirigir um banquete de aparato; sabia rigorosamente a quantos passos de distancia se devia conservar quando acompanhava uma senhora na rua; sabia admiravelmente compôr os *menus* segundo as circumstancias; sabia distribuir os logares, ornamentar a meza, decorar as travessas, andar sem ruido como

as sombras, ou estar impassível como as estatuas; sabia a arte de ler uma ordem no olhar dos amos; sabia emfim todas essas coisas difficilimas e profundas que fazem de um simples mortal um prodigioso escudeiro.

Entendia muito de vinhos e do momento em que os devia servir; tratava muito bem da garrafeira e não bebia. Fazia optimos dôces de copa, dobrava os guardanapos de trinta modos differentes, limpava as pratas como ninguem, comprava tudo mais barato do que os outros, era superior na arte de trinchar, nunca perdera uma carta, nunca entendera mal um recado, era um poço de descrição.

Especializara-se no seu officio e tornara-se perfeito, espantoso de correção; era classico, infallivel.

E de nada d'isto tirava presumpção. Dava-se ao respeito sem pedantismo. Quando despia a casaca, tornava-se accessivel, simples e bom para os camaradas, affavel para os inferiores. A nossa casa era *a sua casa*; orgulhava-se de todos os successos da familia, associava-se do fundo do coração ás nossas maguas e ás nossas alegrias sem sahir do seu logar, sem se approximar demais, sem dizer uma palavra que não competisse á sua situação, respeitoso até á rigidez, grave sempre como um senador romano em frente dos meus tios, e prompto a dar a vida por nós, se fosse necessario.

Da sua propria familia, lá da Galliza, pouco se lembrava. A mulher morrera; os filhos, já homens, governavam a vida. Limitava-se a escrever-lhes todos os annos pelo Natal.

O Romão tinha por mim uma afeição profunda, onde o respeito se misturava a uma grande ternura.

Pegara-me ao collo quando eu não completara ainda vinte e quatro horas de existencia e vira-me crescer dia a dia; inquietara-se com as minhas doenças, admirara as minhas graças; vira morrer meus paes e chorara a minha orphandade.

Eu era um rapazito feio, magro, nervoso, precoce; mas o Romão extasiava-se deante de mim, encontrando-me parecenças com a minha avó que era linda, que elle sempre considerara de uma essencia superior, quasi sobrenatural, differente de todas as outras mulheres.

Contavam-me que uma vez, teria eu tres annos, indo lá na quinta passear sob a sua guarda, como me approximasse muito da beira do caminho, elle me amparara ao de leve com o bordãosito que trazia, para não me deixar cahir. E eu parara logo, suffocado, vermelho de indignação:

«Ora essa! com um pau!...»

O Romão baixara a cabeça, afflicto, julgando ter faltado ao respeito que me devia. E d'ahi por deante, quando sahia commigo, não tornou a levar o seu bordão, tomando o mais escrupuloso cuidado em não ferir a minha susceptibilidade tão melindrosa.

Felizmente, com o tempo, fui perdendo aquella altivez; e quando cheguei aos sete annos, a minha amizade pelo Romão saltava por cima de todas as barreiras sociaes que nos separavam.

Fazia tudo quanto eu queria, tornava-se creança para me divertir; franzia o rosto grave em caretas burlescas, contorsionava o corpo como um palhaço, executava sortes de prestidigitação, contava-me historias...

As historias do Romão!

Era sobretudo no campo que elle m'as contava. Lá, durante o verão, jantavamos cedo, ás quatro horas; ficavam livres as tardes enormes e calmas, cheias de horas deliciosas e iguaes como as ondas de um rio.

Quando voltavamos dos passeios ou da eira, á noite, enquanto os meus tios e as visitas, parentes e amigos... (a nossa casa de campo estava sempre cheia de hospedes) se installavam no terraço ao fresco, esperando a hora de principiar o serão, eu escapava-me para a cosinha.

O Romão acabara havia muito o serviço, dera a sua volta pelo jardim, e viera sentar-se alli, no seu logar do costume, defronte de algum jornal antigo, a ler o folhetim. E eu trepava para o seu collo, amarrotava-lhe o jornal, passava-lhe os braços ao pescoço e pedia-lhe historias.

Não estava alli mais ninguem.

Lá de cima, da mina, vinha encanada a agua para a cosinha; e cahia devagar e sem interrupção dentro do grande deposito de cantaria, com um ruido guttural de gargarejo.

Defronte do deposito, alinhavam-se na parede as panellas, os tachos, as frigideiras, as machinas de moer carne, os passadores, as escumadeiras,

as grelhas, todas essas coisas humildes e cheias de utilidade, que tinham servido durante o dia e que agora, asseadas e reluzentes, descansavam com um ar inteligente e pareciam escutar-nos.

O fogão muito grande e muito limpo, descansava tambem com um aspecto de beatitude, apagado e frio sob o enorme panno da chaminé que avançava por cima d'elle como um docel.

Debaixo dos tijolos das fornalhas, os grilos cantavam tanto que não deixavam chegar-nos aos ouvidos os rumores vagos do exterior.

Um candieiro de petroleo pendurado n'uma trave do tecto, espalhava a sua claridade avermelhada sobre as duas mezas grandes, ainda humidas das lavagens finaes e sobre os armarios cujas portas entreabertas deixavam espreitar correntezas de loiça. A guarnição luzidia de azulejos que forrava as paredes até meia altura, era os meus encantos. Não compunham quadros completos; tinham sido aproveitados para alli á tóa, tirados ao acaso de outros compartimentos quando meu tio fizera obras na casa. Havia-os brancos e azues, outros azues, amarellos e verdes... Muito ingenuos, representavam coisas simples, de um desenho imperfeito: um caçador com o seu cão, um macaco, metade de um papagaio, um ramo de flôres, uma pastora sem cabeça, um soldado sem pés, os quartos trazeiros de um cavallo, a prôa de um navio...

E o Romão apontando para aquellas figuras incompletas, ia falando, inventando, e todas se ani-

mavam e resplandeciam de uma vida tumultuosa e magnifica.

O caçador e o cão faziam prodigios cynegeticos; o papagaio e o macaco, no meio de intrincadas florestas virgens, diziam coisas espantosas, tinham muito mais juizo do que os homens; o soldado multiplicava-se, tornava-se exercito, e travavam-se terriveis batalhas; a prôa do navio transformava-se n'uma ligeira e triumphante galera, de velas enfunadas e cheia de invenciveis marinheiros que partiam á busca das mais impressionantes aventuras. Insensivelmente, essas phantasias levavam-nos á evocação da princeza Mangalona, da Branca Flôr, do João de Calais e as lindas personagens ingenuas e rudes surgiam na minha imaginação como figuras luminosas de vitraes.

O Romão contava-me tambem episodios das guerras civis nas quaes se achara envolvido; e se eram coisas de perigo, tinha um sorriso especial, um modo de olhar para longe, como se eu não estivesse alli, um ar de saudade e de enthusiasmo. E então eu agarrava-lhe no queixo, obrigava-o a curvar-se para mim, a não fitar esse passado que eu não via.

Outras vezes falava-me da minha avó, das suas virtudes e da sua belleza; contava-me os seus sofrimentos tão resignadamente supportados, a sua existencia de flôr rara, desenraizada e infeliz, e descrevia-me a sua figura melancholica de princeza encantada, resplandecente de joias e de formosura.

Eu já sabia de cór a historia da minha avó, mas ouvia-a invariavelmente com o mesmo interesse apaixonado.

Uma parte d'essa historia passava-se n'uma terra longinqua que no meu pensar se confundia com a patria nebulosa de Branca Flór e da Princeza Mangalona. Era n'um palacio fabulosamente grande com tectos reaes sustentados por gigantes que se erguiam aos quatros cantos, esculpidos na madeira com tanta verdade *que mettiã medo*. As paredes eram ornadas de tapeçarias e de quadros enormes representando guerreiros vestidos de ferro, fidalgos agaloados de oiro e rutilantes de insignias... E havia tambem paineis que figuravam batalhas no mar ou em terra, onde sempre, uma figura dominava as multidões, brandindo a espada, cortando cabeças de moiros, de castelhanos ou de rumes...

O Romão explicava-me que essas pessôas graves, esplendidas ou terriveis, eram *os meus antepassados*.

Essa revelação, feita com uma voz diferente, mais baixa e solemne, deixava-me frio. A minha concepção do passado era vaga e os *antepassados* confundiam-se no meu cerebro com as ficções suscitadas pelos azulejos. De resto não sympathisava com elles. Aquelles homens cheios de poder e de força, que matavam gente, eram quasi reis e se vestiam com fatos de mascarados, não me inspiravam confiança. E era com um grande prazer que via chegar o ponto da historia em que o Romão os

abandonava definitivamente e falava de coisas mais compreensivas e tranquillizadoras.

Pobre Romão que tanto me aturou! Associe a sua figura a todas as recordações da minha infancia. Em todas as alegrias, em todas as tristezas, na monotonia feliz da vida diaria, quando olho para traz, para esse passado que se turva já um pouco, vejo sempre o seu vulto direito, a sua calva luzidia com o lobinho ao lado, as suas suissas brancas, o seu bom olhar de cão fiel.

E faz-me bem pensar n'elle. Consola-me da maldade que vejo á roda de mim e que marca tristemente o fim das minhas illusões e o principio da minha velhice.

.....
Lembro-me n'este momento com grande lucidez, das festas de Santo Antonio, de S. João e de S. Pedro, as festas que faziamos lá no campo e que se impregnavam de um tão forte perfume de paganismo. Foi n'essas festas que eu vi mais de perto a alegria humana verdadeira e espontanea, a alegria despreendida por completo de qualquer convenção, a alegria pura e livre, tão rara na nossa alma complicada de civilizados.

Logo depois do jantar, com duas bôas horas ainda de sol diante de nós, iam todos (amos e creados, n'uma fraternidade que nunca mais se repetia em todo o anno) buscar matto para a fogueira.

Cada um levava uma foicinha, ou uma podôa, ou uma tesoura de jardim, ou uma navalha, e ao hombro uma corda para atar os mólhos.

Minha tia, a prima Bertha, a tia Maria da Graça, Josepha Perez, que marchava devagarinho dando o braço ao meu tio, os meus primos e primas, toda a creadagem, o guarda da quinta levando um machado para cortar o pinheiro, dois trabalhadores para o trazerem ás costas... eramos perto de cinquenta pessoas.

E as senhoras Costas; é preciso não esquecer as duas senhoras Costas que vinham invariavelmente passar aquelles dias connosco e dormiam lá na quinta.

Chegavam da villa de manhãzinha por causa do calôr.

O Romão é que ia buscal-as, montado na egua russa; ia tambem o moço da cavallariça levando tres burros: o hespanhol, pigarço, enorme, para a mais velha das senhoras Costas, pessoa robusta e anafada; o outro, que fazia ordinariamente o serviço da horta, assim como o da agua, destinado ao transporte das bagagens.

Eu levantava-me cedo e ia esperar as senhoras Costas.

Ai! que lindas manhãs de primavera! Todo o meu peito se abrazava de reconhecimento por Nosso Senhor, que nos mandava sempre uns dias tão radiosos para a celebração das festas dos Santos. Não me lembro que um dia d'aquelles estivesse chuvoso ou enevoadado sequer. O ceu todo limpo, o sol resplandecente, o jardim cheio de rosas, a alfazema toda em flôr, as amendoeiras cobertas da neve côr de rosa das suas corollas

abertas, uma cantoria doida dos passaros nas ramarias e um perfume fresco e delicioso espalhado por toda a parte.

Para além da cancella do jardim, eu ia andando devagar...

Não havia estrada. O caminho para a villa era traçado simplesmente pela passagem continua dos carros de bois trilhando a terra que se avermelhava aqui e além. Entre as sub-rodas fundas, cavadas no inverno e agora endurecidas, cresciam tufos de murtas em flôr.

Lá ao longe, na sombra dos sobreiros enormes golpeada de raios de sol, apparecia finalmente a caravana das senhoras Costas.

A senhora D. Ermelinda vinha adeante, no burro hespanhol. Sentada de lado, commodamente, como n'uma cadeira, amparada pela *forquilha* bem apertada sobre a albarda, as suas formas opulentas davam-lhe um ar de magestade. Eu achava magestosa a senhora D. Ermelinda.

A seguir, a senhora D. Candida, de lunetas, pequenina e nervosa, montava o burrinho preto da horta sobre cuja albarda se fixava uma *cadeirinha*.

Depois, vinha o Romão, grave e protector, enorme e imponente como uma estatua equestre.

Finalmente o moço da cavallariça, escarranchado no burro da agua, com uma espora ferrugenta no pé direito, as pernas muito abertas pela largura da albarda, as calças fugidas para cima deixando ver as meias de linho azul, a ponta do barrete a

dar e dar ao passinho miúdo da besta, a jaleca retezada nas costas pela posição dos braços arredondados, amparando as maletas amontoadas sobre o arção, que lhe exigiam para as suster prodígios de equilibrio e de força.

A senhora D. Ermelinda segurava n'uma das mãos a redea, na outra uma sombrinha escarlate.

A sombrinha da senhora D. Candida era azul celeste.

Nem uma nem outra usavam estribo. Era um principio; não queriam embaraços a fim de poderem apeiar-se d'um salto ao primeiro vislumbre de traição dos animaes. E assim, traziam os pés a abanar, pendurados, calçados de botinas de elastico no alto das quaes apparecia por vezes a alvura da meia.

Eu, apenas as via de longe, desbarretava-me, agitava no ar o chapéu, corria para ellas.

A caravana parava.

As senhoras Costas perguntavam-me se havia muito rosmaninho n'aquelle anno, se as murtas lá na charneca estavam bem floridas, se já tinhamos escolhido o pinheiro... E informavam-me de que traziam uma caixa de *valverdes*, *pistolas* e *rodinhas* das mais caras.

Eu exultava.

O Romão içava-me para a garupa da egua russa.

D'ahi a um instante chegavamos á cancella do jardim onde o burrinho preto da senhora D. Candida tinha invariavelmente uma birra, empenhando-se em tomar o caminho da estrumeira. Um zur-

rar atoador ensurdecia a intrepida amazona, traduzindo a violencia d'esta obstinação.

A senhora D. Candida que era destemida, puxava a redea com energia phrenetica, tamborilava com os calcanhares na borda da albarda, na illusão de que chegava á barriga do animal, fechava a sombrinha e batia com ella na anca do teimoso bicho, gritando :

«Arre burro! Arre burro!... Hom'essa!...»

E como o burrinho insistisse na sua inabalavel resolução de atravessar a estrumeira, avançando sempre com a bocca aberta pela pressão da barbela, o pescoço torcido e as orelhas para traz, marcando bem o seu firme proposito de não ceder, o Romão apeava-se, agarrava-o pela redea e metia-o no bom caminho.

Finalmente chegavamos a casa onde a familia todá reunida no terraço, esperava em alvoroço as senhoras Costas.

Eram tão boas, as senhoras Costas!

Caridosas, acudiam a toda a gente e ninguem as ouvia falar do bem que faziam. Davam de comer, davam de vestir, davam mezadas, davam remedios... N'umas poucas de leguas em redondeza não havia infeliz que não as conhecesse,

Ninguem entendia como ellas o culto da amizade; eram enfermeiras incomparaveis e companheiras certas das horas tristes.

Como tudo isto vae longe, querida amiga!...

Á tarde, quando iamos buscar os molhos de matto para a fogueira, as senhoras Costas acom-

panhavam-nos sempre, de navalhas e cordas, tal qual como os outros.

Deixavamos a sombra dos sobreiros e espalhávamo-nos pela charneca.

Todo o matto estava em flôr. Havia o amarello brilhante das giestas e do tojo, as rosinhas singelas das estevas, a brancura delicada e perfumada da murta, as espigas roxas do rosmaninho, a erva de S. João com os seus botões duros e o seu cheiro amargo e as urzes cobrindo a terra com as hastes curtas, carregadas de flores pequeninas e aglomeradas que davam a toda a charneca uns tons de violeta pallido e de branco rosado.

A terra da charneca, pedregosa, resequida, dura, sempre a arder em sede, tisonada e gretada pelo sol, como ella brilhava, como ella resplandecia n'aquellas tardes!

A cada passo esmagavamos ervas odoríferas e, em volta de nós, o ar ficava embalsamado.

O meu tio, a minha tia e todas as outras pessoas de cathegoria, apanhavam meia duzia de hastes de rosmaninho, não se dissesse que não contribuiam para a fogueira do Santo. Mas a sua tarefa não ia mais longe; sentavam-se todos em breve n'um talude, tendo juntado apenas uma mão cheia de matto florido.

Mas em volta d'elles a nossa actividade crescia.

Eram gritos, cantos, risadas, ditos e graças...

Ao pôr do sol o nosso batalhão reforçava-se com os rapazes e raparigas do serviço que, ape-

nas tinham largado as tarefas do campo, acudiam a toda a pressa para nos ajudar.

E não havia senhores nem servos. Uma vez no anno esquecíamos todas as diferenças lembrando-nos só que eramos novos. Nem meu primo Gabriel, na sua qualidade de morgado, tinha o direito de se enxofrar com um dito menos respeitoso atirado por uma bocca onde floria a mesma mocidade e a mesma alegria que lhe accendiam a elle os olhos e lhe coloriam o rosto.

Ao rever na minha memoria, depois de tantos annos, aquellas tardes abençoadas, a figura que me apparece mais nitida é a do Romão.

O Romão não me largava; a sua actividade era espantosa; todo o seu orgulho consistia em que o *nosso* molho fosse o maior e o mais florido de todos. Em volta de nós choviam os desafios, as apostas, os ditos, as brincadeiras... Mas nada alterava a nossa febre de trabalho. O Romão nem falava para não perder tempo... E no fim da tarde, era o *nosso* molho que triumphava emquanto nós dois, gloriosos, escorrendo em suor, ouviamos as exclamações admirativas dos vencidos.

Depois seguia-se a procissão da volta; adeante o pinheiro levado pelos dois trabalhadores e pelo guarda, e logo a correnteza dos mólhos floridos e perfumados, á cabeça das cachopas, das creadas, das minhas primas, ás costas dos rapazes... Atraz vinham as pessoas graves trazendo raminhos de rosmaninho, erva de S. João, e cestos pequenos com alcachofras.

Lá em cima no alto do oiteiro, na eira velha agora abandonada, fazia-se um buraco no chão, espetava-se o pinheiro, vinham mólhos e mólhos de matto roçado já secco, desmanchavam-se os molhos frescos trazidos da charneca, e os môços da lavoura appareciam com as forquilhas e *armavam* a fogueira.

Tão grande! Tão alta! Que bom cheiro a rosmarinho e a murta!

Mettiam-se-lhe folhas de piteira por toda a parte.

A um lado o Romão dispunha a meza das *fogaças*, tendo ao meio o throno do santo.

Prendiam-se as correntezas dos balões.

Havia sempre entre a gente do serviço pelo menos um *tocador* que, importante, de cigarro ao canto da bocca, rodeado pela rapaziada da abegoaria, afinava a guitarra.

Perto d'elle o grupo das cachopas esperava, de braços cruzados, pasmando para estes preparativos.

Traziam-se as cadeiras para as pessoas de respeito e ao lado collocava-se a caixa com o fogo que viera da villa.

Ao longe, pelo escuro dos campos, aqui e além, principiavam já a luzir as fogueiras...

Uma, tres, cinco...

A cada luzinha rubra e scintillante, que rompia as trevas lá no afastamento, havia exclamações:

«Olha, o *ti* Miguel tambem faz a sua festa este anno!»

«E' p'ra ver se Santo Antonio o casa!...»

«Eh! rapazes! A do Manel da Horta é d'uma canna!»

«Olha a fumarada da do Cruzeiro... com seiscentos mil...»

«Raios a partam, que leva as lampas ás mais!...»

O entusiasmo crescia, as exclamações tornavam-se de um pittoresco... arriscado.

Mas não fazia mal; era vespera de Santo Antonio. Depois accendia-se a nossa fogueira.

O lume subia, crepitando, assobiando, devorando o matto secco, torcendo as ramadas do pinheiro, transformando cada agulha n'uma joia; ao esbarrar com o matto fresco e humido, escapava-se n'uma fumarada tinta de sangue, de purpura e de oiro. E o lume ia trepando, enroscando-se no amontoado de plantas odoríferas, ganhando forças a mais e mais, zangado, furioso, espetando linguetas, rompendo o escuro com as labaredas inquietas, tumultuosas, desgrenhadas e cada vez mais altas.

As folhas de piteira estoiravam como petardos; entre rolos de fumo espesso e perfumado, doirado pelo reflexo, as fagulhas subiam, redemoinhavam, parecendo enxames de moscas scintillantes e multicolores.

Via-se claro em toda a eira como em pleno dia.

A gente de serviço e a creadagem dançavam; as cachopas cantavam em côro, de mãos dadas, arrastando os pés a compasso nas primeiras figuras das danças de roda; a guitarra tangia, quasi abafada pelo alarido das vozes e pelo roncar desvairado da fogueira.

Ai, como Santo Antonio devia estar contente lá no ceu, de ver tanta gente feliz por sua causa!

Quando a fogueira esmorecia um pouco, ia-se deitando o fogo de vistas; o Romão é que destinava tudo, era o mestre de cerimoniaes.

Por fim principiava o leilão das *fogaças*, cujo producto se destinava á compra do fogo para o S. João.

O leilão das *fogaças* era a gloria do Romão.

«Uma lampreia dôce!... Meio tostão! Quem mais dá?»

Trepado em cima de uma cadeira, o prato erigido na mão direita, a jaleca de linho a alvejar á luz intermittente da fogueira, a careca a luzir, as faces afogueadas de calor, o Romão apparecia-me n'uma apothese.

Em cima da mesa, no alto do seu throno rodeado de velinhas de cera, Santo Antonio, de barro e da altura de meio palmo, segurava o Menino nos braços e presidia a tudo isto gravemente, attento sobretudo aos namoros.

As *fogaças* eram todas arrematadas pelos meus tios que as distribuiam pela creadagem emquanto o feitor chegava da adega com um almude de agua-pé.

Pelas onze horas voltavamos todos para casa, guiados pelo Romão que nos precedia com uma lanterna, emquanto lá na eira o bailarico se prolongava até de madrugada.

.....
E os annos foram passando...

Um dia o Romão declarou que se ia embora.

Sentia-se velho, dizia elle; já não prestava; esquecia-se das coisas que lhe recommendavam, tremiam-lhe as mãos, não via sem oculos...

No fundo era um ensaio que elle fazia, pobre Romão!

Estava quebrado, enfraquecido, não dava conta do serviço como d'antes; os meus tios impacientavam-se com elle, faziam-lhe observações a miúdo, tinham tomado um outro creado a pretexto de o ajudar, mas na realidade para o substituir.

O Romão bem entendia tudo isto. Se não havia de entender! Eram facadas que lhe entravam no coração.

Já não tinha a auctoridade antiga; os outros creados não lhe obedeciam e as suas observações eram tratadas como rabujices. Se havia alguma divergencia entre elle e o creado novo, os meus tios davam razão a este.

E quando o Romão andava pela copa a arrumar a loiça, arrastando os pés, curvado, triste, meditando em muitas coisas passadas, bem percebia que já o não estimavam como d'antes e que era um empecilho...

Então fez aquella experiencia: disse que se ia embora, mas com a secreta e ardente esperanza de que não o deixassem partir.

Partir! Partir para onde? Não tinha casa, não tinha familia... Dera-nos a sua vida inteira, todo o seu coração. A sua casa era a dos meus tios, onde

vivera cincoenta annos; a sua familia eramos nós, a quem amava com uma infinita devoção.

Mas ninguem se oppoz.

Os meus tios fizeram um reparo de simples cortezia, e depois approvaram a idea do Romão que estava de pé defronte d'elles, a tremer, como um condemnado que espera a sentença de morte.

«Você tem razão», disseram elles. «Precisa descansar; os seus filhos estão bem collocados lá na terra, você tambem tem de seu... Sempre que quizer vir passar algum tempo connosco, bem sabe que o receberemos de braços abertos.»

E não viam o pobre olhar de angustia que os implorava, que se prendia razo d'agua a tudo que o rodeava, como se esperasse o milagre de que as proprias paredes se animassem para o defender, para o fixar sob aquelle tecto adorado onde queria morrer!

Nunca esquecerei a sua despedida, o abraço que me deu, saccudido de soluços. Estou a vel-o alquebrado, afastando-se devagar, voltando-se a cada passo, não se podendo resolver a perder de vista para sempre, a casa onde lhe ficava o coração.

Decorreram uns tempos sem noticias; depois receberam-se cartas, cada vez mais espaçadas e cheias de saudade...

O esquecimento ia alastrando, apagando-o das memorias... já não se falava no seu nome.

Por fim, o filho mais velho que viera a Lisbôa tratar de uns negocios, bateu um dia á porta de

meus tios, trazendo a noticia da morte do Romão.

Morrera ninguem sabia de que doença; os medicos não lhe tinham atinado com o mal. Uma tristeza, um tedio de tudo... Nada o interessava. Passava os dias sentado n'uma cadeira a scismar.

Morrera de saudades; não se habituara á vida longe de nós.

Ah! querida amiga, digo-lhe que a morte do Romão foi o maior desgosto da minha infancia!

O senhor Prior

Minha querida amiga.

Não é alegre a historia que vou contar-lhe.

Que quer? Pediu-me as minhas recordações de infancia... e rebuscando na memoria, acodem-me primeiro as mais tristes.

Teria eu uns quinze annos talvez; e isto succedeu n'um domingo de Agosto.

A capella da nossa casa de campo não fôra ainda restaurada; conservava-se conforme o meu avô a deixara ao meu tio: com as paredes escalavradas, a talha do altar carcomida e, nas lages, uma grande nodoa negra, restos da fogueira alli accessa pelo vandalismo dos franceses e cujo fumo e calor tinham estragado no tecto o fresco representando as armas da casa ladeadas por dois anjos entre nuvens côr de rosa.

A Virgem com o Menino ao collo, imagem secular e de muita devoção, mettida á pressa n'um caixote e levada para um sotão afim de escapar aos sacrilegos invasores, jazia no seu esconderijo

onde o caruncho a pouco e pouco a ia roendo, ao abrigo de profanações.

Por este motivo, iamos todos os domingos ouvir missa á igreja da aldeia mais proxima.

Havia para nós o chorrião puxado a bois, grande como uma arca de Noé, com o verniz estalado, as molas ferrugentas e os puxadores das portinholas de prata massiça finamente cinzelada. Os creados iam n'uma especie de carreta com toldo de lona. E assim, devagar, solemnemente, ao som das afinadas campainhas de cobre das colleiras, atravessavamos os tres kilometros de charneca e pinhaes solitarios que nos separavam da freguezia.

Fazia muito calor; e durante o trajecto não encontravamos viv'alma.

Os grandes moscardos que esvoaçavam insistentes em torno dos bois, vinham de vez em quando poisar no nosso fato; as cigarras cantavam perdidamente.

O matto agreste, duro e resequido, irrompia da terra escaldada pelo sol e emanava aromas acres.

Os boieiros, endomingados, com as jalecas de *sorrobeco*, as cintas pretas e os carapuços enterados até ás orelhas, caminhavam em passo vargaroso, de grandes aguilhadas ao hombro.

A minha tia ia sentada no fundo do chorrião, no logar principal, de mantilha e luvas; segurava n'uma das mãos o livro de missa e com a outra agitava o leque de seda que lhe batia no peito em pancadas rythmicas.

A missa não principiava sem nós chegarmos.

Quando o chorrião parava defronte da igreja o rapazio juntava-se em volta da portinhola, embasbacado para nós; no adro apinhavam-se os homens e todos se descobriam á nossa passagem.

Entravamos pela sacristia para falar ao senhor Prior.

Na capella-mór, lá em cima ao lado do altar, alinhavam-se as nossas cadeiras; atrás de nós vinham duas mulheres trazendo as almofadas de lustrina, ás riscas, onde nos ajoelhavamos.

Tambem na capella-mór (no espaço comprehendido entre os degraus do altar e a teia), ficavam os homens mais antigos e mais conceituados da freguezia; no corpo da igreja o mulherio alastrava no chão a roda enorme das saias, embrulhava-se nos chales, ostentava o luxo dos lenços vistosos e, como a igreja era pequena para a grande quantidade de fleis, retirava-se o guarda-vento, para que, mesmo do adro, a multidão pudesse assistir ao officio divino.

Apenas o senhor Prior assomava á porta da sacristia, havia um arrastar de sapatos cardados nas lages; os homens empurravam-se, apertavam-se uns contra os outros. E o padre entrava na igreja precedido pelo sacristão que abria caminho com difficuldade entre os fleis.

A missa principiava.

O senhor Prior era um velho alto e gordo, curvado, muito sujo na sua pessoa e muito descuidado no arranjo e limpeza da igreja. As toalhas do altar não tinham frescura; havia pelo tecto de-

negrido immensas teias de aranha; o chão não se lavava nem se varria, os santos estavam cobertos de poeira; as flôres de papel dos palmitos já não tinham côr nem forma; as moscas sarapintavam tudo. Ninguem areava o calice, nem os castiçaes, nem a campainha; ninguem lavava as galhetes rachadas e baças.

O senhor Prior tinha a barba por fazer, o cabelo empastado e casposo, as mãos encardidas. Enquanto dizia a missa n'um latim atabalhado e já muito esquecido, juntava-se-lhe uma espessa saliva aos cantos da bocca. Em volta do pescoço, a alva amarrotada apparecia negra e sebenta.

Por toda a igreja ouvia-se o bichanar das rezas. Às vezes uma creança falava alto, ou chorava, ou ria; uma mulher bocejava ruidosamente ou abafava uma exclamação; chegava até nós o som de um riso que se erguia lá fóra no adro... E o senhor Prior interrompia a missa, voltava-se de sobre-olho carregado, e dava uma descompostura formidavel ao seu rebanho de ovelhas.

O rebanho não gostava do pastor. Acusavam-no de usura e de outros defeitos graves para um pastor de almas. Nada fazia, diziam, senão á força de patacos. Muita gente vivia longe da graça de Deus por sua culpa; juntavam-se sem casamento, como bichos, porque não tinham dinheiro que fartasse as exigencias do padre para os unir em frente do Senhor. Muitas creanças ficavam sem baptismo, muitos moribundos sem a extrema-uncção. Nenhum pobre, por mais necessitado que

fosse, era attendido á sua porta. E quando emprestava dinheiro, pedia juro tão alto, que no fim de pouco tempo os desgraçados devedores tinham de lhe entregar os seus haveres. Assim a fortuna do senhor Prior ia augmentando; todos lh'a calculavam já em muitos contos de réis. Mas a avareza d'aquelle homem era tamanha, que os bens não lhe luziam ao sol; tudo era encafuado, escondido; o seu viver tão sordido e miseravel, que até os mais pobres se espantavam.

O peor de tudo era a Aurelia, a ama.

Uma velha como elle, mas que os antigos da terra se lembravam de ter conhecido nos bons tempos da mocidade; diziam que fôra uma moçona de truz, gorda, forte, vermelha, da belleza rude e viril que a nossa imaginação presta á Maria da Fonte ou á Padeira de Aljubarrota. Uma desavergonhada que nunca escondera a sua situação em casa do padre, que parecia fazer alarde da má vida que levava com elle. Era um objecto de escandalo; aparamentada que nem um andor, não lhe faltava coisa alguma: eram bons lenços de seda, bons vestidos de lã, um luxo de medallhas, de cordões, tudo oiro de lei; e tratava de alto toda a gente da freguezia, mesmo a melhor, nem que fosse alguém! . . .

Só por intermedio d'ella e á força de *convites*, é que o povo conseguia obter algum favorsito do senhor Prior; mas quando ella dizia *não*, era *não*. Pela Paschoa, pelo S. João, pelo Natal, choviam-lhe em casa os cestos de ovos, as duzias de quei-

jos, os cabazes de hortaliça, de fructas e até saccos de feijão e de farinha; mas a maior parte das vezes, todos estes sacrificios se perdiam.

O senhor Prior inspirava antipathia; mas a Aurelia inspirava medo. Tudo dependia d'ella; até quando era das eleições.

Ninguem lhe cortava na casaca, senão baixinho e em segredo; quando uma visinha queria fazer mal a outra visinha, armava-lhe uma intriga com a ama do senhor Prior e era uma calamidade que lhe cahia em casa.

.....

Pois... isto succedeu n'um domingo de Agosto.

A Aurelia enterrara-se na vespera; e quando atravessámos a sacristia para falar ao senhor Prior, achámol-o muito curvado, muito velho; muito mais velho do que no outro domingo.

Parecia que n'uma semana, tinham passado sobre elle immensos annos, immensas doenças, immensos cuidados.

Estendeu-nos a mão suja sem dizer uma palavra, sem as costumadas observações sobre o tempo e sobre as culturas. Tinha os olhos vermelhos, papudos, cercados de olheiras negras.

Quando subiu para o altar, foi preciso o sacristão ajudal-o; tropeçava nos degraus. Os homens, na capella mór, olhavam uns para os outros com sorrisos de troça; a missa principiou.

Mas o senhor Prior não atinava com as rezas. Folheava o missal e tornava a folhear... passava a mão pela testa onde apontavam bagas de suor...

O sacristão é que foi procurar no livro o Evangelho do dia.

Corriam sussurros entre o povo, ouviam-se conversas quasi em voz alta e risadas abafadas. Uma creancinha soltou uma gargalhada como se lhe fizessem cocegas.

E o senhor Prior nunca se voltou nem deu descomposturas em ninguem. A' Epistola agarrava-se ao altar com tanta força que as taboas rangiam e a toalha ficava amarrotada; no momento da benção tinha os beiços lividos como os de um morto.

No fim da missa, antes de descer os degraus, parou, dirigiu-se ao povo:

«Peço a todos que me ouvem», disse elle com uma voz humilde «para me perdoarem, se os offendi...»

As mulheres tinham-se levantado; os homens voltavam-se uns para os outros; ergueu-se um borbolino que foi sempre crescendo.

Mas o senhor Prior continuou, limpando a bocca ao lenço tabaqueiro, para disfarçar o tremor do queixo:

«Peço a todos os meus parochianos que me acompanhem n'um Padre Nosso e n'uma Ave Maria por alma d'aquella que durante quarenta e cinco annos me serviu com fidelidade...»

Mas não se ouviu o resto.

No meio de um grande tumulto, a igreja despejava-se.

Todos sahiram á pressa, atropelando-se, rindo

alto, contentes de verem humilhado o leão moribundo. A alegria brutal, a troça desapiadada, expandiam-se lá fóra no adro... justiça primitiva e rude que descia do ceu sobre o pobre peccador, sem que uma só mão se estendesse para elle na hora da agonia...

O senhor Prior ficou só, ajoelhado nos degraus do altar, rezando entre soluços pela alma da Aurelia.

Foi em braços para a sacristia e no dia seguinte morreu.

O Vara-e-meia

Por esse tempo, querida amiga, (ha-de haver perto de quarenta annos) havia lá na quinta um hortelão que se chamava... não sei como se chamava; ninguém sabia.

Era conhecido pelo Vara-e-meia.

Entre a gente do campo, as alcunhas bem postas acabam por supplantar os nomes, por serem elevadas á cathegoria de appellidos e vão passando de paes para filhos até que depois, por qualquer singularidade de um novo membro da familia, outra alcunha se impõe e toma o logar da primeira.

O hortelão lá da quinta era o Vara-e-meia; nada mais.

Usava o seu rosto de velho escrupulosamente barbeado como um senador romano e, em repouso, a sua physionomia tinha o quer que fosse da serenidade e grandeza que ornavam as fronte de alguns companheiros de Bruto.

Esta expressão nobre e fóra do commum, vinha-lhe sobretudo da sua completa surdez.

Um homem privado assim da faculdade de ver

ou de ouvir, afasta-se da arena onde se agitam os outros mortaes. Parece que ha certas cellulas do seu cerebro que tomam um desenvolvimento anormal; a sua concepção de todas as coisas afigura-se-nos differente da nossa, como se elle pertencesse a uma especie diversa. Paira sobre esse ente um mysterio que não podemos aprofundar; as suas capacidades de percepção, de observação e a sua sensibilidade, parecem-nos por vezes milagrosas; o seu infortunio impõe-se-nos como um prestigio.

Á força de não ouvir, o Vara-e-meia esquecera algumas palavras. Mas esse facto não o alterava; substituia-as tranquillamente por outras. E assim, o seu vocabulario era cheio de imprevistos que tornavam a sua conversação por vezes perigosa.

Chamava ás cenouras *bicos de rouxinol*, aos pimentões *cabeças amolgadas*; inventára outras substituições que acho preferivel não transcrever.

Quando riamos ao ouvir estas expressões pittorescas, o Vara-e-meia conservava-se impassivel; o nosso olhar esbarrava no dique mysterioso da sua frente, para além do qual tudo o que se passava nos era desconhecido, impenetravel.

Fóra dos assumptos que se ligavam com a sua profissão ou com os simples incidentes da sua vida diaria, não entendia uma só palavra por maior que fosse a nossa paciencia e a nossa perseverança.

Não entendia? Não queria entender? Seria uma manifestação original do seu respeito por nós? O desejo de se conservar distante, inacessivel?...

Abanava obstinadamente a cabeça, apontava para os ouvidos; todo o seu rosto se fechava n'uma subita immobilidade marmorea contra a qual a nossa curiosidade se quebrava como vidro.

Porém o Vara-e-meia não era sempre uma creatura grave, methodica, impassivel; um dos traços mais curiosos d'aquella estranha individualidade consistia justamente no seu poder de brusca e pasmosa transformação.

Á passagem das raparigas do serviço que o provocavam com graçolas immediatamente entendidas, adivinhadas por elle, o senador romano cedia sem transição, o logar ao satyro. Atirava ao bando de cachopas, ditos maliciosos de uma crueza rabelaisiana, em phrases curtas, incisivas, entre as quaes irrompiam gargalhadas lubricas.

As mulheres novas e frescas provocavam-lhe uma grande admiração; era aquelle o seu processo de prestar homenagem á belleza e á juventude robusta que, ao passar, inundava a sua velhice com os effluvios da primavera.

Aquelles esgares de truão, a mimica e as palavras burlescas, os gritos inarticulados de fauno, eram as flores do seu sentimento grosseiro.

Com os pés nús cobertos pela agua cantante das regadeiras, as calças arregaçadas mostrando as pernas rijas e musculosas, abria os braços em cruz, deitava a cabeça para traz, escancarava-se-lhe a bocca desdentada e todo elle ardia com o fulgor de um holocausto pagão, espalhando aos quatro

ventos os clamores do seu rude preito á dominadora divindade dos sentidos.

Mas se via n'essas occasiões algum de nós approximar-se, depressa afivelava a sua máscara de senador, apagava o olhar, apertava os labios, e não conseguíamos arrancar-lhe uma palavra senão a respeito das hortaliças, ou para pedir qualquer melhoramento na sua habitação.

Depois de estar alguns mezes ao serviço do meu tio, o Vara-e-meia trouxe a mulher para a sua companhia.

E d'ahi por deante, a pouco e pouco, a casita de taboas enegrecida pelo fumo, desarranjada e suja, appareceu caiada, asseada, arrumada. A soleira da porta sempre varrida, ornou-se de majaricos; as côres vistosas e saloias das dhalias, dos cravos e dos girasoes, alegraram os canteiros da horta e miraram-se na agua do tanque. A camisa do Vara-e-meia tornou-se de neve; as nodoas e os rasgões desappareceram-lhe das roupas.

A fada bemfazeja era pequenina, engelhadinha, limpinha, sorridente como um entardecer alegre de primavera, cheirando bem como uma urze antiga torcida pelos annos e coberta de florações.

Falava pouco e baixinho, habituada a viver com o marido que a entendia pelo mexer dos beiços, sem que ella tivesse de emittir o som das palavras.

Era uma velhinha ideal, uma velhinha onde a velhice não tocara senão para lhe cobrir de prata a cabeça curvada, para lhe accentuar no rosto os vincos traçados pelo eterno sorrir de uma vida inteira.

O Vara-e-meia era por vezes brutal com a mulher; mas ella sorria sempre.

Tinha uns olhos tão lindos! Grandes, azues, cheios de doçura, scintillantes de reflexos onde se lia uma alegria inextinguivel e sem causa, como um echo immortal de juventude.

O Vara-e-meia e a mulher viveram tres annos na casita de taboas, lá em baixo, na horta.

Um dia, vieram os dois, com um ar solemne, procurar meu tio.

Morrera-lhes o filho unico, o filho que abalara para o Brazil havia muitos annos e cuja imagem se apagara a pouco e pouco nos dois corações envelhecidos. Deixara-lhes algum dinheiro.

Iam comprar uma fazendita perto da villa e construir uma casa. Vinham despedir-se...

Partiram.

Compraram a fazendita á beira do rio, com uma grande fartura de agua e o Vara-e-meia transformou-a n'uma horta cujos productos vendia na villa e em breve se tornaram afamados.

Construíram a casa, que o arranjo e o asseio da velhinha encheram de conforto, com as suas arcas perfumadas de alfazema, os seus armarios reluzentes, vazinhos de majaricão e cravos nas janellas.

Foram felicissimos durante uns dois annos.

Depois...

O Vara-e-meia adoeceu com uma pneumonia dupla e foi para o hospital.

Passaram-se oito dias, vinte dias, um mez, tres mezes...

A velhinha esperava.

Por fim cançou-se de esperar.

Detraz dos seus olhos tão lindos, o cerebro rudimentar não gerou a idéa simples de ir procurar o marido e saber d'elle...

O hospital era longe; de uma vez que lá estivera, na mocidade, guardara um vago terror pelo casarão enorme e complicado como um labyrintho, cheio de gente desconhecida e atarefada.

Cançou-se de esperar... O marido fôra quem a procurara sempre; se não a procurava agora era porque tinha morrido.

O que se lhe havia de fazer?

Rezou pela sua alma, chorou, vestiu-se de luto... E depois, como não havia por alli visinhança e ella tivesse medo de morrer assim longe e sósinha, vendeu a casa e a fazendita.

Foi para a villa para a companhia de uns parentes afastados, padeiros de seu officio, que a receberam bem por causa do saquitel de dinheiro que trazia no fundo da arca. E, a pouco e pouco, recomeçou a sorrir...

Mas o Vara-e-meia não morrerá.

Apenas lhe deram alta, sahiu do hospital e encaminhou-se para casa.

Ia andando pela estrada fóra com o seu passo largo, erguendo a cabeça de senador romano onde a surdez estampara a serenidade augusta e a nobreza.

Quando avistou a casa, na volta da estrada, parou, estonteado.

A casa estava destelhada; e a horta, a *sua* horta, desaparecia sob os montões de cal e areia, amassadoiros, carradas de pedra...

Um homem, que parecia o dono d'aquillo tudo, andava de um lado para o outro, dava ordens, vigiava as obras... E d'elle, Vara-e-meia, ninguem fazia caso; era como se fosse um estranho.

Tentou fazer algumas perguntas; não entendeu as respostas. E perante a sua expressão perplexa e infeliz, os pedreiros puzeram-se a rir, julgaram-n'o idiota. A sua presença estorvava o trabalho; o proprietario apontou-lhe a estrada com mau modo.

O Vara-e-meia afastou-se devagar, sentou-se n'um murosito baixo á beira do caminho, escondeu a cara nas mãos. .

O que se passaria então no segredo d'aquelle pobre cerebro, isolado do mundo pela fatalidade da surdez completa?... .

A' tardinha, quando as raparigas do serviço voltavam para casa, ao atravessarem o olival depararam com um espectáculo inesperado.

Do ramo de uma oliveira pendia uma cinta e na ponta d'essa cinta, um corpo esguio e comprido, baloiçava levemente.

Na face convulsionada não havia restos da magestade tribunicia de Cezar, nem vestigios do riso lubrico de Sileno. A morte estampara-lhe a sua mascara de horror.

Espavoridas, as raparigas debandaram como um rebanho de gazellas assustadas.

Os mascarados

Querida amiga.

Escrevo-lhe em terça feira gorda, fechado hermeticamente no meu quarto de hotel, afim de me isolar o mais possivel dos mascarados.

Esta minha aversão é antiga.

O entrudo e os mascarados occupam nas recordações da minha infancia, um logar proeminente.

Eu fui uma creança fraca, nervosa, dotada de uma sensibilidade exagerada.

Por mais que me explicassem *que era tudo a fingir e por brincadeira*, a approximação da terrivel terça-feira gorda com o seu cortejo de mystérios, de conspirações, de preparativos, de coisas vagas urdidas na sombra, causavam-me um insupportavel mal-estar. Abriam-se os bahús antigos de onde se espalhava um cheiro suffocante a camphora e a pimenta; a casa da costura enchia-se de fatos exquisitos e mirabolantes, sedas que rangiam, plumas e penachos que se agitavam, campainhas e guizos que tiniam apenas se lhes tocava ao de leve como se palpitassem com vida propria.

Perturbava-me sobretudo o apparecimento das caraças; surgiam do fundo dos bahús, lividas ou apoplecticas, com as boccas torcidas, as ventas escancaradas, os olhos vesgos ou estoirados, hediondas, encarnando todos os pavores e todas as fealdades.

Para mim as caraças tinham um poder occulto e terrivel; não eram inoffensivos pedaços de cartão, como todos se empenhavam por demonstrar-me, mas sim genios manhosos e traiçoeiros que, apenas collocados sobre um rosto amigo, faziam desaparecer o sorriso tranquillizador, o olhar sereno, dissipando n'um momento a atmosphaera dôce, repousante e feliz; povoavam a casa toda de creaturas medonhas que eu não conhecia, andando aos saltos, falando com vozes esganiçadas e antipathicas, transformando a minha vida n'um pesadello.

Os meus tios, as minhas tias, os meus primos, os meus irmãos, todos perdiam a cabeça. Ninguém fazia caso de mim; não tinha uns braços que me protegessem. Escondia no fundo do meu coração o medo que me fazia tremer e povoava as minhas noites de sonhos angustiosos. Evitava falar no meu terror, porque os meus estremecimentos e sustos não eram tomados a serio e todos se coligavam para me explicarem que *um homem* não devia aterrar-se em frente de um pedaço de cartão, nem ter medo de uma brincadeira de entrudo.

A' medida que a fatidica terça-feira se aproximava, o mal crescia. Havia rebates falsos de incendio, simulacros de ataques de ladrões, phantasmas

que passavam na varanda ao anoitecer, camas que se desmoronavam quando a gente se deitava, cobras que sabiam dos charutos de meus tios...

E sustos brutaes, perigosos... Lembro-me que uma vez um dos meus primos se deitou no chão, ao comprido embrulhado n'um lençol, no quarto de uma criada.

Quando a pobre creatura se ia deitar, levando na mão a sua lanterna, ao ver erguer-se como sahindo da terra o phantasma que lhe pareceu enorme, fugiu precipitadamente aos gritos, meia doida de terror e veiu cahir de joelhos no pata-mar da escada onde os meus irmãos e primos a esperavam para gosar o effeito da partida...

Eu estava no segredo; tinham-me contado tudo, bem sabia que o phantasma era o Gabriel; mas em frente do desvairamento da desgraçada que, entre soluços e lamentações, sem forças para se erguer, dizia ter visto a *alma do outro mundo* com olhos de fogo, a bocca aberta a vomitar chammias e tão grande que mal cabia no quarto, a fantasia dominou-me a razão; inundei-me de suores frios, agarrei-me ás saias da minha irmã mais velha a tremer, transido de um pavor immenso.

Uma criada, irmã da victima, principiou por desvendar-lhe o segredo mas sem conseguir tranquillal-a. Explicou que a *alma do outro mundo* era o senhor Gabriel; depois, em frente do terror persistente e absurdo da irmã perdeu a cabeça, zangou-se.

«Levanta-te, Maria! Levanta-te, Maria!»

E a sua voz raivosa tornou-se rugido, enquanto puxava a infeliz e a rojava para o quarto, como um trapo, de rastos, com os cabellos desgrenhados, os olhos esbugalhados, a bocca torcida de angustia...

No quarto já não estava ninguem. O Gabriel saltara pela janella. E aquelle desaparecimento brusco, inesperado, veio confirmar na desgraçada a idéa pavorosa do supposto mysterio.

Um furioso ataque de nervos venceu afinal a pobre Maria que ficou por muito tempo com a saude abalada; nunca mais esqueci a scena horrivel desenrolada no corredor mal illuminado, no patamar sombrio onde dançavam pelas paredes os clarões intermitentes da lanterna da entrada á qual um dos meus irmãos imprimira um movimento de pendulo que fazia ranger, com ruido sinistro, a velha corrente enferrujada no rodizio da roldana.

D'outra vez...

Passavamos n'esse anno o inverno no campo, e o entrudo era em principio de Março.

Fazia muito frio. De manhã, quando abriam a janella do meu quarto, a varzea apparecia branca de geada; no fundo dos valles, mesmo ás horas de sol, durante os nossos passeios, eu levantava das poças de agua, laminas delgadas de gelo que pareciam pedaços de vidro.

Ainda assim, algumas arvores principiavam já a encher-se de rebentos; havia no ar não sei que mysterio dôce precursor de resurreição.

Tinham cessado as chuvas; o sol parecia mais brilhante; o trigo ia furando o solo com as linguetas das suas folhas agudas como lanças, que tingiam as varzeas de um verde suave.

A estrada, muito dura, resoava sob os nossos passos como um sobrado; e á noitinha, quando chegavamos a casa e nos aquecíamos á brazeira, já não tínhamos o mesmo reconhecimento pelo calor, pelo conforto, pelo abrigo, pelos candieiros accesos, como em Dezembro quando lá fóra a invernia bravejava.

Os dias estavam lindos; só á tardinha, lá em baixo, á medida que o sol se apagava e arrefecia, é que, ao longo da ribeira, se ia erguendo devagar uma nevoa... A principio, apenas uma fita branca, serpenteando entre os choupos; depois alargava-se, estendia-se pela planície, trepava as encostas, cobria as collinas, envolvia tudo, tornada escura e densa...

Foi ao cahir da tarde; era terça-feira gorda.

Toda a gente nova tinha ido de manhã para a villa, afim de ver os mascarados e jogar o entrudo em casa das senhoras Costas as pessoas mais importantes da terra, muito divertidas e entusiastas por taes folias.

Eu ficára na quinta com os meus tios. Era ainda muito novo para tomar parte em aventuras perigosas.

Havia muito bôa gente que acordava na quarta-feira de cinzas, sobretudo na provincia, com nodos negras no corpo, *galos* na testa, ou um olho

inchado e roxo, o que não eram motivos de tristeza, mas sim de gloria.

Tinha-se falado muito e com grande exaltação, das brincadeiras que produziam taes resultados: os saccos de tremoços, os alqueïres de farinha, as luvas de areia, as bexigas de porco, as seringas da cavalhariça, as bombas de jardim, os alguidares cheios de agua e outras vasilhas com liquidos diversos que se emborcavam sobre quem passava... Contavam-se anedotas e partidas colossaes que deixavam as victimas mais mortas do que vivas.

Na minha imaginação de creança tudo isto constituia um aglomerado de perigos fabulosos, de modo que vi partir meus irmãos e minhas primas sem sombra de desgosto e até com uma alegria intima, pois a sua agitação, as suas gargalhadas, as suas correrias e os seus mysterios, me pareciam de mau agouro.

Respirei quando vi a carruagem que os levava, desaparecer na volta da estrada e quando, em torno de mim, se restabeleceu a tranquillidade.

A minha boa Lucia, imaginando que eu simulava uma felicidade que estava longe do meu coração, quiz consolar-me vestindo-me de saloio e dando-me tremoços e farinha para eu atirar aos criados, sem perceber que o entrudo me inquietava como uma divindade malfazeja

Passou-se o dia serenamente.

Fui passear de tarde com minhas tias. Desejava que chegasse a noite para me desembaraçar

por uma vez da vaga inquietação que me atormentava. A cada momento julgava-me prestes a ser victima de uma das taes partidas crueis: que os pinheiros, as moitas, os troncos dos sobreiros, e até as pedras, se animariam para me suppliciar.

Quando chegámos a casa, de volta do passeio, a nevoa da ribeira já tinha alastrado, subido, engrossado, enroupando as arvores, transformando o aspecto familiar das coisas. Pelas portas envidraçadas do rez do chão, as luzes do interior da casa appareciam-nos vermelhas e turvas.

Estávamos a dois passos da entrada.

«Vae n'um instante lá acima á porta da cocheira» disse-me a tia Maria da Graça, «saber se o ferrador veiu ver o boi doente.»

A porta da cocheira ficava a uns cem metros d'alli; para lá chegar bastava subir uma pequena alameda de cedros... era um momento.

A tia Maria da Graça considerava preceito excellente de educação, obrigar-me de vez em quando a certos heroismos; era uma senhora grande e forte, muito desembaraçada e destemida; não gostava que eu conhecesse o medo.

Axiomatica, dizia-me:

«Um homem é um homem, e um gato é um bicho».

E, á mais leve manifestação da minha timidez, chamava-me *carinha de meio tostão safado*, *menino mimoso*, *folhinha de violeta*, e outros nomes igualmente offensivos para a minha dignidade.

Tinha outras ironias desdenhosas e crueis. Quando

eu, levado por curiosidade ou entusiasmo, queria tomar parte n'uma conversa, que ella julgava completamente incomprehensivel para mim ou pensava não ser da minha conta, exclamava com uma cor-tezia :

«Entra, Antonio! E como se chama o teu me-nino?...»

Nunca percebi porque me chamava Antonio n'essas occasiões, nem a que *menino meu* se referia a sua sabedoria infallivel. Mas esta phrase inevi-tavel vexava-me profundamente.

Em identicas circumstancias, petrificava-me tam-bem com a brusca proposição de um enigma pa-voroso e sempre o mesmo que eu nunca soube resolver e era uma das minhas mais profundas mortificações :

«Por ventura não me dirá, qual é o nome de homem acabado em *a*?»

De todas estas coisas resultava estar eu sempre mais ou menos armado em guerra contra a minha tia Maria da Graça; o seu dogmatismo tinha o pri-veligio de accordar em mim um espirito combativo, um desejo ardente de a confundir, de provar que se enganava, que não era aquella pessôa infantil e acanhada que pretendia fulminar com o seu des-dem.

Por isso, ao ouvir a sua ordem, não hesitei um segundo e, tremendo como varas verdes, empre-hendi a medonha viagem atravez do nevoeiro e do crepusculo até á porta da cocheira, n'aquelle dia, para mim, tão cheio de mysteriosos pavores.

Desatei a correr. Parecia-me que se fosse devagar, não chegaria ao fim. Mas, de repente, parei.

Defronte da cocheira, na sombra de um massiço de faias, vi tres *char-à-bancs* parados, de onde desciam em silencio innumerados e phantasticos vultos.

Agarrei-me ao tronco de uma arvore, sem forças para fugir, desejando, do fundo do coração, que o deus do nevoeiro me tragasse, me fizesse desaparecer. Immoavel, sentia bater o coração, como se tivesse malho e bigorna dentro do peito.

Alli estava emfim o que eu presentira o dia todo, a coisa vaga e temeroza que pairara sobre mim tantas horas e que agora tomara forma e se transformara em horrivel realidade!

A pouco e pouco os criados da cocheira e da lavoura e as suas familias, juntavam-se em volta dos carros, com risos abafados, exclamações surdas...

Havia vozes cautelosas que recommendavam o silencio.

Os cavallos alagagados em suor saccudiam-se sob os arreios; fumegava-lhes o corpo como se estivessem a arder.

E a monstruosa multidão que se apeava dos carros, parecia não ter fim...

Um moço da abegoaria approximou-se com uma lanterna e as sombras definiram-se, tomaram contornos, coloriram-se...

Eram figuras estranhas, anormaes: anões, cor-

cundas, coxos, gigantes, vestidos com fatos de todas as epochas, de todos os paizes, de todas as phantasias, saias de balão, penteados emplumados, chapéus enormes... e caras horrendas, pretas, brancas, vermelhas, narizes aduncos, boccas escancaradas, focinhos de animaes...

Os cães de guarda andavam em volta d'estes monstros, saltando de alegria, lambendo-os, agitando as grandes caudas felpudas... elles que eram tão bravos, tão crueis para com os pobres que passavam na estrada!

E depois, toda a caravana principiou a descer a alameda, desfilou silenciosamente ao meu lado, sem me ver...

Deixavam atraz de si um cheiro forte de sandalo e de camphora e o seu andar produzia um ruido continuo e surdo como o de um rebanho de ovelhas.

Devagarinho, tremendo e com o sangue gelado, segui-os cautelosamente a distancia, escondendo-me na sombra dos cedros.

Apenas chegaram, silenciosos, defronte da casa onde agora, á luz dos candieiros da sala, eu via os meus tios tranquillamente sentados a conversar, juntaram-se todos e desataram depois a correr direitos á varanda, emittindo gritos esganiçados, cantando, tocando violas, pandeiros, tambores e ferrinhos, agitando guizos, campainhas, fitas, bandeirolas, coisas multicolores e brilhantes.

Foi um alvoroço.

As pessoas que estavam na sala, levantaram-se

em sobresalto, os criados acudiram com luzes, os cães principiaram a ladrar. . .

E a onda dos mascarados invadiu a casa como uma avalanche.

Dentro de alguns minutos organizava-se um baile.

Os mascarados tinham trazido musicos; illuminaram-se as salas e preparou-se uma ceia que ficou celebre.

A pouco e pouco os phantasmas, tirando as caras, transformaram-se em pessoas muito nossas conhecidas, meus irmãos, meus primos, as senhoras Costas e todo o *grande mundo* da villa, que dançaram com phrenesi até de madrugada.

Quanto a mim fiquei de cama tres dias com uma febre nervosa.

Elles . . .

Pergunta-me na sua ultima carta, querida amiga, qual a origem da minha idéa arreigada que as mulheres se queixam sempre dos homens.

Que quer? Desde pequeno comecei a ouvir o ritornello secular, a reter no meu espirito as classicas lamurias.

O bello sexo queixa-se do sexo forte ás vezes com razão, outras por vingança, por habito, por vaidade . . . muitas vezes ainda, simplesmente para dizer alguma coisa.

.....
Na minha infancia, durante os mezes que passavamos no campo, appareciam frequentemente defronte da cancella do terraço, mulheres embiocadas que se lamentavam: o marido bebia, jogava, andava mettido com as pelotiqueiras . . .

Algumas mostravam arranhões na cara, arregaçavam a manga para exhibir nodoas negras; outras fallavam dos maridos com indulgencia, relatavam as suas loucuras, os seus egoismos, as suas estroinices, com um ar resignado e um vago

sorriso; encolhiam levemente os hombros, murmurando:

«São *homes*... o que se *l'hade* fazer?!»

Outras ainda, as felizes, as privilegiadas, as que tinham alguma coisita de seu e não conheciam a miseria, as que não vinham pedir, mas simplesmente *visitar*, encostavam-se á cancella e contavam-nos a sua vida com uma especie de orgulho.

Quasi sempre estas *visitas* chegavam ao domingo, depois da missa. E já era um prazer para mim, vel-as descer a alameda de acacias que formavam um tunel de verdura atravessado pelos raios do sol como por espadas abrazadas. As mulheres vinham por alli abaixo com os seus lenços vistosos, com os chales de franjas lançados pelos hombros, no peito os cordões de oiro e as medalhas. Com as saias de chita encampanadas e multicolores, pareciam grandes flores a andar.

Depois approximavam-se, davam os bons dias, principiavam a conversar, limpando de vez em quando os cantos da bocca ao lenço muito branco e muito bem dobrado que traziam fechado na mão e que cheirava a alfazema.

Quasi todas vinham com o *convite*: um cestinho de ovos, meia duzia de queijos frescos de ovelha, fructas, dôces... E, envergonhadas, de olhos baixos e muito vermelhas, estendiam para nós o cestinho coberto com o guardanapo bordado ou a toalhinha de *crochet*, explicando que *era só uma lembrança, coizas lá da sua fazenda, para os senho-*

res provarem... e Suas Ex.^{as} que desculpassem o pouco...

Os cestinhos iam para a copa, despejavam-se, mettia-se-lhes no fundo uma moeda de prata embrulhada em papel de côr como um rebuçado, collocava-se-lhe em cima, bem dobrada, a toalha de *crochet*, e, assim preparados, devolviam-se ás donas.

E então falava-se dos filhos, do marido...

Os filhos lá iam, graças a Deus... Havia sempre um que tinha *sapathia* pelas letras e que era *desesperado* para aprender; destinava-se a caixeiro.

O marido... sim senhor, entregava a feria á mulher, era amovavel para os filhos... Lá tinha as suas coisas... gostava da pinga e tinha mau vinho; mas era só aos domingos e em dias de mercado. Jogava as cartas com os amigos... os amigos é que o desencaminhavam. Mas... o que se lhe havia de fazer? Muita sorte tinha ella porque... *como o outro que diz: homes são homes.*

E sorriam, com um ar de beatitude ao pronunciar este axioma, contentes por não apanharem pancada, nem morrerem de fome.

.....
Durante o inverno que passavamos em Lisboa, a minha tia recebia á noite, duas vezes na semana.

Entre os frequentadores d'esses serões, havia tres irmãs, as senhoras Freixedos, pelas quaes eu tinha a maior admiração.

Eram fidalgas dos quatro costados, e todas tres

solteiras; a mais nova devia já ter completado os trinta.

Tinham nomes preciosos que emanavam um sabio perfume de academia litteraria e as aureolavam de um mysterio doce. A mais velha chamava-se Celimena, a segunda Francilia, a terceira Alcina.

Não sei se eram nomes de baptismo, ou simplesmente nomes adoptados mais tarde, inventados talvez por uma sua tia que se correspondera em verso com a marquezia de Alorna, no tempo ditoso da Arcadia.

Em todo o caso os nomes tinham ficado e não acudia á idéa de ninguem que não fossem os verdadeiros.

Iam-lhes tão bem!

Muito janotas, impeccavelmente janotas, as senhoras Freixedos tinham no emtanto um genero de elegancia exclusivamente seu e que não se confundia com o de mais ninguem.

Em que consistia essa differença enorme e tão pequena, flagrante e quasi imperceptivel entre as tres fidalgas e o resto dos mortaes? Nunca o pude entender.

As senhoras Freixedos eram muito instruidas. Sabiam a Historia da França atravez de Alexandre Dumas, tinham uma predilecção terna por Alphonse Karr, interessavam-se por botanica á maneira das fidalgas da Renascença, liam Garrett e decoravam poesias de Alfred de Vigny.

«J'aime le son du cor, le soir, au fond des bois...»

Quando ellas entravam na sala de serão da mi-

nha tia, altas, bem feitas, com um andar leve e imponente de deusas, e falavam a todos com aquelle regio *à vontade* que as cobria de prestígio, eu admirava-as em silencio, devotamente.

A seda adamascada dos vestidos retezava-se-lhes na curva bem pronunciada e perfeita do peito por onde descia uma cascata de rendas de França com scintillações de joias antigas, e descrevia-lhes sobre os quadris uns sabios apanhados que lhes davam um parentesco incontestavel com as marquezas de Watteau. Os penteados complicadissimos e grandes, feitos de rolos e de caracoés sobrepostos com a ordem e a symetria de uma architectura maravilhosa, eram tão bem acabados e tão imponentes que só por si bastavam para reconhecer-se que nas veias das senhoras Freixedos corriam algumas gottas de sangue real.

Quando, sentadas á meza do serão, abriam os saccos de costura, era um deslumbramento.

Espalhavam-se perfumes de bergamota e de lirios de Florença; appareciam deliciosos bordados a matiz sobre os quaes se agitavam as suas mãos patricias, as mãos brancas, delgadas, compridas, de unhas nacaradas e brilhantes talhadas em ponta. Nos seus dedos afusados faiscavam rubis da India e esmeraldas do Perú, joias muito antigas, carregadas de lendas, prestigiosas como talismans, tendo atravessado gerações e gerações sem nunca sahirem da familia.

O poeta Simão de Azevedo falava de amor em metaphoras e recitava poesias languidas; o jornalista Dias contava anedoctas esfusiantes de espirito

e despedia, por detraz das lunetas de oiro, olhares fataes; o meu primo Gabriel, que andava na Polytechnica, suspirava a um canto da sala amaldiçoando em silencio os seus tenros annos, que o desqualificavam para galanteador de taes beldades; e o coronel Freitas, que estivera algum tempo governador na India, retorcia os bigodes enormes e descrevia, com ares melodramaticos, as suas caçadas aos tigres na companhia do rajah de Lahore e do celebre lord Rochester cuja carabina infallivel fazia hecatombes...

Mas nada d'isto impressionava as senhoras Freixedos. As duas mais velhas tomavam uma expressão severa e digna perante estas variadas manifestações de amor ardente e concentrado, e a Alcina sorria desilludida, com uma graça candida e cheia de melancholia.

Depois do chá, quando os homens iam para outra sala fumar, ouvi muitas vezes as tres fidalgas murmurar coisas vagas sobre o desvario das paixões humanas e a mentira immensa do amor... os eternos queixumes contra a maldade dos homens.

Os homens... eram seres perigosos, variaveis, voluveis ingratos. Pobres das mulheres, que n'elles se fiavam! Poços de malicia, embusteiros, sofregos de amor e depois... logo attrahidos por outras claridades!...

E eu olhava para aquellas victimas illustres com uma admiração crescente.

Cada uma tinha decerto a sua historia de amor infeliz...

Mas que historia? O que se teria passado? Quem seriam *elles*?

Acabei por conhecê-los. Suspeito que os descobri num romance de capa e espada que a tia Maria da Graça tinha á cabeceira da cama, illustrado profusamente a côres.

Eram homens de calção e meia e casacas de seda, que dançavam minuettes e, ao passarem a cavallo debaixo da janella onde *ellas* se debruçavam, lhes davam uma rosa espetada na ponta do espadim.

Depois... um morrera decerto na guerra, outro, contrariado nos seus amores pelos paes ambiciosos, partira para uma viagem e nunca mais voltara; o terceiro fôra talvez infiel...

Na minha phantasia, as senhoras Freixedos re-cuaram a pouco e pouco, afastaram-se do presente, consubstanciaram-se com o passado... e hoje, que todas tres morreram, vejo-as atravessar a minha memoria envoltas nas brumas do esquecimento, paramentadas pela minha imaginação, vagas, quasi lendarias...

Foram talvez as senhoras Freixedos que mais arreigaram no meu espirito a idea que todas as mulheres julgam ter sempre razões de queixa contra os homens.

.....
Umás queixam-se porque *elles* são egoistas e brutaes, ou porque se arrogam uma superioridade que não teem; outras porque se namoram de manequins criados pela sua imaginação e que nunca encontraram na vida.

D. Bernardim

Minha querida amiga.

.....

.....

Ha muito, muito tempo, no inverno...

Teria eu doze annos talvez.

Chovia muito e fazia frio. Principiavam a accender os candieiros na rua.

Reunidos todos na saleta, esperavamos a hora do jantar.

Ouvimos parar uma carruagem defronte do portão e a campainha da escada principal soou com força.

Lembro-me como se fosse hontem...

Meu tio, minha tia, meu primo Gabriel, a tia Maria da Graça, o primo Azevedo e eu estavamos sentados á meza do serão.

Não se esperava ninguem áquella hora; ao toque da campainha olhámos uns para os outros admirados.

D'ahi a pouco appareceu o Romão annunciando solemnemente *um parente do sr. marquez, que acabava de chegar das ilhas.*

«Que parente?» perguntou meu tio surprehendido.

Mas o Romão não soube explicar. Mandara logo entrar aquelle senhor para a bibliotheca, visto ser um parente da casa... Sua Ex.^a parecia muito fraquinho, muito doente. Dissera o seu nome duas vezes, mas elle não entendera porque Sua Ex.^a falava baixinho; o Romão não se atrevera a perguntar mais.

Meu tio levantou-se, de sobr'olho carregado, e sahiu da sala sem dizer uma palavra.

O primo Gabriel, que era muito alegre e, na sua qualidade de morgado, gosava de certos privilegios, começou a dizer disparates, a emittir supposições absurdas de um comico irresistivel para mim, o que me torturava, pois não me atrevia a rir quando minhas tias se conservavam serias.

O nosso primo Azevedo, como era duro de ouvido, não percebeu o que se passava e continuou a discorrer sobre a vantagem de se adoptar para a cavallaria, ferraduras de cortiça comprimida.

Era um inventor talentoso mas infeliz, que passara a vida a luctar contra a má vontade e a estúpida obstinação dos poderes publicos cegos e insensiveis perante as vantagens assombrosas que as suas importantes descobertas poderiam trazer à nação.

Minha tia mostrou-se interessadissima pelas taes ferraduras, e tomou um ar muito nosso conhecido

que significava, de um modo peremptorio, a *ordem de pensarmos n'outra coisa*.

O Gabriel calou-se.

Passado bastante tempo, lá dentro no corredor, meu tio chamou o Romão e logo depois a Lucia, a criada grave. Ao mesmo tempo ouviu-se na rua o rodar da carruagem que se afastava.

Pouco depois abriu-se a porta da sala e meu tio entrou seguido por uma personagem extraordinária:

«Marianna, apresento-te o sr. D. Bernardim Pedro Rodrigo de Menezes-Encerrabodes d'Albuquerque e Gama, nosso primo, que acaba de chegar das ilhas e vem estudar para Lisbôa. Encontra-se um pouco incommodado e cansado da viagem.»

Seguiu-se um pequeno silêncio durante o qual minha tia, admiravel de serenidade, largou a costura e assestou o *lorgnon* sobre o recém-chegado.

Com um sorriso amavel, meu tio acrescentou:

«Fica morando em nossa casa, no que temos um grande prazer. Já dei as ordens necessarias».

Minha tia sorriu tambem distendendo ligeiramente os labios delgados, endireitou-se na cadeira com o seu ar de rainha e declarou pausadamente que tinha muito gosto de conhecer o primo Bernardim Pedro Rodrigo de Menezes, etc, e dar-lhe pousada em sua casa.

Todas estas coisas ficaram fortemente gravadas na minha memoria. Apesar de habituado á impeccavel correcção da minha familia, impressionou-me a maravilhosa lubrificação das engrenagens cujo

funcionamento perfeito dava como resultado um dominio tão absoluto dos sentimentos mais naturaes.

Um primo, que ninguem conhecia e de quem nunca se ouvira falar, chegava assim como um meteoro, de paragens longinquoas em que ninguem pensava. As boas maneiras, as leis tradicionaes da hospitalidade, os deveres sagrados do morgado em relação ao resto da familia, bastavam para que esse acontecimento entrasse, immediatamente e sem hesitação, sem o mais leve embaraço, no rol das coisas naturaes e esperadas.

Entretanto D. Bernardim conservava-se immovel, de pé no meio da sala.

Era muito baixo, muito magro e parecia-se de um modo impressionante com um manipaço indiano feito de uma só peça de madeira e grosseiramente colorido, que se encontrava em cima de um armario na bibliotheca de meu tio.

Vestia um sobretudo antiquado e feito decerto na expectativa de um milagroso crescimento do seu proprietario; tocava-lhe quasi nos pés e as mangas escondiam as mãos por completo.

D. Bernardim era macilento e bastante calvo; o cabello que lhe restava, longo e hirsuto, espetava-se-lhe para os lados e para traz á maneira de uma juba.

Apezar do frio, brotavam-lhe da testa grossas bagas de suor. Tinha a barba por fazer e um farto bigode negro que lhe descia aos lados da boca em parenthese; as orelhas côr de queijo parmesão eram

enormes e salientes. A bocca, muito fendida, de beiços carnudos e descorados, abria-se n'um sorriso fixo e idiota que deixava a descoberto uma correnteza de dentes alvissimos. O pescoço era tão delgado a cabeça tão grande e o colarinho tão largo, que immediatamente me veiu á memoria um certo boneco chinez de porcelana (presente trazido de Changae a minha tia), que abanava sempre a cabeça e cujo pescoço era constituido por um arame.

«Sente-se, sr. Encerrabodes», disse o Gabriel apresentando-lhe amavelmente uma cadeira.

Meu tio emendou logo:

«Primo Bernardim».

«Sente-se, primo Bernardim», repetiu o Gabriel um pouco vexado.

O homensinho sentou-se.

Começaram a fazer-lhe perguntas banaes como se a sua chegada fosse a coisa mais natural do mundo: se a viagem tinha sido bôa, quantos dias durara, se passara bem a bordo... E depois, coisas das ilhas, dos costumes, do clima, da fauna, da flora.

D. Bernardim não respondia. Desvanecera-se-lhe o sorriso; olhava para todos com os seus olhos pequeninos, luzentes e febris, cheios de angustia.

Mas ninguem parecia estranhar o seu silencio; cada um dizia uma phrase e a conversa mantinha-se com tão perfeita naturalidade como se o D. Bernardim fosse um frequentador assiduo da nossa casa.

Por fim o desgraçado murmurou com uma voz inesperada de ventriloquo :

«Não oiço nada. Tenho tido muitas febres e o medico de bordo deu-me muito quinino...»

E, ao levantar os braços á altura dos ouvidos, as mangas do casacão subiram um pouco deixando apparecer as mãos descarnadas e lividas que tremiam...

N'esse momento entrou a Lucia; vinha dizer que o quarto do sr. D. Bernardim estava prompto. E conservou-se um momento na sala, á espera.

Coitada da Lucia! Estou a vel-a com o seu fato preto, o seu chalinho de *crochet* cruzado no peito (o celebre chalinho em cujas malhas as lunetas se embaraçavam constantemente), o avental de alpaca terminado por um folho e munido de uma algibeira onde havia sempre uma tesoura, linhas, agulhas, chaves e varias outras coisas uteis; a saia encampanada, os bandós bem apartados e lisos... E a Lucia, examinava o D. Bernardim, com os seus olhos salientes e redondos de myope, esforçando-se por tomar o ar solemne das grandes occasiões.

«São quasi horas de jantar» disse minha tia. «O primo Bernardim ha-de querer ir lavar as mãos».

D. Bernardim levantou-se; cambaleou e teria cahido se a Lucia o não amparasse.

Apenas os dois sahiram, o Gabriel murmurou:

«É um bonito parente, este D. Encerrabodes!»

«Gabriel!» exclamou meu tio com severidade.

O Gabriel baixou a cabeça e fez-se vermelho como um pimentão.

D'ahi a pouco tocava a campainha para o jantar; mas o D. Bernardim não tornou a apparecer n'esse dia. Apenas chegara ao quarto, quiz mudar de colarinho mas não tivera forças para encaixar o botão na casa endurecida pela gomma; como a Lucia tentasse ajudal-o, fosse fraqueza, ou fosse commoção, desmaiou.

Foi assim que o D. Bernardim entrou em nossa casa onde habitou durante uns poucos de annos.

.....

O D. Bernardim fazia parte da enorme e vaga tribu de parentes que pullulavam nas ilhas, de quem a minha familia falava raras vezes, distrahidamente e com mal escondida satisfacção de que vivessem tão longe. O meu cerebro de creança phantasiava esses parentes sob-o aspecto de creaturas de uma raça differente, quasi de outra especie, de costumes bizarros, de vestuarios estranhos... tropicaes, oscillando entre o selvagem e o chimpanzé. (1)

A familia de D. Bernardim achara-o esperto; embarcara-o á aventura, para a Europa em busca de fortuna e de gloria, fiada talvez nos destinos

(1) Não sei ao certo onde se encontram as ilhas de que fallo. A nossa familia era numerosa e espalhava-se pelo mundo inteiro. Quando tudo isto succedeu eu era uma creança, e agora sou um velho. As pessoas que poderiam informar-me já morreram todas.

que lhe tinham protegido os avós, descobridores de mundos.

Nas ilhas, o D. Bernardim era *senhor*, uma especie de principe; a vida muito barata permittia-lhe uma existencia de nababo ocioso.

Nunca trabalhara porque na sua terra observava-se o veneravel percebeito de que o trabalho *enxovalha* os fidalgos.

Com a fé antiga em fados e privilegios de raça, a familia despachara-o para casa do parente muito afastado, mas rico e poderoso, sem mais bagagem do que uma reliquia do santo padroeiro atada ao pescoço. Sinceramente, nem julgaram necessario um aviso nem uma autorização. Um representante dos Menezes-Encerrabodes não se encontraria em difficuldades no reino de Portugal; se outras portas se lhe não abrissem, lá estavam decerto escancaradas as do Paço Real, que os seus antepassados bastantes vezes transpuzeram trazendo a El-rei, de presente, mais uma cidade conquistada.

Alguns d'esses antepassados tinham-se expatriado levando comsigo, como unica riqueza, a guitarra a tiracolo, a durindana a bater-lhes nos calcanhares, e a capa voando ao sopro rijo da fortuna. Mas o D. Bernardim não tinha guitarra, nem durindana, nem capa; tinha uma cabeça muito grande e ôca, um corpo rachitico, os bolsos vazios, o sangue pobre e agitado pelos ardores da malaria.

Coitado do primo Bernardim! Só a curar-se das febres levou uns poucos de mezes.

A minha familia, ao recebê-lo em casa, obedecera

unicamente aos deveres impostos pela raça; não podia lançar para a rua uma creatura do seu sangue, miseravel e desprotegida.

Ao vel-o tão insignificante pensaram provavelmente em fazer d'elle um bacharel, o que não era coisa difficil. Matriculado n'um lyceu, principiou os estudos.

Mas no fim do primeiro anno meu tio convenceu-se de que Deus não fadara o D. Bernardim para fazer brilhar nas sciencias ou nas lettras o nome sonoro e evocativo que a fatalidade lhe confiara.

Tendo desistido de vel-o conquistar o grau de doutor, meu tio obrigou-o a seguir a carreira das armas.

E o nosso infeliz primo lá passou uns poucos de annos no quartel, não conseguindo avançar além de cabo, apesar de todos os esforços e empenhos.

Era frequentemente castigado pela sua falta de ordem, de pontualidade e sobretudo de asseio. O pobre D. Bernardim era incorrigivelmente sujo; não sentia a porcaria e a agua amedrontava-o.

Depois... o bello sexo tinha sobre elle uma acção desnorteadora; gastava o soldo até aos ultimos cinco réis, em rebuçados, chocolates, queijo flamengo, licor e violetas para offerecer ás costureirinhas do bairro que o exploravam e se riam d'elle ainda por cima.

Pedia aos criados vintens emprestados para tabaco e sobretudo para comprar papel fino e côr de rosa, encimado por um coração sangrento atra-

vessado por uma setta. No embevecimento extatico de um *gargarejo*, perdia a noção das horas e faltava ao toque de recolher.

O peor de tudo é que tinha pouca sorte nos amores.

Uma vez, uma carta de namoro lançada d'um quinto andar, despertou por infortunio a cubiça de um *Vicente* da carvoaria visinha. O animal precipitou-se, tomou no bico a missiva e, saltitando desastradamente, fugiu com ella, apezar da perseguição epica de D. Bernardim enfurecido.

Outra vez, tendo-se apaixonado pela filha de um carpinteiro, apanhou uma sova mestra do pae da *Dulcinea*, que amotinou a visinhança contra o galanteador.

Estas aventuras, e outras igualmente deploraveis, tornavam-lhe perigosa a passagem pelas ruas onde ellas se tinham dado; os garotos, os marçanos e os gallegos d'esquina, tinham boa memoria e faziam-lhe tal acolhimento que a sua presença equivalia a uma toirada. E, n'estas condições, o D. Bernardim, para ir de nossa caas ao quartel, era forçado a dar taes voltas que o seu caminho tomava a extensão de leguas.

Gradualmente, a sua situação lá em casa foi baixando de nivel.

Meu tio principiara por advertencias indirectas, phrases curtas, incisivas e de segundo sentido, ditas á meza e referidas a *certas pessoas* que não tinham a noção das suas responsabilidades nem entendiam os deveres do seu sangue.

D. Bernardim tornava-se escarlate, baixava os olhos, perdia o appetite; mas nada d'isto o impedia de recahir invariavelmente nos mesmos erros.

Passou então a chamal-o á bibliotheca, gratificando-o a sós com discursos grandes e expressivos, por vezes violentos. D. Bernardim sahia d'estas entrevistas a tremer e inundado de suores frios; meu tio era para elle uma especie de Jupiter tonante, de braço formidavel e ameaçador, empunhando os raios celestes, inevitaveis como a fatalidade. Curvava a cabeça, arredondava as costas e, humilde, deixava passar a tempestade olympica.

Emenda, nenhuma.

O D. Bernardim não tinha a mais leve noção de brio. As suas paixões, mesquinhas, pequeninas como elle, encontravam-se enraizadas na sua alma com uma tenacidade que força alguma era capaz de vencer.

Havia dias em que meus tios lhe não dirigiam a palavra. Chegava, cumprimentava e sentava-se á meza sem ousar levantar os olhos do prato. Os creados serviam-n'o depois de todos, sem paciencia nem attenção.

O Gabriel fazia-lhe perrarias, pregava-lhe sustos tremendos; divertia-se com elle como com um boneco.

Pelo entrudo, ora só, ora com a collaboração da creadagem e dos parentes, mostrava a fertilidade da sua imaginação nas partidas espantosas de que o D. Bernardim era alvo.

N'um dia de fevereiro, em vesperas de domingo

gordo, soprava uma nortada rija e fria de neve; o D. Bernardim, atravessando a correr o pateo para ir para o quartel, encontrou o portão de ferro fechado. Enquanto procurava dar volta á chave enorme e recalcitrante, foi inundado com o jorro formidavel de uma bomba de jardim.

«Vá! Vá!...» gritava o Gabriel dirigindo sobre o desgraçado a agulheta enquanto a creadagem, que acudira ao barulho e as minhas primas e irmãs debruçadas nas janellas, cobriam a sua voz com risos e gracejos. «Até que emfim, vaes bem lavado! É para não teres castigo!»

E tiritando, enxarcado, o D. Bernardim lá conseguiu safar-se para ir receber a descompostura brutal do sargento por se apresentar fóra de horas e n'aquelle estado.

Os creados, de ha muito, haviam-n'o tomado á sua conta. Uns troçavam-n'o, outros brutalizavam-n'o. Só a Lucia e o cozinheiro tinham dó d'elle. Este dava-lhe, ás escondidas, quando estava de bom humor, chavenas de café muito forte.

Vi mais de uma vez o D. Bernardim entrar na cosinha pé ante pé, esgueirando-se com medo de ser visto, de ser denunciado...

«O' senhor Joaquim... Uma do forte! Dê-me uma do forte! Faz tanto frio!...»

A primeira coisa que apanhava era uma má resposta:

«Tenho mais que fazer... Não estou aqui para servir pelintras!»

E o outro insistia, rasteiro, supplicante:

«Pela sua saude, senhor Joaquim! Só uma!...
Só meia!... Pela sua salvação!»

O cosinheiro resmungando, acabava por lhe aquecer uma gotta de café que deitava n'uma chicara sem aza.

«Tome; avie-se! Se o sr. marquez o vê aqui, estou governado. E olhe que por sua causa, valia a pena perder o logar!...»

E o D. Bernardim, bebia de pé, encostado á meza de pinho, com o olhar medroso cravado na porta, escaldando-se, pingando a farda...

.....

O pobre diabo descera á cathegoria de bobo.

Não era o bobo antigo, encarregado de fazer mumices a vida inteira e obrigado, por dever de officio, a ter espirito a toda a hora; mas sim o bobo moderno das actuaes casas fidalgas de Portugal, que conservaram a tradição do antigo e o fazem reviver na sombra lamentavelmente triste de um arremedo.

Pertença á classe que pertencer, o bobo moderno é a creatura a quem a fatalidade negou os elementos de lucta e de victoria; é um vencido, um innocente ou um espertalhão que se finge tonto para viver á custa dos outros; o seu destino é alimentar o gosto atavico dos grandes pelas chulices do truão e servir de pretexto para o exercicio de um espirito facil que não demanda esforços de intelligencia.

O bobo moderno nasce e cria-se em todas as

camadas sociaes e todas ellas os fornecem ás casas fidalgas que logo os protegem, os supportam, os alimentam, os vestem; ora são frequentadores dos serões, hospedes transitorios, commensaes fixos. Os *senhores* gostam *d'aquillo* para *caturrar*. A triste verdade é que mais ou menos toda a gente gosa com o espectáculo lamentavel da imbecilidade, do rastejar torpe de uma intelligencia humana cujo nivel muito baixo lhe dá a illusão da sua propria superioridade.

Havia um bobo na casa do morgado de V., que a minha querida amiga bem conheceu.

Era o Caipiras. Não se lembra?

Um pobre maluco, um miseravel camponio que andava de povoação em povoação, rufando n'uma lata de petroleo vasia, com uma barretina de jornal na cabeça e a jaleca remendada com pedacitos de papel multicolores.

O Caipiras! Apenas se ouviam no pateo os seus gritos e os seus rufos, o proprio D. Simão largava os alfarrabios e vinha recebê-lo ao patamar da imponente escadaria de pedra.

«Viva o grande Caipiras!» dizia elle com a sua voz fanhosa. «Entre V. Ex.^a, senhor Caipiras; está em sua casa.»

E juntava-se a familia, a creadagem, os hospedes, e todos se escangalhavam a rir com os discursos do maluco.

Elles, que despediram uma vez um boieiro porque interpelara os bois, defronte da janella onde estavam os patrões, em termos... excessivos, ou-

viam sem pestanejar o repertorio espantoso do Cai-piras.

E vestiam-n'o de novo, davam-lhe de comer e de beber á farta; guardal-o-hiam sempre se, o pobre diabo, ao fim de dois ou tres dias de abundancia não abalasse, ás escondidas, retomado pela sua ancia irresistivel de liberdade e de miseria.

O morgado do Telhal recebia á sua meza, ao domingo, todos os padres das freguezias visinhas, empanturrava-os de canjas substanciaes, de lebres, de leitões, de perús, de arroz doce e outros manjares abundantes e deliciosos, regados com vinhos velhos.

Havia o padre Rodrigues, esqueletico, mumificado, que nunca se ria e sublinhava com commentarios rabelaisianos as tremendas expansões da tia Lucianna uma pobre tonta inconsciente; havia o padre Salles, tão porcalhão que era preciso estender um tapete velho debaixo da sua cadeira para receber os ossos e restos de comida que alirava para o chão; havia o padre Gregorio, tido pelo maior comilão das redondezas e que, a meio do jantar á imitação de Vitellio, se levantava, ia ao pateo metter os dedos na garganta, libertar-se da primeira parte da refeição, *fazer logar* para o resto das iguarias.

Havia muitos mais e todos igualmente apreciaveis e interessantes.

Um d'elles ensinava latim ao filho mais velho do morgado, um pimpolho precocemente obeso, vergontea promettedora, cheia de ponderada som-

nolencia precursora de sabedoria. O mestre tinha uma tão alta admiração e um tão fundo respeito pelo discipulo, que, referindo-se ao burro que o joven prodigio costumava montar, dizia:

«O burro do Ex.^{mo} menino.»

Este eclesiastico era tão consciencioso que, dictando uma carta ao seu discipulo e tendo por engano dito *bois* por *vaccas*, immediatamente fez a seguinte rectificação:

«Saberá V. Senhoria, Ex.^{mo} menino, que os bois são *vaccas*.»

Com estas coisas exultava o senhor do Telhal, assim como toda a sua familia, muito temente a Deus a Quem diariamente agradecia nas suas orações o ter concedido ao chefe da casa a mercê de divertir-se com prazeres tão innocentes, na santa companhia dos ministros da Igreja.

Um outro bôbo conhecido da minha boa amiga, era o Joaquim Mareante, de casa dos condes de B., cujo solar se erguia lá para os lados de Peniche, quasi á beira do Oceano; um hercules, um simples, um lobo do mar valente e bom, um heroe que salvara não sei quantas vidas arrancando-as ás ondas furiosas da tempestade.

Ao serão (lembra-se tão bem, decerto, como eu), quando a condessa não soffria dos *seus vapores*, chamava-se o Mareante para a sala, estendia-se no chão um jornal para que os pés nús empoeirados, não sujassem o *parquet* encerado, e a condessa recostando-se na poltrona ordenava com a sua languidez de preciosa:

«Diga asneiras, Joaquim.»

.....

O D. Bernardim, lá nas ilhas, considerava-se príncipe; depois, a viagem por mar em segunda classe, as febres, a chegada sem vintem a uma casa onde o conforto mais elementar era para elle um luxo desconhecido, onde as conversas mais banaes eram cheias de sabedoria comparadas ás que elle estava habituado a ouvir, onde as mulheres mais recatadas lhe pareciam prodigios de elegancia e de desenvoltura ao lado das pobres mulheres da sua terra, embiucadas, silenciosas e embrutecidas, tudo isso o convenceu gradualmente, de que a sua condição não podia deixar de ser alli, muito inferior.

Esta noção arreigou-se e desenvolveu-se no seu espirito com o ensaio frustrado dos estudos e com a vida do quartel. Toda a gente á sua volta lhe era superior; os proprios criados da casa lhe appareciam como divindades de quem dependia e cujas boas graças se tornava necessario conquistar.

Acceitou a sua sorte.

Raciocinava exactamente como um cão fraldiqueiro: comtanto que o não deixassem morrer de fome nem de frio estava satisfeito; o futuro para elle não existia.

Quando sahio da tropa, empregaram-n'o na alfandega onde occupava um lugar muito subalterno. Aos domingos, era o homem mais feliz do mundo: com um fato velho de meu tio, que um alfayate remendão arranajara para o seu corpo, com uns sa-

patos do Gabriel, atafalhados de papel para lhe não cahirem dos pés e de flôr ao peito, *badine*, topete frisado e cheio de caspa, lá ia elle, glorioso que nem um rei, para a delicia dos gargarejos e dos encontros clandestinos com sopeiras a quem contava a sua genealogia e o prestigio do seu nome.

Uma vez apaixonou-se por uma capellista. Foi a aventura mais grave da sua vida.

A familia da bella viu n'elle um partido inesperado e soberbo; antegosou a perspectiva de contemplar a capellista guindada a prima e commensal da minha familia. Foi uma febre, um delirio. Em breve o D. Bernardim, viu-se ligado pelos laços inflexiveis do casamento, contra a vontade expressa de meu tio.

Nunca mais o vi.

Sei que percorreu uma complicada via-sacra, passando de barbeiro para camiseiro, de camiseiro para continuo, de continuo para mestre de dansa... acabando por se convencer que afinal de contas a sua vocação era deixar-se magnanimamente sustentar pela mulher, que poz casa de hospedes n'um quinto andar do bairro da Graça e se matava de canceira para que não faltassem collarinhos altos e frascos de perfume ao seu nobre consorte que tão caro lhe custava.

Aqui tem a minha amiga a historia do D. Bernardim, de quem nunca mais em casa de meus tios se pronunciou o nome.

Morte d'homem

Minha querida amiga

Animado pelo interesse que as minhas cartas lhe despertam e obedecendo mais uma vez ao seu convite para contar-lhe coisas antigas que vou desenterrar do fundo da minha memoria, envio-lhe hoje algumas paginas onde procurei descrever um dos acontecimentos que mais me impressionaram na infancia.

A minha irmã Carmo casara havia uns dezoito mezes.

O meu cunhado fizera-se lavrador. Tomara de renda uma grande propriedade nos *bairros* de Santarem, e lá habitava com a mulher, de verão e de inverno; ia frequentemente a Lisbôa, por vezes com demora, deixando a minha irmã na quinta n'uma perfeita solidão.

Eu vivia com elles. Era fraquito; com os meus dez annos parecia ter sete ou oito, e o medico julgava que seria perigoso pensar-se por emquanto

em estudos e que só alguns mezes ou talvez annos de vida no campo me poderiam fortalecer.

Aquella existencia não era divertida para minha irmã.

O casarão da quinta, antigo e sombrio, cercado de arvoredos, com os tectos baixos e manchados pela agua que escorria por entre as telhas partidas, as paredes escalavradas onde alastravam nodos de humidade, o chão de tijollo muito gasto, os corredores tortuosos e escuros, as janellas pequeninas de onde se avistavam leguas de montados, de pinhaes, de charnecas solitarias e desoladas... não constituíam ambiente apropriado para uma rapariga de vinte annos habituada a uma vida de conforto no meio de uma familia numerosa e alegre. Mas a Carmo, talvez por detestar que tivessem dó d'ella, fazia quanto podia para persuadir toda a gente que se considerava felicissima.

Tomara a peito as cousas da lavoura, fazia com o marido castellos no ar sobre a enorme fortuna que tirariam d'aquella herdade arrendada, interessava-se pelo jardim, pela horta e pela creação e divertia-se a guiar uma parelha de eguas mal ensinadas que lhe punham a vida em perigo cada vez que subia para a almofada do phaeton e pegava nas redeas.

Era uma estranha existencia a de minha irmã!

Eu, cá por mim, adorava a Carmo e tinha por ella uma admiração sem limites. A sua inalteravel serenidade inspirava-me confiança.

Em compensação a presença do meu cunhado

incommodava-me. Era uma creatura nervosa, irascivel, inquieta; tinha violentos ataques de colera e imaginava perigos e traições a cada passo. A sua presença afugentava toda a minha segurança e tranquillidade.

Estavamos em fins de Outubro.

Meu cunhado viera de Lisboa na vespera. Depois de jantar tinhamos ido para defronte da casa; chegara o correio, que minha irmã e o marido liam, sentados n'um banco de cortiça, enquanto eu me occupava na construcção de um pequeno forno feito com tijollos e terra amassada.

O sol, passando entre a ramaria, espalhava manchas de claridade no chão calcareo e as folhas secas dos platanos cahiam com um ruido leve de papel amarrotado e movimentos languidos de grandes borboletas moribundas.

Por detraz de nós levantava-se o muro que limitava o jardim e, para além d'esse muro vetusto e coberto de musgos e de hera, descia a encosta abrupta, onde a vinha, despida agora da folhagem, torcia os lançamentos nús e denegridos.

De repente ouviram-se passos precipitados de alguem que subia o carreiro por entre a vinha; depois, abriu-se a porta carunchosa e estreita rasgada no muro e appareceu-nos um homem, pallido como um defunto, com os olhos esgazeados.

Era o guarda, o Raphael Carvalho, um typo nervoso e enxuto, de suissas negras, rijo como aço.

Encostou a espingarda ao tronco de uma arvore,

tirou o carapuço que pôz ao hombro e, puxando pelo enorme lenço vermelho, passou-o pela testa inundada de suor.

«Ha alguma novidade?» perguntou o meu cunhado.

«Saberá V. Ex.^a que sim senhor».

O Raphael hesitou um momento, olhou em redor com um ar desconfiado. Falava com difficuldade; tinha a boca secca.

O meu cunhado levantara-se, inquieto.

«O que é?»

«É que... parece-me que matei agora um homem».

E contou a historia :

Eram seis... seis pastores. Uns malditos que tinham ovelhas, mas não tinham pastagens. Aquelles ladrões compravam o gado já com o sentido de o sustentar á custa dos visinhos... Havia muito que andava com o olho n'elles; já lhes tinha pregado coimas a todos...

«Mas como foi?» perguntou a Carmo que aquelles preambulos impacientavam.

Tinham-lhe feito uma espera.

Fôra no montado, lá do outro lado da valla.

Apenas o viram treparam para cima de dois sobreiros, e com os varapaus, toca a varejar as arvores á bruta, como quem diz: «Anda pr'a cá mal as tuas coimas que a gente já t'amanha!»

Então o Raphael sentiu uma coisa subir-lhe á cabeça; viu nuvens vermelhas deante dos olhos.

«Venham cá pr'a baixo!...»

E puzera-se alli a dizer-lhes tudo o que lhe viera á boca.

Os pastores desceram e caminharam para elle com os varapaus nas unhas.

Os grandes cães cuidavam que elle tinha medo?

«Alto ahí!» gritara-lhes o Raphael apontando a espingarda «O primeiro que der mais um passo, prego-lhe uma chumbada!»

Todos pararam menos um, o Miguel Bravo, aquelle tratante, filho do maioral das vaccas... Esse, largou o cacete, sacou do bolso uma navalha de ponta, que abriu com um grande estalo, avançando para elle a correr de cabeça baixa, como um toiro.

O guarda vira-se perdido. Carregara no gatilho...

O outro cahira de bruços com um grito.

Era a espingarda d'um cano carregada com zagalotes e elle apontara ás pernas. Mas o maldito vinha já perto...

Tudo aquillo lhe parecia um sonho... Não sabia onde o ferira.

Largara a fugir com a espingarda na mão...

E os cinco pastores, agora que o viam pelas costas... toca a correr atraz d'elle nem que fossem atraz de um coelho. Bem sabiam que elle tinha a arma descarregada.

Alcançou a valla e, com tanta sorte, que a galgou de um pulo na carreira que trazia.

Então parou; fez mensão de tirar um revolver do bolso e berrou:

«Ainda aqui tenho seis ameixas para os que saltarem!»

Os cinco diabos hesitaram; e elle, entretanto, carregou a espingarda.

«Já lá ficou um estendido e agora ficam dois se não fogem todos da minha vista!»

Olharam uns para os outros...

O Miguel Bravo, lá atrás, estendendo á sombra dos sobreiros, não tugia nem mugia.

Então os pastores largaram um chuvaireiro de pragas e abalaram.

«Fizeram bem;» concluiu o Raphael «que eu não estava em mim e era capaz de haver pr'álli outra desgraça.»

O meu cunhado olhava para elle, perplexo, e retorcia nervosamente o bigode.

Mandaram-me á cosinha buscar um copo de vinho.

Não sei o que se passou na minha ausencia. Quando voltei, o Raphael recebia dinheiro das mãos do meu cunhado que lhe explicava a necessidade de partir já, já...

Fui á cocheira com um recado de meu cunhado para o moço, o Victorino: que engatasse a egua lazã e a trouxesse para baixo quanto antes; meia hora depois, o guarda partia na *charrette* para os lados da estação com uma carta para meus tios pedindo-lhes que o tivessem escondido em Lisboa, emquanto se não arranjasse fiança.

O Miguel Bravo apanhara uma chumbada valente nas pernas. Foi para o hospital e disse quem lhe

dera o tiro. Mas ardia em febre e, fosse por falta de forças ou por medo, visto não ter a consciencia tranquilla, não explicou como as cousas se haviam passado.

A justiça tomou conta do caso.

O meu cunhado foi consultar um advogado á villa.

De volta, explicou a minha irmã:

O guarda ferira o Miguel Bravo em legitima defeza. Mas o peor era que os pastores, sendo as unicas testemunhas, podiam contar a aventura a seu modo. Havia sobretudo o pae do Miguel, o maioral das vaccas bravas, um figurão tremendo que certamente seria parte no processo, faria barulho... E se o Miguel morresse, tudo se complicava ainda mais. Em resumo, o caldo podia entornar-se. Mesmo com fiança, convinha que o Raphael se conservasse escondido... até ver.

Quando o meu cunhado acabou de expôr estas coisas á mulher, declarou que tinha de partir para Lisbôa e que provavelmente se demoraria por lá... Agora que estava ao corrente da questão, ella que a resolvesse, que tratasse de tudo e lhe fosse dando noticias.

D'aqui por deante é que a historia merece a pena de ser contada.

A minha irmã ficou só commigo e com os seus vinte annos n'aquelle deserto, a braços com uma missão complicada e melindrosissima.

Outra mulher talvez tivesse perdido a cabeça. Ella preocupava-se apenas com uma coisa: sal-

var o Raphael, um homem honrado, serio e bom, que sempre cumprira o seu dever e tinha mulher e tres filhos. Se fosse para a cadeia, ninguem o livrava da fama de assassino; era uma vida perdida e uma familia inteira na desgraça.

Todas estas coisas minha irmã me contava, muito seria, sem exaltação, em voz pausada e igual e em linguagem accessivel aos meus dez annos.

Eu era a unica pessôa com quem ella podia falar; além de nós dois não havia no casarão mais ninguem a não ser duas creadas, raparigas do campo, que passavam o dia a lidar e a cantar, completamente alheias a estes cuidados. Em volta da habitação, nas accomodações agricolas, pullulava a chusma da criadagem de lavoura que minha irmã ficara dirigindo, mas com quem, evidentemente, não podia conversar n'estes assumptos.

Iamos de vez em quando á villa, falar ao advogado.

Minha irmã trepava para a almofada do phaeton, eu sentava-me ao seu lado, e atraz ia o moço da cocheira, o Victorino, de jaleca e cinta.

As eguas folgadas e sem ensino, apenas sentiam o freio, empinavam-se inquietas, afrontadas, e partiam aos upas, em saltos de cabra, saccudindo as crinas, de cabeças erguidas, quasi sem governo. E assim atravessamos uns tres kilometros de caminho, sulcado de subrodas, empoçado de lamaças, aos solavancos, aos sacões, a cada momento

arriscados a sermos cuspidos, espatifados na vertigem e na loucura da carreira, até que chegavamos á estrada real com os animaes cobertos de espuma e já mais amansados, cahindo então n'um trote largo que resoava no macadam endurecido como n'um tablado.

O Miguel Bravo lá no hospital, peorava de dia para dia; sobreviera a gangrena. O advogado abanava a cabeça, apprehensivo; se o homem morresse... era o diabo.

E um dia, ao entrarmos no escriptorio do advogado, elle veio ao nosso encontro, esfregando as mãos e fazendo estalar as articulações dos dedos n'um gesto nervoso que lhe era habitual, annunciando-nos que o Miguel Bravo morrera de madrugada.

Minha irmã sentou-se no sofá de reps verde muito safado, e ouviu com attenção o plano do advogado para o que havia a fazer agora.

Eu, com o meu chapéu á maruja sobre os joelhos, sentado na borda de uma cadeira de palhinha arrombada, olhava para o aposento com uma impressão vaga de desastre.

Sobre a meza de mogno polido amontoavam-se rumas de processos sebentos; e nas estantes os livros de leis alinhados, tinham um ar taciturno e bronco de coisas inuteis. O oleado do chão esburacava-se deixando ver o sobrado velho; uma das cortinas de juta das janellas soltara-se da galeria pendendo com uma argola quebrada na ponta. Por toda a parte se estendia uma es-

pessa camada de poeira e no tecto baloiçavam-se teias de aranha negras.

O advogado explicava coisas complicadas na linguagem especial da justiça que não é acessível a toda a gente. Só á despedida, resumindo as suas recommendações, percebi que havia dois problemas capitaes e urgentes a resolver: que os pastores não viessem depôr e que o pae do morto, o maioral, não fosse parte no processo.

Minha irmã sahiu acabrunhada e a nossa volta para a quinta, atravez das duas leguas de solidão, foi triste e silenciosa.

Só quando deixámos a estrada real e as eguas já cançadas abrandaram o passo ao entrar no caminho de carros, minha irmã se dirigiu ao Victorino que se levantou logo, desbarretado,

«Não, não...» disse ella. «Senta-te, põe o barrete. Tu conheces alguns dos pastores que fizeram a espera ao guarda?»

«Saberá V, Ex.^a que sim senhora... quer dizer, é o Joaquim lá do Carvalhal que é da minha freguezia, mal o Manuel da Choca... Mas aquillo são uns desavergonhados (com sua licença) que não levam boa vida, e, cá por mim, tenho poucas falas com elles.»

«Conheces só esses?»

«Ainda ha o outro, o Zé Canudo, qu'inda é primo da minha Maria...»

«Pois todos elles estão em maus lençoes», disse minha irmã, «se forem chamados ao tribunal como testemunhas, vae tudo para a cadeia. Já se sabe

que foram elles que desafiaram o Raphael para o matar; e sabe-se tambem que teem gado sem terem terras e que estão carregados de coimas. . . Se lá apparecem, vão presos e não é tão cedo que tornam a pastar gado.»

«Saberá V. Ex.^a que se os mettessem na cadeia, não se perdia nada. Aquillo é uma malta que não faz por cá á solta senão prejuizo.»

A conversa ficou por aqui.

Quando chegámos á quinta, estava o capataz dos homens á nossa espera. Tinham acabado de cavar o talhão da beterraba; o feitor abalara lá para a lavoura que andava longe e, para não perderem tempo, vinha pedir á senhora que destinasse trabalho para o resto do dia.

Minha irmã mandou-os roçar matto para acabar a tarde. E quando o capataz se despedia, perguntou-lhe :

«Olhe lá, ó Domingos. . . você conhece os pastores que fizeram a espera ao guarda?»

«Saberá V. Ex.^a que vendi tres pinheiros no verão passado a um d'aquelles malandros que nunca acabou de m'os pagar.»

«Pois agora é que você não vê mais o seu dinheiro» disse minha irmã socegradamente. «A justiça está com o olho n'elles, e se cahem na asneira de ir depôr contra o guarda, vão direitinhos para a cadeia.»

O capataz afastou-se resmungando :

«Que os leve o diabo! Ha mais ervas ruins do que pão! . . .»

Minha irmã sentou-se á sombra, defronte da casa, com um livro na mão. Mas não lia; estava aprehensiva.

Lá para os lados do montado, ouviam-se as campainhas das cabras. Era o unico ruido que chegava aos nossos ouvidos. Tudo estava silencioso e deserto em volta de nós. A criadagem da lavoura andava no campo; o moço da cocheira, depois de recolher as eguas e o phaeton, partira a caminho do povoado com a sacola de linho ao hombro para trazer o correio.

Eu arregaçara as mangas e andava como todas as tardes, a regar os vasos que guarneciam a entrada.

A Carmo chamou-me.

«Vae alli acima ao montado, onde andam as cabras; diz ao roupeiro que venha já falar commigo.»

«O Marcolino?»

O Marcolino.»

D'ahi a um quarto de hora voltava eu com o roupeiro, um rapaz de quatorze annos, baixo e atarracado. Tinha a camisa esfarrapada, uma jaleca em frangalhos, uma manta muito velha ao hombro, e os pés dançavam-lhe dentro dos sapatões cardados tão duros que pareciam de pau.

Eu admirava o Marcolino e invejava-o secretamente pela sua vida errante atraz das cabras que o entendiam tão bem, sempre contente, dormindo nas arribanas, nas malhadas, ao ar livre, onde cahava, embrulhado na manta. . . seduzia-me aquella existencia de contemplativo, com muitas horas

eguaes diante de si, occupando-se no fabrico de cestinhos de junco, de flautas de canna, de gaiolas de grilos, armando ratoeiras aos gatos bravos, e ouvindo nas noites de luar e sem medo, como tantas vezes me contava, as gargalhadas das bruxas e as galopadas do lobishomem...

«Boas tardes, Marcolino», disse a minha irmã.

«Deus a guarde», respondeu o roupeiro, muito direito defronte d'ella e com os olhos cravados no chão.

«Sabes por onde andam as vaccas bravas?»

«Saberá V. Ex.^a que andam na charneca, pr'ó lado da villa, quasi na extrêma.»

«Então não se recolhem hoje na quinta?»

«Ha tres noites que ficam lá no curral da leziria.»

A Carmo hesitou; parecia perplexa.

«Quanto tempo levas tu», perguntou ella afinal, «para ir d'aqui até á extrêma?»

«Se abalasse já de caminho, chegava lá ao sol posto.»

«Está bem. Vae dizer ao maioral das vaccas que eu preciso falar-lhe esta noite... seja a que hora fôr. Que venha sem falta.»

«Sim senhora...» murmurou o roupeiro.

Mas não se mexia; torcia o barrete entre os dedos sem se atrever a olhar para minha irmã.

«O que esperas? Tens medo de encontrar o lobishomem?»

«Não senhora.»

«Então, vae. Avia-te. Á volta vem cá cear á cozinha e beber uma pinga.»

O roupeiro corou. Olhou de relance para a Carmo com o rosto incendiado de prazer.

Mas hesitava ainda.

«É que o maioral não gosta de largar as vacas...» explicou elle. «Vae-se escamar.»

«E d'ahi? Tens medo que te mate?»

«Já não era o primeiro.»

«Descança, que não te faz mal. Diz-lhe que vaes do meu mandado e que tenho muita pressa.»

Minha irmã acrescentou:

«Não sabia que eras tão medroso.»

O Marcolino partiu logo e eu acompanhei-o até lá acima, ao alto do Sobreiro.

Resmungava:

«Medroso... medroso... Nunca tive medo de nada. Mas lá o maioral das vaccas... (vá pr'o diabo que o carregue!...) é de má raça e toda a gente sabe que já tem em riba de si mortes d'homens. E aquillo é um toiro!... Cada braço é uma tranca... Uma vez, na leziria, um garraio avançou com elle; vae o gajo esperou-o de cara, botou-lhe as unhas aos cornos (com licença do menino) e torceu-lhe o pescoço nem que fosse uma gallinha. Quando se escama, ficam-lhe os olhos a luzir como duas brazas e mata gente como quem vae de caminho. Dizem que tem o diabo no corpo. De noite fala com os animaes na lingua d'elles; a ti Jaquina lá do Carvalhal, já o viu passar á meia noite, aos saltos, mettido no corpo de uma vacca brava e com a bocca aberta a deitar lume...»

Separei-me do Marcolino, apprehensivo; e voltei com prazer para junto de minha irmã, que passava defronte da casa de um lado para o outro, com as mãos atrás das costas.

Foi n'essa mesma tarde que a mulher do guarda nos veio visitar.

Chegou com uma saia pela cabeça e a testa cingida d'um lenço branco. Andava devagar, arrastando os pés descalços; a cabeça curvada, as mãos escondidas debaixo do avental. Parecia uma freira. Tudo isto em signal de luto e de humildade.

Á roda d'ella vinham os tres filhos, com os fatinhos mais velhos e rotos que tinham.

N'aquelle entardecer de Outomno muito calmo e silencioso, entre as arvores que se despiam espetando no ar limpido as ramarias sem folhas, esta apparição era de uma infinita melancholia.

O Raphael tinha alguma coisita de seu e eu habituara-me a ver-lhe a mulher bem vestida, com *os oiros* ao pescoço, saracoteando as saias limpas, sem remendos e batendo desembaraçadamente na terra do caminho com os sapatos atacados com fitas verdes.

E agora apparecia assim descalça e miseravel sob o peso da vergonha e da afflicção como convinha a uma pobre mulher cujo marido era accusado pela justiça de ter morto um homem.

Nem gritos nem lamentações nem lagrimas, porém com os olhos encovados e o rosto emmagrecido e livido, disse que vinha agradecer a minha irmã tudo o que fizera pelo seu Raphael. Se o ma-

rido fosse condemnado, dizia ella, teria de ir-se embora da terra com os cachopitos... Vender a fazenda, a casa... Vender tudo, ir-se embora, como uma cigana, sem saber para onde. E por toda a parte os seus filhos, quando crescessem, ouviriam dizer que o pae fôra preso por morte d'homem.

Mas ir para onde? Não havia no mundo logar para ella nem para os seus filhos. Tinha a certeza de que o seu Raphael não resistiria a tamanha vergonha... morreria cedo na cadeia. Os senhores bem sabiam que não havia homem *mais bom*, mais capaz...

Longamente, n'uma toada monotona, ennumerava as virtudes do seu Raphael, que não bebia, que não jogava, que era tão amigo dos filhos e tão poupado...

Os pequenitos agarravam-se a ella quasi a chorar, com os olhos fitos em minha irmã de quem esperavam a salvação no grande desastre que presentiam com aquella precocidade tão vulgar nas creanças pobres.

Não sei já o que a Carmo lhes disse. Lembro-me apenas que mandou sentar a mulher a seu lado no banco de cortiça, lhe pegou nas mãos e acariciou os pequenos...

Eu fui despachado para a cosinha buscar pão de trigo e maçãs com que lhes enchemos os bolsos e os carapuços. E quando a pobre creatura abalou, já sorria levando no olhar um brilho de esperança que fazia chilrear os pequenitos.

A tarde acabou. O sol desapareceu no horizonte, deixando no ceu uma barra alaranjada sobre a qual se erguia um grande halo verde pallido. E depois tudo escureceu e accenderam-se as estrelas.

Veiu o candieiro para a meza do serão e minha irmã principiou a fazer *paciencias*.

«Então hoje não vens ajudar-me?» perguntou ella.

«Não. Estou á espera do maioral.»

Mettido no vão d'uma janella, com a testa encostada aos vidros, mergulhava os olhos no escuro da noite, á espera... As historias tetricas do Marcolino faziam-me trabalhar a phantasia; voltava-me de vez em quando para verificar se a minha irmã estava no seu logar á meza, se tudo se conservava como de costume.

Á força de olhar para o escuro as palpebras tinham-se-me tornado pesadas.

Vim para junto da Carmo.

Minha irmã largara as cartas; com o cotovelo em cima da meza e o queixo apoiado na mão, conservava-se muito quieta e silenciosa. Parecia ter-se esquecido da minha presença.

O silencio pesava sobre mim como chumbo. Só se ouviam os grilos na cosinha e, de vez em quando, as correrias e os guinchos das ratazanas nos forros da casa.

«O maioral já não vem?» perguntei eu.

«Não sei.»

D'ahi a um instante soaram duas pancadas for-

tes na porta da cosinha, e uma das creadas veiu dizer que estava lá o maioral das vaccas.

«Manda entrar para aqui», disse minha irmã.

E levantando-se, abriu uma gaveta do contador, tirou de lá um revolver e collocou-o bem á vista sobre a meza.

O maioral appareceu no limiar da porta.

Era um homem formidavel, tisonado, de grandes barbas brancas, de cabello revolto e comprido.

Os *ceifões* de pelle de carneiro desciam-lhe quasi até aos pés; a manta e o alforge pendiam-lhe do hombro largo; na mão trazia o varapau grossissimo e ferrado.

«Deus a guarde, senhora minha ama.» trovejou elle entrando de lado para caber pela porta.

«Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo,» respondeu a Carmo.

O maioral poz o alforge, a manta e o barrete em cima de uma cadeira, encostou o varapau á parede e approximou-se.

Seguiu-se um pequeno silencio.

O maioral coçou a cabeça e disse:

«Pois... se a senhora minha ama me mandou chamar para saber noticias do gado, a novidade que ha é que as pastagens estão de restos e, se não fossem as carvalhiças para as enganar, as rezes já pr'ahi tinham cahido á fome.»

«Não é isso, maioral,» interrompeu a minha irmã. «Eu mandei-o chamar para outra coisa... para lhe dar uma noticia que mais queria não ter que lhe dar...»

«Saberá a senhora minha ama que o bem é o bem e o mal é o mal. Enquanto ha um pedaço de pão no alforge e força nas unhas para segurar o cacete, não ha mal que derrube um home.»

Eu não tirava os olhos do maioral. Achava-o cada vez maior. Era uma figura de outro tempo, de outra raça.

«O que eu tenho para lhe dizer, maioral,» tornou a minha irmã, «é que o seu filho, o Miguel está muito, muito mal...»

O maioral sorriu com placidez:

«A senhora minha ama quer dizer que o gajo esticou?»

Minha irmã acenou affirmativamente com a cabeça.

«Raios o partam!» exclamou o homensarrão atirando ao chão uma patada que fez tremer a sala toda. «Raios o partam, que já devia ter sido ha mais tempo! Um cão do inferno que nunca me deu cinco reis! Um canalha medroso que nunca foi capaz de rachar uma cabeça!... Pois se é só isso, a noticia não é má, que malandros d'aquella raça não fazem mingua a ninguem!»

A Carmo ficou um momento assombrada; mas venceu-se depressa.

«Vejo que não tem um grande desgosto, maioral... Antes assim. Queria então pedir-lhe um favor. O seu filho morreu no hospital d'aquelle tiro que o Raphael, o guarda cá da quinta, lhe atirou para se defender, quando foi da espera... Se você não fosse parte...»

«Eu, parte?! E porque havia eu de ser parte! Lá se havenham! Olhe... ainda não ha um mez, quando o Raphael passou lá pela charneca onde eu andava mal o gado, contou-me das coimas que tinha botado ao meu Miguel, áquell'alma do diabo. E vae eu e disse-le assim: — Qual coima nem qual Brazabú! Acachafunde-o, home, acachafunde-o por uma vez, que pr'a maltezes d'aquelles não ha melhor mézinha! — Mas o gajo largou-se a rir e encolheu os hombros... Esta gente d'agora não é da minha raça.»

E approximando-se mais, curvando o corpanzil e estendendo para a minha irmã a mão negra, enorme, nodosa como um galho de sobreiro, acrescentou, vehemente:

«Eu, cá por mim, já dei cabo de tres! De tres... lá na serra. Para lá ficaram estendidos, a chamar os corvos e a estercar a terra. E ninguem me pediu contas. Pedir-me contas, a mim?! Ninguem me pede contas, senhora minha ama, enquanto eu tiver estes braços!»

O maioral endireitou-se vagarosamente. Sorria; olhava para nós bem de frente, com os seus olhos claros, infantis, onde não havia a sombra de um remorso, muito calmo, orgulhoso como se nos tivesse revelado feitos nobres.

«Está bem, disse a Carmo. Então você não é parte, com certeza?»

«Já le disse. O que eu quero é que não bulam commigo. Não me metto na vida dos mais. A morte vem de qualquer maneira. Tanto se me dá!»

«Então boas noites, maioral. Diga lá na cosinha que lhe dêem uma pinga».

«Pois fico muito agradecido á senhora minha ama, e Deus a guarde mal ao menino».

Atirou o alforge e a manta para o hombro, pegou no varapau e no barrete, e sahiu de lado como entrara, deixando a sala impregnada de um cheiro acre a matto e a bodum.

Ouvimos-lhe os passos pesados no corredor, a sua voz na cosinha, depois a porta que rangia e se fechou com estrondo.

Minha irmã escondera a cara nas mãos; não me falava. Senti-me desamparado e só.

Por fim cheguei-me para ella, passei-lhe um braço ao pescoço...

Levantou a cabeça e vi-lhe a cara inundada de lagrimas.

Não me quiz explicar porque chorava e mandou-me para a cama.

.....
O tempo foi passando; chegou afinal o dia do julgamento do Raphael.

Nem o maioral fôra parte nem um só dos pastores apparecera como testemunha. Espalhará-se a noticia habilmente inventada pela minha irmã, que a justiça estava com os olhos nos que tinham feito a espera ao guarda e os metteria a todos na cadeia se os apanhasse; de fórma que não se apresentaram e até se sumiram lá para a serra com o gado e ninguem sabia onde paravam.

Havia já uma semana que o Raphael tinha sa-

hido do seu esconderijo e andava na quinta. O advogado dissera ser melhor mostrar-se como sempre para não dar a impressão de que andava fugido.

Meu cunhado voltara de Lisboa e parecia muito satisfeito, falando na absolvição futura do guarda como coisa certa e extasiando-se em admiração pelo geito com que, dizia elle, tão bem conduzira toda a questão... de longe.

Cheio de convicção e de importancia explicava á mulher com aquelle ar de infalibilidade que tanto parecia impressional-a :

«Tens uma escola excellente e um mestre de primeira ordem. Dentro de algum tempo estarás habilitada a resolver por ti só os problemas mais difficeis. És uma mulher como qualquer outra ; mas casaste com um homem bastante mais velho do que tu e que, além da experiencia da vida, tem a intelligencia e o instincto seguro das coisas».

Minha irmã parecia plenamente de accordo e eu acabei por convencer-me de que fôra afinal meu cunhado quem, por artes magicas, dirigira lá de Lisboa, tão efficazmente o caso melindroso do Raphael.

O dia em que o pobre homem ia ser emfim julgado, appareceu radioso. Nas vespersa chovera muito e sobre a terra escura dos alqueives, as oliveiras carregadas de fructo arredondavam as copas cinzentas. As folhas dos eucalyptos luziam, e todas as plantas tinham um ar consolado e tranquillo

sentindo-se definitivamente lavadas da poeira do verão.

Meu cunhado declarara que o Raphael devia chegar ao tribunal acompanhado por alguém cujo prestígio lhe servisse de protecção, annunciando que esse alguém seria elle. Mas n'aquella manhã tão linda, installou-se defronte da casa n'um sofá de vimes, fumando um grande charuto e lendo um romance.

«Eu afinal não vou,» disse elle. «Os caminhos estão muito maus e os solavancos incommodam-me».

E foi na almofada do phaeton, ao lado da minha irmã, que o guarda, pallido e tremulo, fez a sua entrada na villa.

Eu ia sentado atraz, com o moço da cocheira.

O phaeton rolava com estrondo pelas ruas estreitas e mal calçadas, as ferraduras das eguas batiam com força nas pedras desiguaes. Vinha gente ás janellas das casas, ás portas das lojas; os traseutes voltavam-se, paravam, seguiam-nos com olhares curiosos ou extaticos. N'algumas ruas mais solitarias havia gallinhas que fugiam espavoridas deante das eguas, e os cães vinham ladrando e galopando, esfalfados e aggressivos, atraz do carro.

Chegámos ao largo da Misericordia, onde se erguia a fachada do tribunal.

O phaeton parou defronte da escadaria, e o Raphael apeou-se de um salto e ficou perplexo, envergonhado defronte dos policias e da gente que

se aglomerava na porta principal com os olhos cravados n'elle.

A Carmo poz o pingalim no descанço, inclinou-se para o guarda, estendeu-lhe a mão e disse-lhe em voz alta, sorrindo :

«Até já. Raphael. Espero por si para voltarmos juntos, ouviu?»

O Raphael hesitou antes de apertar-lhe a mão. O pobre diabo nunca puzera na sua idea uma honra d'aquellas. As lagrimas bailavam-lhe nos olhos. Como toda a gente do campo, tinha medo da justiça. O mau era entrar n'aquella casa ; não confiava na sua absolvição e pensava no futuro e nos filhos.

Por fim subiu a escadaria de barrete na mão, humilde; dirigiu-se a um policia que o levou lá para dentro.

Fomos entretanto para casa do Dr. Seabra, medico de partido e pessoa de muita consideração. As senhoras tinham-nos preparado um almoço excellenté que durou eternidades.

Eu não podia comer; tinha um nó na garganta. Não fazia uma idea muito nitida do tribunal; imaginava-o uma casa grande e sombria com homens taciturnos e crueis sentados em circulo á volta do guarda.

A Carmo estava preocupada e falava pouco.

Na sala depois do almoço, foi sentar-se junto da janella a olhar para fóra.

Eram duas horas quando vimos apparecer o Raphael no fim da rua. Vinha quasi a correr.

Fomos esperal-o lá abaixo, á entrada.

Transpoz o limiar da porta e teve uma vertigem; encostou-se um momento á parede com a cabeça agarrada nas mãos. Depois atirou com o barrete ao chão, e sem falar (elle não podia falar), veiu cambaleando como um bebado até junto de minha irmã, ajoelhou e beijou-lhe a roda da saia.

O jury absolvera-o por unanimidade. Estava livre, livre, livre!...

Nunca mais na minha vida tornei a ver brilhar nos olhos de alguém uma alegria tão intensa, tão profunda.

A volta foi banal. A tarde estava linda, muito calma; falavamos pouco...

O resto não merece a pena de ser contado.

Historia da Lucia

Querida amiga.

Pede-me na sua ultima carta para lhe contar a historia da Lucia. Imagina que a Lucia deve ter uma historia e não se engana.

Os creados antigos, dizia a minha amiga, são como plantas humildes que se criam á sombra das grandes arvores... Não ha plantas humildes; todas teem a sua belleza. A flôr da esteva é tão perfeita e mais linda muitas vezes do que a rosa.

D'antes, quando eu ia de madrugada, na primavera galopar pela charneca, o meu cavallo pisava as estevas, batia com os cascos nas hastes floridas, e as pequeninas petalas brancas tão delicadas, desprendiam-se do calice e cahiam dispersas pelo chão.

Mas agora, se tenho a fortuna de atravessar a charneca na primavera, vou a pé devagarinho pelo carreiro fóra, para não desfolhar as flores da esteva; e não imagina como ellas me consolam dos espinhos que encontrei nas rosas.

.....
A avó e a mãe da Lucia já tinham sido creadas

da minha familia; a Lucia nascera lá em casa fôra á escola apprender a ler, a escrever, a contar, a coser e depois, quando soube todas estas coisas, entrou para o serviço de minha tia.

Desde que principiara a pensar nunca puzera outra coisa na sua idea nem conjecturara outro futuro. Que mais queria? Os vestidos que a minha tia lhe dava, ainda quasi novos e que ella aproveitava com muita habilidade, bastavam para o seu luxo. O dinheiro do ordenado crescia-lhe sempre, não sabia em que gastal-o; ia-se todo em presentes á familia, ás companheiras ou em esmolos.

Diziam-lhe muitas vezes:

«Não gastes tudo assim; vae juntando alguma coisa».

Mas a Lucia ria-se:

«Juntar para quê? Então quando eu fôr velha a senhora marqueza põe-me na rua?»

Nunca vi ninguem que tivesse mais profundo e sincero desprezo pelo que ganhava. O seu dinheiro andava aos trambulhões na caixa de costura, espalhava-se por cima das mezas, perdia-se, apparecia por toda a parte, tostão aqui, tostão acolá, descobria-se pelos cantos quando se varria a casa. Em compensação era avarenta com o dinheiro dos amos, regateando em todas as compras, discutindo nas lojas com os caixeiros e censurando minha tia se deixava na copa cinco réis que pertenciam ao troco do rol.

A pouco e pouco foi subindo de posto; passou

a creada grave. Era ella quem vestia a minha tia, quem a penteava; já não fazia o serviço dos quartos nem as limpezas. Lavava e engommava a roupa muito fina e as rendas que só a ella se confiavam, e, como era muito geitosa para talhar e coser, fazia os vestidos mais simples para as senhoras da casa e todo o fato para mim.

Meus tios queriam eleva-la a governanta; mas não o conseguiram. A Lucia nunca teve autoridade alguma sobre os outros creados.

Não fazia, é certo, serviços grosseiros, não comia com os companheiros na cosinha, usava chapéu e luvas... N'estas coisas se resumia a sua supremacia. Nunca foi capaz de se impôr, de mandar. Adorava cavaquear com os outros e qualquer lhe servia; interessava-se com todo o seu coração pela historia do ajudante de cosinha, escrevia-lhe as cartas para a familia; tinha infinitas indulgencias para todos os que comettiam erros, estendia sobre os culpados o seu manto de misericordia, advogava a sua causa com energia e coragem. Os amos acusavam-na de defender com maior calor os creados do que a elles proprios.

E, no emtanto, Deus sabe quanto eram injustos.

Pobre Lucia! Como ella nos adorava!

Para mim era uma segunda mãe e eu consagra-lhe um d'estes amores ferozes, egoistas, absorventes, de que são capazes as creanças que a falta de saude torna precoces e em cujo organismo se desenvolve uma sentimentalidade exagerada.

A Lucia não via mais terra além da que eu pisava; para ella o seu menino era o mundo todo.

Enchia-me de mimo, escondia as minhas maldades, tomava sobre si os meus crimes, quebrava lanças para me defender de todos os castigos, e, se não podia evital-os, tratava de consolar-me com doçuras e regalias que me compensavam mil vezes de todos os meus males.

Eu agradecia-lhe com tyrannias que a encantavam. Não podia passar sem ella.

Era a Lucia quem me levantava, quem me dava banho, quem me contava historias, quem tomava conta em mim o dia inteiro; quem concertava os brinquedos que eu escangalhava, quem me deitava e ficava, por minha ordem, sentada aos pés da cama, hirta, até eu adormecer, quem eu obrigava a passar commigo debaixo da meza e por entre os pés das cadeiras como se fosse do meu tamanho, era ella emfim quem soffria todos os supplicios inventados pela minha imaginação fertilissima. E tudo isto dava por bem empregado se eu, á noite, amollecido pelo somno, lhe deitava os braços ao pescoço antes de adormecer e lhe dizia que ella era a minha Luciasinha e que haviamos de casar um dia.

Qualquer meiguice minha lhe humedecia os olhos cheios de bondade fazendo rolar, ao longo das suas faces, lagrimas enternecidas e ouvia-a murmurar:

«Coitadinho... coitadinho do meu querido amor!»

Era tão bom!

Se me magoava, se eu cahia, se era castigado, se escangalhava um brinquedo preferido, se tinha emfim um d'esses desgostos que as pessoas crescidas não comprehendem, mas que são enormes e terriveis para a limitada capacidade de soffrimento da nossa primeira infancia, que refugio eu encontrava no amor da Lucia! Ninguem tomava a serio as minhas tristezas; mas ella não sorria; se me via chorar ficava desolada até ao fundo d'alma e não tinha descanso enquanto se não dissipavam as minhas maguas.

Eu gostava até de estar doente de cama. Era divertido tel-a ao pé de mim inventando coisas para me distrahir; dava-me os remedios, fazia-me os tratamentos, vinha pé ante pé, nas horas agitadas da febre, a cada momento debruçar-se sobre a minha cama, escutar-me a respiração; passava devagarinho a mão tão leve sobre a minha testa, aconchegava-me a roupa, concertava-me as almofadas; e entretanto ia disfarçando os suspiros, fingia-se alegre e envolvia-me todo nas ondas tão carinhosas e tão protectoras do seu immenso amor! Vel-a passar como uma sombra, sem ruido, na tenue e vacillante claridade da lamparina, vel-a immovel noites inteiras, sentada junto de mim, de olhos abertos, attentos, vigilantes, a defender-me de todo o mal, como uma sentinella postada ao meu lado, inaccessible ao somno ou a qualquer pensamento estranho, toda concentrada na guarda da minha pessoa, sentir-me assim um

objecto precioso, um thesouro, um bem incalculavel... era delicioso!

Muito mais tarde pela vida fóra, quando fiquei só, quando tive amarguras e desgostos verdadeiros, quando uma grave doença me prostrou, quantas vezes e com que saudade eu me lembrei da Lucia e da sua devoção que me protegia como um talisman fazendo de cada dôr e de cada perigo um goso e uma segurança!

.....

Um dia Cupido...

(Porque ha sempre um dia em que apparece esse desmancha-prazeres.)

Foi no campo,

Como eu me lembro tão bem de tudo isto! Teria uns seis annos se tanto e reconstituo na memoria as peripecias do drama como se fossem passadas ha poucos dias... E já tenho o cabello quasi todo branco!

Havia na villa um sapateiro que se chamava Daniel Capitão. Acho que seu avô servira como capitão de milicias e o titulo do posto honroso fôra adoptado pela familia como appellido.

Em todo o caso o Daniel Capitão era uma personagem importante, muito respeitada e admirada pela creadagem que o achava superior.

Trabalhava muito bem no seu officio, e além de botas e sapatos, fabricava tambem arreios.

A sua loja podia-se ver. Desde as botas altas e cardadas de caçador até ao sapato de baile para senhora, desde a colheira bem enchumaçada e

solida para as bestas das galeras até às redeas delgadas e flexiveis de uma cabeçada de luxo para toureio, nada lhe faltava.

O Daniel era um janota. Alto delgado, de bigode loiro retorcido, fazia gosto vel-o quer de chapéu de côco e jaquetão quer de jaleca e mazantini. E depois, muito bem falante, muito lido em cortezias e bôas maneiras. Assim á primeira, chegava mesmo a parecer um fidalgo.

Nem admirava por que elle aprendera com bons mestres.

Começara por pouco. Depois prosperara, juntara alguma coisa, associara-se a um ricaço, desenvolverá muito o negocio dos arreios, relacionara-se com gente de toiros que lhe fazia grandes encomendas, lhe apertava a mão, o tratava por tu, e o convidava para jantar e cear. . .

Quando havia na villa toiradas bôas (que as havia de mão cheia, com artistas de nomeada e curros do Palha), era na loja do Daniel que se reuniam á noite a conversar, os toireiros e os marialvas. Era o Carlos Relvas, o Fernando de Oliveira, o Marreca, e espadas de Madrid, e até amadores titulares.

O Daniel quando falava d'esses serões e se referia aos seus freguezes, dizia: O Carlos, o Fernando. . . E tinha a impressão que o facto de tratar só pelos nomes de baptismo pessoas tão importantes, o fazia crescer, elevando-lhe a propria cathegoria.

Foi n'essa sociedade que o Daniel adquiriu as

suas bonitas maneiras. Toda a gente sabe que não ha ninguem como um cavalleiro para cumprimentar uma senhora ; é logo um juntar brusco dos calcanhares que faz telintar as esporas, um descobrir-se em gesto largo pegando no mazantini pela copa e afastando-o para o lado com o braço estendido. E como é elegante o cumprimento do bandarilheiro a um amigo que passa, levando a mão á altura da testa e fazendo um signal de adeus que se parece com o gesto rapido que esboça ao publico do sol, lá na praça, quando os applausos atroam os ares e elle ainda tem os braços tremulos de ter mettido o ultimo par de farpas.

E todos elles sabem tornear uma phrase de cortezia bem sonora, responder com uma galanteria a qualquer elogio, discutir á entrada de uma porta para dar o passo a outrem e lembrar-se sempre de todas as attenções que se devem ás senhoras.

O Daniel á força de admirar os seus freguezes, apprendera com elles todas estas coisas ; tornara-se tão entendido em assumptos de toureio que ás vezes n'uma discussão dava sóta e az aos mais malhados, e tão conhecedor de cavallos que nenhum cigano o intrujava. Muitas vezes os fidalgos da visinhança convidavam-no a dar a sua opinião sobre uma praça, uma parelha que traziam no sentido e que não se decidiam a comprar sem a mostrar ao Daniel.

Meu tio consultava-o sempre que se tratava da compra de algum cavallo.

Ainda hoje me parece que estou a ver o Daniel, andando á roda do animal, apalpando-lhe as mãos e as pernas, não tivesse elle algum esparvãosito, abrindo-lhe a bocca, inspeccionando-lhe os cascos um por um, reparando-lhe na largura dos peitos, mirando-o de traz não fosse canejo, mandando o moço correr com elle á redea pela alameda fóra, para o ver bem no trote, ora de frente, ora de lado, para se capacitar de que não era topinho nem se tocava.

E vagarosamente, accendia um cigarro, dava um piparote na aba do chapéu que lhe deixava a testa descoberta, mettia as mãos na cinta, expellia entre os dentes um jacto de saliva para muito longe e, bem plantado no chão, de pernas abertas, ficava pensativo, seguindo com o olhar o cavallo, a sua linha do dorso, o descabido da anca...

Invariavelmente concluia affectando não ver o vendedor e dirigindo-se a meu tio:

«Pois senhor Marquez... uma azemola! Nem para picar á hespanhola de olho tapado...»

E como o vendedor tentasse intervir protestando, o Daniel interrompia-o logo:

«Nem para carroça de ciganos!... Cá por mim mesmo que m'ò dessem dado, não o queria; só se fosse pelo esterco!»

E voltando-se de repente para o vendedor que resmungava:

«Que está você p'rahi com lérias? Ainda você não sabia onde tinha a cara, já eu entendia d'isto. Olhem que prenda, hein? Alli, na perna esquerda,

um esparvão; o casco d'aquella mão, aberto; selado que é uma miseria; e já se foi abaixo mais de uma vez. Quem fôr a dar attenção, a pileca está mas é com uma pulmoeira. . . É isto mesmo. Escusa de me torcer as ventas que não tenho medo de você nem de mais outro como você. Cuida que não tenho olhos na cara?»

Mas apenas o vendedor se afastava carrancudo e remoendo pragas, o Daniel segredava:

«De truz, senhor marquez! Uns peitos que é uma belleza. Rijo. Fino. Bom jogo de mãos. Seguro. Um passo de estrada, de mão cheia. Enfeitase como um catita. Vá V. Ex.^a até quarenta libras, que fica de ganho.»

E o meu tio dava as quarenta libras ou mesmo mais porque bem sabia que n'estas coisas o Daniel era de *primeirissima* e nunca se enganava. E o dono, que poderia talvez ter vendido o cavallo por mais oito ou dez libras, tambem ficava contente imaginando ter feito um bom negocio, sobretudo depois do palavriado depreciativo do Daniel.

Era no verão, aos domingos de tarde, que eu via-o Daniel em toda a sua gloria quando elle conversava com o feitor, com o Romão, com o guarda, com o cocheiro, e que as creadas faziam roda para o escutar.

Falava do seu negocio; de um arreio completo á Marialva que tinha entre mãos, com chaparia de prata, falava dos seus freguezes, dos que pagavam bem, dos que lhes pregavam cães. . . Contava casos de cavallos; ainda na vespera experimentara

uns trotadores por conta do morgado do Carvalhal, que tinham engulido seis leguas emquanto o diabo esfrega um olho.

«Ah! rapazes! Aquillo é que a gente ia nas horas de estalar!»

Dépois vinham anedoctas; a descripção da ultima toirada em Villa Franca e da ceia d'essa noite com os artistas.

«Gente como eu gosto! Em se tratando de brodio não se olha a dinheiro. É comezaina e mais comezaina, e da melhor, e vinhos de todas as qualidades e á vontade! Olha, o morgado do Carvalhal ficou estendido debaixo da meza.»

Os homens riam.

E então o Daniel enthusiasmava-se, puxava-os mais para longe, contava-lhes baixinho uma historia; havia um momento de silencio e de repente entre gargalhadas, partiam exclamações vehementes que não se acabavam para não ferir os ouvidos pudicos das creadas que tambem o escutavam:

«Ai o grande...»

«O demo do...»

«É d'uma canna, o refinado...»

Depois, aquella explosão amainava e falava-se de coisas serias: das novidades, da ultima feira de gado, e mesmo um pouco de politica porque o Daniel sabia de tudo.

Sentada no ultimo degrau da escada de pedra, ao lado de um vaso de barro pintado de branco, em fórma de urna, de onde irrompiam as folhas turgidas e aggressivas de uma piteira, a Lucia, de

braços cruzados debaixo do chalinho de *crochet*, de luneta escarranchada no nariz, com os seus bandós pretos muito lisos e bem apartados, admirava em silencio.

A tarde baixava. Escurecia.

Entravam todos para a cosinha. O Romão punha a chaleira ao lume para o chá.

O cocheiro ia buscar a guitarra.

O Daniel, deitava fóra a ponta do cigarro, pegava no instrumento, mirava-o e remirava-o com ares entendidos, batia-lhe no tampo com os nós dos dedos, estendia o labio inferior n'uma careta de desdem; depois afinava apertando as cravelhas que rangiam, e principiava a tocar um acompanhamento em menor.

Pediam-lhe que cantasse.

Elle respondia que era mau cantador, mas não se fazia rogado...

Cantava o choradinho, o fado da Severa...

Tinha uma voz de tenor um pouco rouca, cantava a meia voz para não se ouvir na sala.

Calavam-se todos, ficavam immoveis, hypnotisados pela magia do fado e da guitarra, embriagados pelo torpor que se evola da melodia tão portugueza, tão repassada de sentimentalismo e de sonho, vaga, morbida e plangente, sempre igual e sempre diversa como as ondas do mar.

Depois ouvia-se uma traquinada; era a tampa da chaleira que principiava a dançar.

O Romão, deitando a agua a ferver no bule, dizia:

«Cala-te d'ahi, ó coiso! Os senhores vão para a casa de jantar e ouve-se lá tudo.»

O Daniel largava a guitarra, passava o lenço na testa, enrolava um cigarro.

O cocheiro exclamava com admiração:

«É quem canta mais a meu gosto cá n'estas redondezas.»

O jardineiro, encostado ao deposito da agua, olhava pela janella aberta para o pomar, com olhos pasmados.

E as creadas trocavam as suas impressões:

«O demo do home!»

«Faz um não sei quê á gente...»

«Lá assim então nunca ouvi...»

A Lucia calava-se; mas como era sentimental, tirava as lunetas e, disfarçadamente, passava os dedos pela borda das palpebras.

.....
As relações do Daniel com a casa vinham de longe. Havia já uns poucos de annos que sua irmã Leonor, entrára para o nosso serviço. Era creada de quartos e da roupa.

Ao principio, o Daniel, ainda muito novo e no começo do seu negocio, vinha visitar a irmã lá de tempos a tempos; fazia a pé o caminho da villa até á quinta, umas boas duas leguas. Foi travando conhecimento com todos e as suas visitas tornaram-se mais frequentes até que por fim apparecia quasi todos os domingos.

O seu negocio foi prosperando, tinha juntado dinheiro, pensava em comprar um predio; agora

já não fazia o caminho a pé; vinha montado n'um cavallo pigarço que fôra de cortezias e que mettia um vistão.

Uma vez sua irmã Leonor veio contar á Lucia que o Daniel lhe propozera ir para a sua companhia quando comprasse a casa; mas ella abanara as orelhas. Nada, nada... Para quê? Estavam muito bem como estavam. Cada um com a sua vida.

Ella alli sempre ia juntando alguma coisita... Se o Daniel queria quem lhe governasse a casa, que procurasse mulher. Já não era sem tempo e, graças a Deus, não lhe faltava com que a sustentar. Até parecia mal que um homem já feito e com dinheiro, se não acomodasse e não criasse familia. A vida de solteiro não presta em um homem começando a ter cabellos brancos: por muito que tenha de seu, anda desprezível. Não ha como o arranjo da casa, mulher e filhos, para livrar de tentações más...

A Lucia escutava acenando com a cabeça aprovativamente; no fim perguntou:

«E elle o que disse?»

«Ora!... Poz-se a rir!»

A Lucia ficou pensativa.

O tempo foi passando; viemos para Lisbôa como de costume, durante os mezes de inverno.

Quando voltámos, recommçaram as visitas do Daniel.

Mas o Daniel estava mudado; mais sizudo, mais grave. Pouco o entretinham as conversas com o

feitor e os mais. Comprára o predio; do que elle gostava agora era de conversar com a irmã e com a Lucia. Contava-lhes como estava arranjando a casa, as hortaliças que tinha no quintal...

Um domingo trouxe á Lucia um cestinho de morangos; eram os primeiros que tinham nascido lá na borda da regadeira. A Lucia, que era gulosa, adorou o presente.

De outra vez, como tivesse estado n'uma feira, trouxe-lhe um par de jarras de loiça côr de rósa com uma cercadura de amores perfeitos.

A Lucia achou que o Daniel fazia gastos demasiados com ella e collocou as jarras em cima da commoda, dos dois lados da sua Nossa Senhora, com um ar desprendido; mas, como se estava no mez de Maria, todos os dias lhes punha flores.

Ainda não tinham passado tres semanas, e já o Daniel lhe trazia uma pregadeira de velludo vermelho do feitio de um coração.

D'ahi por deante a Leonor começou a ter sempre coisas importantes que fazer aos domingos de tarde.

Apenas chegava o irmão e se encostava pelo lado de fóra ao parapeito da janella do quarto de costura, onde ella e a Lucia estavam sentadas a tomar o fresco, a Leonor levantava-se:

«Deixa-m'ir... Tenho lá em cima um monte de roupa molhada...»

«Quem te mandou molhar roupa, hoje que é domingo?» perguntava a Lucia.

«Fico mais aliviada para amanhã» respondia a outra já da porta.

E sumia-se.

A janella do quarto de costura era muito baixa e dava para as trazeiras da casa onde havia um pomar de laranjeiras, com a folhagem viçosa e luzidia, carregadinhas de fructo e de flor. Esse pomar era pequeno e vedado; andavam lá dentro os cães de guarda, da Serra, muito ferozes, que só á noite se soltavam.

Mas o Daniel não tinha medo dos cães. Entrava no pomar pela cancella do fundo, assobiava-lhes e falava-lhes e elles calavam-se, conheciam-n'o, faziam-lhe festas; vinha depois por alli fóra, seguro de si, todo risonho, com o seu andar um pouco gingão, de mãos nos bolsos.

A Lucia fingia que não o via chegar. Distrahia-se sempre n'essas occasiões com qualquer coisa inesperada: um rasgão que descobria na borda da saia, o bebedouro do pintasilgo que não tinha agua, uma peça de costura que ficára fóra do seu logar... Nem lhe ouvia os passos, nem o seu pigarro. Só quando elle se debruçava no parapeito da janella com a sua phrase habitual: «Ora tenham muito boas tardes!» é que ella se voltava, surpreendida.

Pobre Lucia! Era a sua unica manifestação de *coquetterie*; dissimulava tão mal que até eu percebia o seu fingimento.

N'aquellas tardes de verão, aos domingos, os creados reuniam-se perto da cosinha n'uma escada

de pedra que alli havia. E vinha o cocheiro, o guarda, ás vezes algum moço da abegoaria, e as raparigas das gallinhas, as lavadeiras, o jardineiro. Contavam-se historias, cantavam-se cantigas, diziam-se adivinhações, ria-se muito. Ás vezes havia jogos e correrias ou danças das raparigas umas com as outras.

Ficar com os creados, tinha para mim os maiores encantos. Todos se riam das minhas graças, todos faziam immenso caso de mim.

N'aquelle anno a Lucia, só por grande excepção, vinha nas tardes de domingo para a escada de pedra.

Ficava lá dentro no quarto de costura com a Leonor fazendo alguns arranjos na sua roupa, ou arrumando qualquer gaveta...

Mas eu não me conformava com a sua ausencia. A festa cá fóra sem ella não era completa. E depois lembrava-me que o Daniel estava lá com ella a conversar e afogava-me uma onda de ciume.

Partia a correr, atravessava os corredores, entrava de roldão no quarto de costura.

«Lucia! Lucia! Vem cá para fóra! Estão a dançar... Anda ver!»

Mas ella declarava que tinha muito que fazer, E eu insistia, puxava por ella, zangava-me, punha em acção toda aquella tyrannia a que ella raras vezes sabia resistir. Quando a Lucia estava prestes a ceder, o Daniel intervinha; desviava-me a attenção para outra coisa; contava-me uma historia de toiros, pedia papel e thesoura e fazia

danças de bonecas recortadas, e gallinhas e barcos... ficava-me entretido a ver as suas habiliidades e depois partia com o bibe cheio dos bonitos que ia mostrar aos outros lá fóra...

Um dia a Lucia fechou-se no quarto com minha tia, demorou-se lá horas a falar, a falar... e por fim sahiu com os olhos vermelhos, as mãos tremulas... mas radiante!

Depois começou a fazer muita roupa branca e toda a gente lhe dava presentes: lençoes, toalhas, guardanapos...

Agora, quando vinha o Daniel, já não ficava da banda de fóra da janella; entrava, sentava-se ao lado da Lucia; ella mostrava-lhe os presentes, conversavam a respeito da casa na villa e de umas obrasitas que elle andava fazendo, de moveis e loiças que comprara; ás vezes não diziam nada e ficavam-se de mãos dadas, callados, muito pallidos.

Por fim percebi que a Lucia ia casar com o Daniel.

Não sei ao certo que idea fazia eu d'esse acontecimento. Sei que tive um desgosto enorme.

O ciume que a pouco e pouco fóra crescendo no meu coração transformara em antipathia a minha antiga amisade pelo Daniel.

Vagamente previa que a Lucia ia partir com aquelle homem, que ia gostar muito mais d'elle do que de mim, que eu deixaria de ter a toda a hora ao meu lado o seu amor incondicional, a sua infinita indulgencia...

Sentia-me profundamente irritado e infeliz.

Julgava-me lezado nos meus direitos. A Lucia era *minha*, a sua obrigação era estar commigo, aturar-me, servir-me, adorar-me. Todo o egoismo e toda a tyrania latentes na minha alma, desabrocharam de subito com uma violencia feroz.

Amuava; não queria que a Lucia me abraçasse, me beijasse. Fechava-me n'um mutismo terrivel. Depois á hora de me deitar, quando a bebedeira do somno me quebrava, atirava-lhe os braços ao pescoço e soluçava com a cara encostada á sua mão, até adormecer, repetindo sem fim:

«A Luciasinha já não é amiga... já não é amiga...»

Á medida que se approximava o dia fatal, a irritação decahia; ficava a angustia e a dor. Agarrava-me á Lucia com todo o meu coração afflicto e só tinha rancôr ao Daniel que era o meu pesadello.

Um dia atirei-me a elle á pancada, sem mais nem menos; outra vez deitei-lhe á traição um copo de agua pelas costas abaixo.

Detestava-o. Detestava tudo n'elle: o cheiro do cigarro, as calças esticadinhas, a jalleca de velludo com alamares de prata que eu d'antes tanto admirava, o pigarro, o tinir das esporas...

Comecei a perder o appetite. Uma noite demorou-se até mais tarde e a Leonor veio deitar-me em logar da Lucia; tive uma insomnia que durou até de madrugada. Agitava-me, suspirava, queria levantar-me, ardendo em febre... A Lucia já não sabia o que fazer. Dava-me chá de tilia, chá de

flôr de lorangeira, dizia que viria vêr-me todos os dias, levar-me á sua casa onde teria um burrinho só para mim e um tanque cheio de peixes vermelhos para eu pescar.

Mas todas estas seducções me deixavam indifferente. Repetia sem fim rebolando a cabeça no travesseiro :

«Gostas mais do Daniel... Gostas mais do Daniel...»

Por fim a Lucia afastou-se da minha cama e foi ajoelhar-se defronte da commoda sobre a qual estava uma imagem da Senhora das Dores (que era a padroeira da nossa casa), com um ramo de rosinhas de tocar de cada lado e a lamparina ao meio.

Eu continuava agitado, com a bocca secca e os olhos a arder...

A Lucia conservava-se de joelhos defronte da commoda, com a cara entre as mãos ; só pelo movimento convulsivo dos hombros eu percebia que ella chorava devagarinho.

O que estaria ella dizendo a Nossa Senhora ?

Depois de algum tempo levantou-se, pegou n'uma cadeira baixa que trouxe para junto da minha cama, sentou-se, pegou-me nas mãos, que acariciou longamente entre as suas e disse-me :

«Dorme, dorme, meu querido amor... Eu não caso com o Daniel. Fico toda a vida... toda a vida contigo. A Lucia é tua, só tua...»

Sentei-me bruscamente na cama, atirei-me contra o seu peito :

«Luciasinha !... Como tu és bonita !»

Depois larguei-a, olhei para ella de repente, desconfiado; não queria acreditar na minha felicidade. Mas encontrei os seus olhos fieis que me olhavam com tanto amor... e logo senti que ella me não mentia.

A Lucia estava muito calma. Tremiam-lhe ligeiramente os beiços e tentava sorrir.

Fez-me deitar, concertou-me as almofadas, aconchegou-me a roupa :

«Agora dorme, dorme...»

Por entre as persianas principiava a entrar a claridade do alvorecer; e lá fóra os passaros faziam uma grande chilreada...

E eu sentia a mão da Lucia, muito leve, que acariciava a minha testa n'um movimento rythmico e a pouco e pouco me adormeceu.

Foi assim que ella sacrificou a sua felicidade e me deu a vida toda, simplesmente, como quem offerece um casal de pombos ou uma cestinha de fructa.

.....

O Daniel deixou de ir lá a casa.

Aos domingos de tarde nunca mais se ouviu pela alameda, o trote do seu cavallo pigarço que vinha por alli fóra todo na mão, arreado á campina, com as pontas da pelle de carneiro a baterem-lhe nos flancos. Nunca mais, por entre as folhas dos platanos, o sol veiu brilhar nos alamares de prata da sua jaleca, nem nas chaparias de latão dos seus estribos mouriscos.

Os creados juntavam-se como d'antes na escada de pedra e conversavam, riam e dançavam...

A vida na quinta continuava do mesmo modo para todos.

Para todos... para a Lucia tambem.

O seu sacrificio fôra completo, absoluto; não deixara raizes de azedume, de arrependimento, nem a idea de que alguém lhe devesse compensações, gratidão... nada.

Nunca mais falou n'isso. Era uma coisa que tinha ficado lá entre ella e Nossa Senhora das Dores.

Durante muito tempo conservou o costume de não sahir do quarto de costura aos domingos de tarde. Lá se entretinha a fazer repartições do seu enxoval.

Guardou algumas coisas para a familia, outras deu a raparigas do serviço, coitaditas, que iam casar e levavam só duas ou tres camisas...

Depois, quando principiava a escurecer, sentava-se junto da janella e ficava muito quieta a olhar para o pomar.

Mas não esperava ninguem; ella bem sabia que que a cancella não se abria áquella hora.

Ao principio do inverno, começaram a apparecer os pobres que andavam de quinta em quinta, esfarrapados e doentes, pedindo roupas velhas para se abrigarem do frio. E um a um, lá se foram todos os cobertores do enxoval da Lucia.

Os lençoes guardou-os ella na sua arca; quando chegava uma pobre mulher embiucada, com um lenço branco amarrado em volta da testa em signal de luto, a pedir um farrapo de linho para embulhar o morto que lá tinha em casa, nusinho

debaixo da manta rota e suja... quem dava a mortalha era a Lucia.

E dizia á infeliz, entregando-lhe o lençol de bainha aberta, alvo como neve e com duas letras entrelaçadas (duas letras que já não tinham sentido):

«Deus a ajude... E olhe que o seu defunto vae bem amortalhado, que isto é linho fino de Guimarães e novo em folha».

A Lucia tornara-se melhor ainda, mais paciente, mais compassiva, mais prompta a fazer as vontades a todos e a desculpar os erros dos outros.

A pouco e pouco a sua vocação de enfermeira, desenvolveu-se de tal fórma que os medicos já a conheciam. Quando apparecia lá no hospital da villa um pobre diabo com a cabeça rachada n'al-guma espera ou rixa da feira, embrulhada no primeiro penso, os medicos diziam-lhe:

«Trataram-te lá na quinta dos Cedros, hein? Anda, que tiveste sorte».

E alli, por aquellas redondezas, tudo vinha ter com ella: um braço escalavrado por nma roda da debulhadora, um dedo cortado por uma gadanha, uma picada de lacrau, a marrada de uma vacca brava, o coice de um jumento, uma cacetada... A *Senhora Lucia* é que os havia de concertar.

Os meus tios faziam bem a toda aquella pobre gente: vestiam creanças, davam esmolos mensaes em generos, carradas de lenha no inverno, remedios, pão, azeite, davam até caixões que os carpinteiros da quinta fabricavam para os defuntos. Mas quem falava com os pobres era a Lucia; era

ella quem lhes ouvia as queixas, quem chorava com elles; era ella quem punha o pão e a hortaliça nos cestos e nos alforges e o pedaço de tocinho embrulhado na folha de couve e enchia as almotolias de barro e pesava o quinino para os desgraçados que vinham a tiritar com o frio das seções, pedir *os pozos brancos*, pelo amor de Deus...

Nos primeiros tempos as visitas lá de casa commentavam a resolução heroica da Lucia.

«Pois então! Mostrou que tem juizo. Não quiz deixar o certo pelo duvidoso e fez bem. Onde estará ella melhor do que onde está?»

E outros acrescentavam, doutoraes:

«E ainda que lhe custasse, ainda que fosse um grande sacrificio?... grandes favores deve ella aos amos e não fez mais do que a sua obrigação.»

Ah! Senhor! Quantas vezes pela vida fóra, eu ouvi estas vespas zumbirem em torno de meus tios trazendo-lhes o mel venenoso da sua adulação, cravando o seu ferrão traiçoeiro nas mais lindas flores do sentimento!

Depois... os annos foram passando e o esquecimento foi esbatendo todas estas coisas. De tempos a tempos alguem lembrava-se de dizer uma graça á Lucia a respeito do Daniel e do seu malogrado casamento.

Ella sorria:

«Coisas que passam pela cabeça!...»

.....
Cresci, fui para Coimbra estudar, a vida levou-me para longe... Quando vinha de visita a casa

de meus tios, a Lucia acanhava-se, tolhida de assombro e de veneração perante da minha sabedoria. Para ella, eu era realmente um deus.

Um dia de outomno, lá na quinta, como tomássemos o café no terraço depois do jantar, a Lucia appareceu á porta da sala, com um olhar estranho de angustia :

«Fabricio ! . . . »

E ficou immovel no limiar, com a pobre alma toda tendida para mim a pedir soccorro.

Approximei-me, muito inquieto.

«Não sei o que tenho . . . » disse ella. «Este braço tão pesado . . . »

E já quasi não podia falar; a bocca descabia-lhe do lado direito, e o braço tornara-se-lhe de chumbo e morto . . . Se a não seguro, cahia.

Era um ataque apopleptico. Durante tres dias estive entre a vida e a morte.

Por fim arribou. Principiou a andar pela casa, devagarinho, encostada a uma bengala, arrastando a perna, com o braço sem movimento, e a sua bôa cara de bondade, transtornada, toda torta, com uma expressão parada . . .

Tinha eu então um sobrinho de tres annos que se parecia muito commigo e que era os encantos da Lucia.

Antes d'ella adoecer, o pequeno sentado á meza do serão, todos os dias depois do jantar, exigia a Lucia alli ao seu lado, de pé, auxiliando-o na construção dos castellos de dominós ou explicando-lhe os *bonecos* dos livros.

E a Lucia, apenas se poudo mexer, desceu a escada e veiu para a sala do serão, á noitinha, entreter a crianca como de costume.

Mas o pequeno estranhou-a. Estava sempre a olhar para ella com desconfiança; aquella cara torta, não era a da sua Lucia de sempre.

Por mais que o distrahissemos, voltava-se a cada momento. Por fim impaciente, com um principio de medo, implorou :

«Luciasinha!... Não faças essa cara tão feia! A outra! O menino não gosta.»

A pobre Lucia não disse nada; fez-nos signal para que o entretivessemos um momento, e sahio da sala, devagarinho, arrastando a perna, levando o lenço aos olhos para enxugar as lagrimas que não podera reter.

Nunca mais voltou ao serão; e com medo de impressionar as creanças (ella que passara a vida a entretel-as e que as amava com todas as forças do coração), não sahia lá do quarto de costura, mesmo nas tardes lindas do outomno aos domingos, quando os outros estavam cá fóra a conversar e a rir...

.....

Em dois annos teve tres ataques e o ultimo levou-a.

Morreu na quinta. O cemiterio da freguezia era a tres kilometros; um triste cemiterio de aldeia, muito pobresinho, sem flores, sem arvores, n'um descampado. Um cemiterio onde descansavam só os aldeões, que desciam á terra entre quatro ta-

boas de pinho ou embrulhados simplesmente n'um lençol; levavam-os para lá n'uma especie de padiola...

Na villa não havia carros funerarios. Os caixões eram conduzidos a braços ou então n'um carrinho pequeno puxado por dois homens.

Mas apenas soube a noticia, o Daniel mandou pedir licença a meus tios para se encarregar de tudo.

O Daniel já não era o mesmo. Casara rico, tornara-se proprietario de varios predios, tinha um negocio importante.

Engrossara, adquirira um abdomen de commendador, metterá-se na politica, dispunha de immensos votos, e tinha um filho a estudar para doutor.

No dia do enterro, appareceu na quinta uma carruagem descoberta puxada por dois soberbos cavallos pretos, um cocheiro muito correcto com um laço de escumilha no chapéu; dentro do carruagem, vinha um grande panno de velludo franjado de oiro para se deitar por cima do caixão.

O Daniel dirigia tudo.

O cortejo era muito grande: o feitor, o guarda, o abegão e toda a creadagem de lavoura, os capatazes, todos os homens do serviço e gente dos arredores a quem a Lucia acudira, a quem tratara e consolara...

O caixão ainda estava lá dentro.

Quando meu tio appareceu á porta, o Daniel aproximou-se e cumprimentou-o como d'antes, sem lhe estender a mão.

Estava muito pallido, mas não queria que percebessem a sua commoção.

Orgulho? Pudor?... Quem pode saber o que se passa n'um coração que se esconde, mesmo no mais simples?

Pela força do habito, mostrou a meu tio a parrelha:

«Veja, senhor marquez... Fui eu que os escolhi. Não teem um defeito. São do meu socio; pedi-lh'os emprestados... são muito mansos. Conviha que fossem muito mansos e tivessem um passo egual... porque... bem vê... os caminhos estão um pouco estragados... é preciso que o carro não dê solavancos...»

E o pobre Daniel interrompeu-se bruscamente, virou as costas e, escondendo a cara nas mãos, desatou a chorar como uma creança.

INDICE

	Pags.
A nossa terra	5
O ex-Antoninho	21
Joe Gardener	35
O grande Symphronio	43
A Carochinha	51
Papelada	59
Josepha Perez	65
O Romão	73
O senhor Prior	95
O Vara-e-meia	103
Os mascarados	111
Elles	123
D. Bernardim	131
Morte d'homem	149
Historia da Lucia	175

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

AILLAUD, ALVES & C.^a

78, Rua Garrett, 78 — LISBOA

Ultimas novidades:

- A REPUBLICA E A ESCOLA**, por *J. de Barros*. — 1 vol. in-16, 18×12^{cm}, brochado. 700 rs.
- ANCIEDAD**, por *João de Barros*. — 1 vol. in-16, 19×13^{cm}, brochado 600 rs.
- A CRIAÇÃO**. (Vida e historia da Arvore), por *Antonio Corrêa d'Oliveira*. — 1 vol. in-16, 18×12^{cm}, brochado 700 rs.
- A ALMA DA ARVORE**, por *Antonio Corrêa d'Oliveira*. — 1 vol. in-16, 18×12^{cm}, brochado 500 rs.
- MAGAS E HISTRIÕES**, por *Manoel de Sousa Pinto*. — 1 vol. in-16, 18×12^{cm}, de 392 pags. com numerosas gravuras, impresso sobre papel *super-calandrê*. Capa artistica em duas côres sobre papel de luxo, brochado 700 rs.
- LIVRO DE MORALIDADES**, por *Joaquim Manso*. — 1 vol. in-16, 18×12^{cm}, brochado 500 rs.
- AS MAIS LINDAS CARTAS D'AMOR**, recolhidas e publicadas por *Anniê de Pêne*. — 1 vol. in-16, 18×12^{cm}, com uma capa em duas côres de *A. Moraes*, brochado 700 rs.
- D. PEDRO E D. INÊS, "O grande Desvayro"**, por *Anthero de Figueiredo*. — 1 vol. in-16, 18×22^{cm}, de 328 pags., 2.^a edição, brochado 800 rs.